

(...) No que diz respeito ao processo eleitoral, a lei estabelece que "para organizar e dirigir o processo eleitoral, o Governo constituirá uma Comissão Nacional de Eleições composta por pessoas que, pelas suas características profissionais e pessoais, dêem garantia de equilíbrio, objectividade e independência em relação a todos os partidos políticos".

Democracia PÁGINA 10

João Leopoldo não é da sociedade civil

www.verdade.co.mz

MURAL DO POVO

"NO OFÍCIO DA VERDADE, É PROIBIDO PÔR ALGEMAS NAS PALAVRAS" - CARLOS CARDOSO

MURAL DO POVO - Frelimo X Renamo
Até quando vai durar a guerra entre irmãos?

MURAL DO POVO - Frelimo X Renamo
O capim é que sofre quando os elefantes lutam.

MURAL DO POVO - Paz
A paz é refém do consenso, por isso, como cidadão desta pátria, apelo a debates e, por fim, que reine a "PAZ"!

MURAL DO POVO - Paz em Moçambique
O que tem acontecido neste país entre os dois famosos movimentos políticos (Frelimo X Renamo) dá-nos a entender que em Outubro de 1992 eles foram a Roma fazer turismo e não para assinar o

Acordo Geral de Paz!!!

MURAL DO POVO - Ministros do Turismo da CPLP
Os ministros do turismo da CPLP vieram a Maputo aprender como se cria e se conserva o lixo nas cidades.

MURAL DO POVO - Governo em Moçambique
O que Moçambique precisa é de um governo de salvação nacional, em que todos os seus filhos possam contribuir com o seu saber para o desenvolvimento.

MURAL DO POVO - Liberdade
Enquanto o país continuar nas mãos da quadrilha "Frelimo" todo o moçambicano será refém.

MURAL DO POVO - Fúria do povo
Quando o gueto se fartar das brincadeiras de Guebuza/Dhlakama o país vai parar, e não falta muito. Foi assim com o pão.

MURAL DO POVO - Insinuações da IURD
Esta igreja detentora de sofisticados meios de comunicação social usa e abusa deles. Vejam as sessões ou vídeos em que simulam feitiços.

MURAL DO POVO - Guebuza e Dhlakama no TPI
Os dois, Dhlakama e Guebuza, têm um lugar no Tribunal Penal Internacional. Sem deixar de referir uma eterna morada no inferno. Sangue do povo que jorra tem dono.

MURAL DO POVO - Povo deve despertar
De que estamos à espera povo? Estes dois dinossauros até quando nos vão assustar?

MURAL DO POVO - Reacção de Guebuza
Já era de se esperar que perante o caso Muxunguê Guebuza apenas dissesse "as minhas condolências".

MURAL DO POVO - Eleições
Nas vésperas das eleições é preciso que se tome tanta atenção, muita coisa vai ainda acontecer, de maneira muito estranha. O caso Muxunguê é só um começo do plano da Frelimo.



Manifestação ou reunião pública não precisa de autorização

Destaque PÁGINA 16-17



Marlins prejudicados pela LMF

Desporto PÁGINA 22



Nhamsoro wa buya

Plateia PÁGINA 28



Mwaa @ Mwaa_
#Respect RT @verdademz Ana Maria Muhai foi uma das primeiras pessoas a quebrar o silêncio revelando ... <http://tmi.me/Spx6A>

Daniel Jones @ hellodanijel Concorde @verdademz. <http://www.verdade.co.mz/ambiente/36281-prosavana-que-de-pro-nao-tem-nada...> "Continuamos sem acesso à informação importante, a dados precisos..." #Prosavana

Nelson Carvalho @ NelsonCarvalho @Verdademz, #Nampula encontrado corpo de um jovem sem vida no bairro de Mutauanha. E presumi-se que tenha sido assassinado por malfetores.

Mr.Black @Jambalao @verdademz Xiconhoca - Pr.da federação moçambicana de basquetbal. Estamos no quarto ano do mes e o campeonato ainda não começou.

Vilankulo FC @ VilankuloFC Entrevista q passou as 12 na RM e alguém mandou arquivar, esconder a verdade??? @DesportoMZ @verdademz <http://m.soundcloud.com/yassin-amuji/entrevista-viajens-terrestres...>

Jornal a Verdade @verdademz CIDADÃO José REPORTA: #polícia de trânsito dentro do seu carro a receber dinheiro do taxista #Maputo pic.twitter.com/nFAZ5x0PpQ



simbe @ PaulosimbeSimbe @verdademz @Gil_Cambule_MZ @

ArmandoGuebuza exa sra. e uma falsa tbem...so se faz pa moxtrar pa os mocambicanos k se preocupada enqnto nao

Rafael Sumbane @ RafaelSumbane @verdademz Sr Aiuba, que ontem na saída do conselho de Min. Diz que o país nao tem riqueza para redistribuir.

Xigondo @aldoxavier42 @verdademz so isso 5.75% que pena.

Mwaa @ Mwaa_ Estou confusa...RT @verdademz: Estudo diz que aquecimento global gera mais bancos de gelo na Antártica <http://www.verdade.co.mz/ambiente/35874>

wizzy @TheRealWizzy 6-9 meses fora @verdademz #NBA: Bryant passa por cirurgia e está fora da temporada <http://www.verdade.co.mz/desporto/36261>

Seja o primeiro a saber. Receba as notícias d'Verdade no seu telemóvel. Envie uma SMS para o nº 8440404 com o texto

Siga verdademz



Editorial

averdademz@gmail.com

Eles têm medo de nós

Somos incapazes de fiscalizar os nossos recursos naturais e de proteger, devidamente, as nossas fronteiras. O saque aos nossos recursos e fauna bravia não nos deixa mentir. No entanto, a Força de Intervenção Rápida anda fortemente armada o que é, no mínimo, estranho para um país em paz. Ou seja, vivemos amordaçados por um Governo que, pelos gastos em material bélico, está voltado para a repressão aos seus cidadãos e não para proteger as suas/nossas fronteiras. O que prova, sem grandes dificuldades, que o Executivo teme os cidadãos que dirige.

Importa, portanto, questionar a raiz do medo. O que leva um Governo eleito com maioria a agir de tal forma? Qual é a necessidade de armar até aos dentes a PRM, sobretudo quando a retórica governativa fala de um povo maravilhoso e trabalhador? Afinal a legitimidade da Frelimo não assenta na democracia das urnas?

É provável que sim. Contudo, os resultados das eleições dizem mais da qualidade do povo que somos do que da competência governativa da Frelimo. Descontando, também, o facto de o grosso dos moçambicanos não exercer tal dever importa salientar que, em grande parte do país, os cidadãos desconhecem a existência de qualquer direito.

Nem é preciso andar muito pelo país para deparar com tal realidade. Grande parte dos moçambicanos que reside nas áreas onde a informação e a educação ainda não chegaram acredita que um posto de saúde é um favor. Essas pessoas não falam da distribuição de riqueza porque a desconhecem e nem pensam que têm direito à Educação. Portanto, quando sentem os açoitados da vida madrastra não é para o Governo que olham, mas para os seus antepassados. A morte, a doença e as calamidades naturais, nesses espaços, não são explicados pela ausência de políticas públicas, mas pela zanga de um antepassado qualquer a quem não se deu a devida atenção na época da colheita.

Essas pessoas que realizam o seu desejo de consumo no período das campanhas eleitorais não representam, de forma alguma, um perigo para a Frelimo. Exigem camisetas, capulanas e bonés porque precisam de roupa para esconder o corpo. Portanto, o problema que enfrentam, aos seus olhos, não é da escolha de liderança, mas da satisfação de necessidades imediatas. Questionar ainda não é uma prioridade.

Não é com esses que o Governo se preocupa quando apetrecha a FIR de material de guerra. O inimigo da Frelimo reside nos grandes meios urbanos. Onde a contestação é maior e a informação circula sem que ela possa controlar. É, portanto, para o meio urbano que a FIR é treinada e armada. Aliás, os resultados eleitorais do MDM, na cidade de cimento, revelam a razão do medo. O meio urbano já se libertou das amarras da história libertária e da gratidão que justifica tudo.

É de nós, portanto, que a Frelimo tem medo.



Boqueirão da Verdade

“Aqueles canais de televisão que chamam advogados para analisar as declarações de Afonso Dhlakama estão num mero exercício de palhaçada e propaganda. O assunto de Dhlakama é político e não jurídico. Dhlakama não será processado, muito menos preso pela autoria moral dos ataques contra a PRM...é mesmo degradante o que a televisão pública faz...”, José Belmiro

“Não sabemos se a Renamo irá raptar os brigadistas do recenseamento ou os que irão para se recensearem. A especulação continua: irá a Renamo conseguir o que deseja por meio da intimidação, ou melhor, irá o Executivo ceder às exigências da Renamo só porque desta vez mostrou a musculatura?”, Eusébio A. P. Gwembe

“Há camaradas meus que lutam a todo o momento para reconstruir o socialismo. A única razão para continuarmos a viver é acreditarmos que é possível pelo socialismo. Não sabemos que concretizaremos hoje, amanhã ou depois...”, Marcelino dos Santos

“Temos um incomensurável número de gente pobre e muito pobre. Mas o Estado não tem capacidade de resolver isto porque as políticas são capitalistas”, idem

“Se me forem a perguntar a quem vou votar nas autárquicas, sem dúvida, irei responder que votarei na Frelimo. Vocês dirão que votar na Frelimo estaria a votar no capitalismo. Sim, mas não podemos apoiar expressões que não conhecemos no concreto”, Ibidem

“É preciso que haja clareza. As pessoas que o senhor Presidente ataca, se forem do lado de cá, não sabem como foram feitos os contratos para a produção de alumínio, nem para a exploração de carvão, areias pesadas, petróleo, gás, madeira. Mesmo para que a nossa costa seja explorada quase que exclusivamente pelos estrangeiros, fomentando um turismo também não moçambicano. Esses estrangeiros são patrões de quem?”, Fernando Penga Penga

“Nas Presidências Abertas, por exemplo, têm sido basicamente gastos, de modo irresponsável, quantidades de dinheiro que o país não tem. As ligações com indivíduos de conduta duvidosa – como o proprietário do Maputo Shopping que é acusado pelos americanos de ser um barão da droga – não revelam um sentido apurado de Estado. Os seus próprios negócios têm comprometido seriamente a transparência do aparelho do Estado”, Elísio Macamo

“Há líderes de então, por exemplo, Jorge Rebelo, que não têm nenhum problema em dizer que Samora cometeu erros, mas não nos dizem o que eles próprios fizeram perante essa situação. Os erros são sempre do chefe, portanto, o problema é o chefe, nunca os nossos temores, nunca a nossa cobardia e nunca a nossa falta de integridade profissional e compromisso com o país. Mas em 2014, temos que parar, olhar e reflectir sobre quem está em condições de lutar pelo povo. É esta questão que temos que colocar

em 2014 no sentido de definir e decidirmos”, Idem

“Na verdade, a situação política e social do país há muito que requer uma reunião do Conselho de Estado, onde o presidente da República iria colher muitas opiniões válidas para se ultrapassar a actual crise”, António Muchanga

“Espanta-nos que haja movimentações de um contingente militar sem que os moçambicanos saibam oficialmente o que se está a passar. As pessoas só sabem que a FIR atacou a sede da Renamo e a Renamo retaliou”, Idem

“Ninguém é mais moçambicano que ninguém. O Presidente devia saber que é Presidente de todos os moçambicanos, independentemente da cor partidária. Todos os moçambicanos deviam ter em mente que é ele que os preside... Agora quando um pai numa casa dá comida, roupa e estudos a uns filhos e deixa os outros à sua sorte, é lógico que não precisa de ser curandeiro para saber que nessa casa um dia pode reventar um conflito familiar, acusações etc.”, Serito Ossemame

“Revolução é isto, tirar a arrogância e o descrédito do conforto das poltronas e dos ar condicionados directamente para o mato onde o país real vive e onde te decidiste instalar, para transmitir que ainda tens os tomates no lugar e que o país ainda conta contigo, ao contrário do que andam por aí a propalar”, Edgar Barroso

“E para o azar deste país, descobriu-se gás natural. Agora é que a Europa e o Japão não largam mesmo o osso. Muitas vezes se pergunta de onde vem tanta arrogância. Ora, vem de lá... acima do trópico de Câncer. Estes são eventos cíclicos. Assim foi com Mobutu, enquanto lhes serviu. Assim foi com Boigny, enquanto lhes representou. E assim será com quem se sentar na Ponta Vermelha. Chame-se Guebuza ou Luísa Diogo...”, Livre Pensador

“Não basta estar zangado e magoado, com a Frelimo e o seu Governo para apoiar o discurso incendiário e a acção de grupos armados da Renamo. Na hora, as suas balas não identificarão os magoados, os zangados e seus familiares. Esta é a natureza deste tipo de guerra. É a forma como os seus actores foram e estão moldados”, Jornal Notícias

“...Cáustico artigo de Honourable Saka com o título em epígrafe: “Vestir casa e gravata está-se a tornar sinónimo de liderança africana. O insaciável apetite do consumidor africano por qualquer coisa estrangeira tem sido a principal causa do nosso subdesenvolvimento e do colapso económico. Após 50 anos de nossa independência de bandeira, os líderes africanos ainda pedem dinheiro emprestado para anualmente comprarem casacos e gravatas, enquanto votam as indústrias têxteis indígenas ao colapso. Onde está a moda africana? Onde quer que se vá em África, o “casaco” está lá”, Carlos Serra

OBITUÁRIO:

Ana Maria Muhai
1962 – 2013 • 51 anos



“A mulher coragem de Moçambique”, Ana Maria Muhai, perdeu a vida na madrugada desta terça-feira, 16 de Abril de 2013, vítima de cancro.

Tornou-se uma figura incontornável para os moçambicanos dentro e fora do país por ter sido uma das primeiras pessoas a dar a quebrar o silêncio ao afirmar que era seropositiva. “Eu não aprendi o Sida numa associação ou nos livros. Aprendi na minha própria pele. O Sida sou eu!”, dizia isso, com voz poderosa e tenaz, para dar coragem àqueles que tinham medo de fazer o teste, àqueles que não sabiam que existem antiretrovirais, àqueles que não queriam ouvir sequer pronunciar a palavra Sida.

Numa entrevista à PlusNews, em 2006, confidenciou “quando fiquei doente e sem força, já ninguém comprava na banquinha de verduras e bebidas que tinha montado perto de casa. Todos me apontavam com o dedo e não compravam os meus produtos por medo de se infectarem”.

Os filhos foram sempre a maior preocupação de Ana Maria “a discriminação que os meus filhos sofreram foi a minha dor maior. Até não me importava que os vizinhos viessem a minha casa a tocar batuque e cantar canções de Sida. Se fosse só por mim, não me importava. Mas os meus filhos... sofreram tanto”.

Ana Maria Muhai tornou-se num dos mais importantes e conhecidos testemunhos do DREAM, o programa de luta contra o HIV/ Sida e a má nutrição que a Comunidade de Sant'Egidio leva a cabo em Moçambique desde 2002. Ela foi uma das primeiras pacientes, na casinha da Machava.

Não há ninguém que não considere Ana Maria o ícone do DREAM e da luta contra o HIV. “Conto a minha história, eles podem ver com os seus olhos, que estou bem, que tenho força, que posso trabalhar. E mostro a fotografia de quando pesava 29 quilos. Explico-lhes a importância de cumprir com todos os conselhos que os médicos dão, de levar uma vida saudável. E os meus vizinhos agora vêm à minha casa, pedem-me conselhos e até me pedem sal...”, contava ela, sempre que desse o seu testemunho.

Nos últimos dez anos Ana Maria liderou eventos de divulgação e pressionou o Governo a tornar as campanhas nos meios de comunicação mais positivas, disse Leslie Rowe, antiga embaixadora dos Estados Unidos em Moçambique, aquando da entrega do prémio ‘Mulher coragem’: “existem duas maneiras de espalhar a luz – ser a vela ou o espelho que a reflecte. É óbvio para mim que esta mulher é uma vela brilhante não apenas para os moçambicanos, mas para as pessoas, especialmente as mulheres em todo o mundo.”

Ana Maria Muhai deixa oito filhos crescidos.

Os nossos leitores nomearam os Xiconhocas da semana. @Verdade traça em breves linhas as motivações.

1. Manuel Cambezo

O presidente do Município de Dondo, Manuel Cambezo, poderia, se assim desejasse, abrir uma universidade para formar novos Xiconhocas. É assim que os nossos leitores entendem. Julgam, ainda eles, que talento tão descomunal não pode e nem deve ser desperdiçado. Não é que o Xiconhoca inventou que qualquer reunião, neste rochedo à beira-mar, carece de autorização? Seria bom que o solícito Xiconhoca fosse ler a lei dos partidos políticos e um pouco da lei que regula o exercício de reunião e de manifestação. Não existem espaços soberanos dentro da Pérola do Índico. As leis são para todos. Até para os Xiconhocas.

2. João Leopoldo da Costa

João Leopoldo da Costa quer suceder a si mesmo na Comissão Nacional de Eleições. A folha de serviços deste Xiconhoca, de acordo com os nossos leitores, não só é vasta, como também pautou sempre pela parcialidade. O seu mandato, diz um leitor que se identificou como “cidadão atento”, ficou marcado pelo facto de ter impedido que tivéssemos, hoje, orgulho do nosso Estado de direito democrático. Ou seja, o Xiconhoca impediu que o MDM participasse nas eleições em todo o país. Algo que conseguiu com sucesso inusitado e beneficiou o seu partido de coração, a Frelimo.

3. Alberto Simango Júnior

O presidente da Liga Moçambicana de Futebol, Alberto Simango Júnior, é um grande Xiconhoca. O homem, por causa das suas ambições políticas e da famigerada disciplina partidária, aceitou que o nome do futebol fosse manchado pela mania do Governo, especificamente a ministra do Trabalho, de não reconhecer os seus erros. A comunicação de imprensa do MITRAB, nesse aspecto, é cristalino. O documento, assinado por Jafar Buana, um ex-jornalista desportivo, diz que a Liga Moçambicana de Futebol pediu desculpas ao MITRAB e prometeu resolver o problema. Afinal Simango pede desculpas mesmo quando o erro de análise reside na entidade liderada por Helena Taipo? Ou o factor Xiconhoca, fala, como sempre, mais alto?

Por opção editorial, o exercício da liberdade de expressão é total, sem limitações, nesta secção. As escolhas dos leitores podem, por vezes, ter um conteúdo susceptível de ferir o código moral ou ético de algumas pessoas, pelo que o Jornal @Verdade não recomenda a sua leitura a menores ou a pessoas mais sensíveis.

As opiniões, informações, argumentações e linguagem utilizadas pelos participantes nesta secção não reflectem, de algum modo, a linha editorial ou o trabalho jornalístico do @Verdade. Os que se dignarem a colaborar são incentivados a respeitar a honra e o bom nome das pessoas. As injúrias, difamações, o apelo à violência, xenofobia e homofobia não serão tolerados.

Diga-nos quem é o Xiconhoca desta semana. Envie-nos um E-MAIL para averdademz@gmail.com, um SMS para 821111, uma MENSAGEM BLACKBERRY (pin 28B9A117) ou ainda escreva no Mural defronte da nossa sede.



Xiconhoquices

Os nossos leitores nomearam as seguintes Xiconhoquices da semana.

1. Salário mínimo

O Conselho de Ministros, reunido na sua décima Xiconhoquice Ordinária, aliás, Sessão, aprovou os novos salários mínimos nacionais para os diferentes sectores de actividade. Os mesmos devem vigorar a partir de 1 Abril corrente com aumentos que variam de 5.57 a 31.91%. Porém, ainda não há nova tabela salarial para a Função Pública.

No que diz respeito aos outros sectores, a tabela aprovada pelo Conselho de Ministro indica que nos sectores da agricultura, pecuária, caça e silvicultura, o salário mínimo passa de 2.300 meticais para 2.500 meticais, um reajuste de 8.70%.

O sector de pesca industrial e semi-industrial passa dos actuais 2.680 meticais para 2.850 meticais, o correspondente a um aumento de 6.34%.

Enquanto isso, para a pesca da kapenta a revisão é de 2.485 meticais para 2.600 meticais, um reajuste de 6.43%.

No sector indústria, indústria de extracção e de minerais, o salário mínimo passa de 3.526 meticais para 4.651 meticais, o mesmo que um crescimento de 31.95%.

Na industria extractiva pedreira, a revisão foi de 3.295 meticais para 3.888 meticais, um aumento na ordem de 18.01%.

No sector da Indústria Transformadora, o salário mínimo registou um incremento de 3.585

meticais para 3.943 meticais, ou seja, 10% de aumento.

Para o subsector da panificação, o aumento foi de 5%, o quer dizer que passa dos actuais 3.021 meticais para 3.195 meticais. No sector de produção, distribuição de electricidade, gás e água, o aumento foi de 7,6%, passando de 3.817 meticais para 4.102 meticais.

No sector de Construção o salário mínimo passou dos actuais 3.177 meticais para 3.495 meticais, isto é, um aumento na ordem de 10%, enquanto na área das actividades dos serviços não financeiros, o aumento foi na ordem de 9%, tendo passado de 3.510 meticais para 3.826 meticais.

Para o Sector Financeiro o salário mínimo nacional passa dos actuais 6.487 para 6.817,32 meticais, ou seja, um aumento de 10%.

Em suma: o tempo passa e o aumento, em última análise, não serve para nada. Xiconhoquice da grossa.

2. Contratos de gás no Rovuma

Um estudo do Centro de Integridade Pública (CIP) revela mais uma das Xiconhoquices do Executivo de Armando Emílio Guebuza. Afinal os contratos da Anadarko, ENI, Statoil e Petronas são demasiadamente desnivelados, a favor das empresas petrolíferas, para permitir que estas recuperem os seus investimentos e façam fabulosos lucros e somente depois, muito

mais tarde, o Estado moçambicano poderá tributar de forma significativa, num contexto em que um dos elementos cruciais para a potencial receita do Estado ainda está por negociar.

O preço do gás, refere o CIP, cujo estudo aponta para a existência de uma parte bastante significativa de receitas “perdidas” a favor das firmas petrolíferas devido à ineficiência dos contratos assinados entre as partes, não beneficia o Estado.

O estudo do CIP indica igualmente que Moçambique se aproxima de um boom de gás natural. Descobertas recentes na costa de Cabo Delgado encontram-se entre as mais significativas do mundo. Mas será que a exploração destes vastos campos de gás irá resultar em melhorias mensuráveis na vida dos moçambicanos? Aqui, o volume do gás não é a questão mais importante. Contrariamente, o mais importante são os termos dos contratos que governam a sua produção e venda. E, embora a produção do gás não vá começar antes do fim da década, os termos que governam os trinta anos de produção foram negociados nos contratos assinados em 2006. Para a Bacia do Rovuma, as decisões já foram tomadas.

Mas que termos foram realmente acordados em 2006 e qual é a sua relevância? Só um número limitado de pessoas em Moçambique, de facto, sabe: alguns ministros, alguns funcionários seniores do Estado e, obviamente, as próprias empresas petrolíferas. O povo moçambicano, os verdadeiros donos dos recursos

naturais do país, não têm nenhum acesso. Os contratos são confidenciais.

Um debate público, adequadamente informado, não poderá ocorrer na ausência dos detalhes sobre estes contratos e da consciencialização sobre o que os pormenores destes contratos significam. Este é o primeiro de uma série de textos informativos que procuram promover uma maior transparência, necessária para a discussão dos termos na base dos quais as empresas do sector extractivo operam em Moçambique.

3. “Sociedade civil” frelimista nas CPEs

Que a sociedade civil, neste rochedo à beira-mar, é, muitas vezes, irrelevante todo mundo já sabia. Mas que o partido Frelimo fosse capaz de ocupar a posição desta para lograr os seus intentos eleitorais é que é uma novidade enorme e uma Xiconhoquice maior do que o Universo. No princípio, a denúncia veio da Zambézia. Pausadamente, chegaram dados de Tete, Nampula, Cabo Delgado e por aí fora. A Frelimo assaltou a sociedade civil e ninguém fez nada.

As denúncias feitas via imprensa acabaram por fazer com que na província da Zambézia dois membros da Frelimo renunciassem. No entanto, falta saber se os seus substitutos não têm cartão de membro e se, por essa via, não devem, também eles, lealdade ao glorioso partido. Assim vai a nossa democracia no reino das Xiconhoquices.

Comunicado

Cidadão informado vale por dois tenha sempre
@Verdade perto de si www.verdade.co.mz



Polícia liberta jovem que fez sexo com uma criança em Nkobe

Quito Manhica, de 33 anos de idade, residente no bairro Nkobe, quarteirão três, no município da Matola, é indiciado de violar sexualmente uma adolescente de 13 anos, de nome Advérsia Albino, também habitante da mesma zona. O visado, que ficou 24 horas detido na 5ª esquadra da Machava sede, nega ter havido uma cópula forçada. Ele disse ao @Verdade que se tratou de um acto consensual. Entretanto, o chefe de quarteirão, Lopes Rafael, mostrou-se estupefacto e ao mesmo tempo agastado com a atitude da Polícia ao deixar em liberdade um indivíduo, maior de idade, que confessou o seu envolvimento sexual com uma criança que mal sabe responder pelas suas acções.

Texto: Coutinho Macanandze • Ilustração: Hermenegildo Como

Em contacto com a nossa Reportagem, o jovem, que mora sozinho, e é proprietário de uma barraca que funciona no seu quintal, disse que ficou muito tempo sem se envolver com alguma mulher porque na sua última relação amorosa sofreu uma decepção, cujos contornos não detalhou. Todavia, Advérsia ia sempre para a casa de Quito e ajudava, voluntariamente, nos trabalhos domésticos tais como cozinhar e arrumar a casa.

Refira-se que a fotografia estampada neste texto é tia da criança violada. O indiciado não aceitou dar a cara. Os vizinhos, movidos pela curiosidade devido à diferença de idade entre a menina e o pretenso “solitário”, acompanhavam, de longe, os movimentos dos dois e não os encarava com bons olhos. A rapariga passou a frequentar a residência de Quito mais vezes até que passaram a namorar. A partir desse momento, passaram a manter encontros com o conhecimento de uma tia da adolescente, de nome Cristina Lino, comumente tratada por Tininha, narrou o suposto violador. Num sábado, em Março passado, Quito recebeu, em sua casa, um velho amigo que acabava de chegar da terra do Rand, supostamente amante da tia da sua namorada. Nesse dia, os quatro foram a uma discoteca, algures em NKobe, tendo regressado por volta das quatro horas de domingo depois de se terem entregue à bebedeira. Segundo o jovem, na mesma manhã tentou convencer Advérsia a envolver-se sexualmente com ele, mas a menina, aceitou depois de muita insistência alegadamente porque tinha pressa de voltar para casa.

Passadas algumas horas, deu de caras com uma multidão no seu quintal que o acusaram de ter praticado um acto sexual com a adolescente. Quito contactou, telefonicamente, a tia dela para se esclarecer do caso e recebeu a informação de que a Polícia estava a caminho da sua residência para o deter por ter mantido uma cópula forçada com a sua sobrinha. “Não passou muito tempo, fui algemado e detido na esquadra de Nkobe. Depois de duas horas, transferiram-me para a 5ª esquadra no bairro da Machava sede, onde fiquei um dia”, disse a fonte. Acrescentou que como forma de pressionar a menina a falar a verdade, os agentes da corporação encarceraram também a vítima da suposta agressão sexual, facto que a obrigou a mudar de discurso ao declarar que não se tratou de uma violação, pois houve consentimento na prática do acto.

A rapariga pode ter sido espancada quando gritou por socorro

Por sua vez, Cristina Lino narrou ao @Verdade que naquela manhã de domingo, por volta das sete horas, mandou a sua sobrinha comprar uma recarga de telemóvel na barraca de Quito. Porém, quando chegou ao estabelecimento comercial, estava tudo encerrado e foi bater a porta do quarto do jovem. Este insistiu para que a adolescente entrasse sob pena de voltar para casa sem o crédito. “Estranhei a demora da miúda porque o lugar para onde a tinha mandado fica a poucos metros da minha casa. Advérsia voltou a correr, com as lágrimas a escorrer no seu rosto, cabeça inchada e ferimentos numa das pernas, como se tivesse entrado em confronto a murros com alguém”, contou-nos a tia, para quem a rapariga pode ter sido espancada na altura em que ten-



tou pedir socorro. Inconformada com a situação, a família da vítima expôs o caso aos chefes do quarteirão três, Lopes Rafael, e das 10 casas. De seguida, Advérsia foi encaminhado a uma unidade sanitária na Matola, onde foi examinada e conclui-se que houve violação sexual. Felizmente, não contraiu o vírus da SIDA nem outro tipo de doenças sexualmente transmissíveis.

A polícia culpa a tia da vítima

A corporação da 5ª esquadra da Machava sede alega que Cristina Lino foi cúmplice da violação da sua sobrinha porque tinha conhecimento de que a mesma namorava com um jovem com uma grande diferença de idades, mas nada fez para impedir o caso. Este é um dos argumentos que os agentes da Lei e Ordem usaram para libertar Quito.

Família do violador ameaça Cristina de morte




Depois de o suposto violador ter sido restituído à liberdade, por alegadamente ser namorado da menor, a família da Cristina sofreu ameaças que culminaram com a vandalização da porta da sua casa e de outros bens. A irmã de Quito Manhica, segundo a tia da rapariga agredida sexualmente, disse que ninguém pode manter o seu parente encarcerado supostamente que ela é advogada e usaria todos os meios ao seu alcance para complicar a vida de Cristina. Esta, perante as ameaças, dirigiu-se pela segunda vez à casa do chefe do quarteirão para o colocar a par do sucedido. Todavia, alega que foi ignorada.




Chefe do quarteirão culpa Cristina

O chefe do quarteirão três disse à nossa Reportagem que a tia da adolescente violada sexualmente sabia que Quito Manhica namorava com a sobrinha porque os três frequentavam as barracas juntos. “Ela é conivente porque na noite anterior ao dia em que a menina foi agredida Cristina e a rapariga estiveram na companhia de Quito e do amigo deste numa discoteca, onde, quando chegaram, ela deixou a menina sob responsabilidade do suposto namorado. O acusado comprava produtos alimentares e levava-os para a casa de Advérsia como forma de alcançar o seu intento de levá-la para a cama, com a conivência da tia”, disse Lopes Rafael. Segundo o nosso interlocutor, algo não está certo nas versões da vítima e do jovem. Este alega que no dia da cópula a sua namorada ia deixar alguns pratos que Cristina levou com comida quando se divertiam no dia anterior aos factos em causa. Porém, Advérsia conta que esteve em casa do jovem para comprar uma recarga de telemóvel a mando da tia. Entretanto, Lopes referiu que está também indignado pelo facto de a Polícia ter libertado alguém que violou uma criança, sobretudo porque confessou o crime.

A Polícia agiu de má-fé

Ana Cristina, jurista da WLSA Moçambique, disse que, pesar de ser um acto condenável à luz da legislação nacional, as violações sexuais ainda ocorrem de forma sistemática um pouco por todo o país. No caso da adolescente do bairro Nkobe, a nossa fonte considera que a Polícia agiu de má-fé ao soltar o violador, sobretudo porque existe o testemunho do exame médico que o incrimina. O processo devia seguir para o tribunal para ser julgado. A nossa entrevistada suspeita de que, por um lado, tenha havido negligência na apresentação de provas por parte da família. Por outro, a corporação tenha sido corrompida. Embora não tenha citado nenhuma norma legal específica, Ana Cristina afirmou que a lei não permite, em nenhum momento, a justificação de um acto sexual consentido quando se trata de crianças porque qualquer cópula com menores idade é crime, não importa como tenha ocorrido, para além de ser uma autêntica violação dos direitos da criança. A fonte recomenda à família que peça ajuda às instâncias judiciais superiores, como é o caso da Procuradoria-Geral da República de Moçambique e do Comando-Geral da Polícia, para punir severamente a atitude do comandante que restituiu, injustamente, à liberdade um criminoso.

Previsão do Tempo	
Sexta-feira	
Zona SUL	
	Céu pouco nublado passando a muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas ou aguaceiros locais fracos a moderados. Vento de Sueste a Sudoeste fraco a moderado, soprando por vezes com rajadas.
Zona CENTRO	
	Céu pouco nublado com localmente muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuviscos dispersos. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de nordeste fraco rodando para sueste a leste moderado.
Zona NORTE	
	Céu pouco nublado localmente muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuviscos fracos locais. Vento de nordeste rodando para sueste fraco a moderado.

Sábado	
Zona SUL	
	Continuação de céu nublado com localmente muito nublado. Ocorrência de chuvas fracas locais. Vento de sueste a leste fraco a moderado, soprando por vezes com rajadas.
Zona CENTRO	
	Céu pouco nublado passando a muito nublado. Ocorrências de chuvas ou aguaceiros locais fracos a moderados. Vento de sueste a leste fraco a moderado, soprando por vezes com rajadas.
Zona NORTE	
	Céu pouco nublado com períodos de muito nublado. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de sueste a leste fraco a moderado.

Domingo	
Zona SUL	
	Céu pouco nublado com períodos de muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuviscos dispersos locais. Vento de sueste a leste fraco a moderado.
Zona CENTRO	
	Céu pouco nublado localmente muito nublado. Possibilidades de ocorrência de chuvas fracas locais. Vento de Sueste a Sudoeste fraco a moderado, soprando por vezes com rajadas.
Zona NORTE	
	Céu pouco nublado localmente muito nublado. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de sueste a leste fraco a moderado.
Fonte: Instituto Nacional de Meteorologia	

Diga-nos quem é o

XICONHOCA



Envie-nos um SMS para 821111 E-Mail para averdademz@gmail.com ou escreva no Mural do Povo

Lançados planos para “resolver” os problemas da agricultura e da fome no país

O G8 (Alemanha, Canadá, Estados Unidos, França, Itália, Japão, Reino Unido e Rússia) lançou, entre 10 e 11 de Abril corrente, em Maputo, um programa designado Nova Aliança para a Segurança Alimentar e Nutricional em África, com o qual pretende libertar 50 milhões de africanos da pobreza, 3.1 milhões dos quais em Moçambique, entre 2012 e 2022. A 12 do mesmo mês, o Governo divulgou o Plano Nacional de Investimento do Sector Agrário (PNISA), para o período 2013-2017, com o intuito de incrementar a produção e produtividade agrícola, melhorar a segurança alimentar e nutricional, gestão sustentável de recursos como água, terra, florestas, fauna bravia, reduzir a desnutrição crónica de 44% para 30%, em 2015, e para 20%, em 2020, e baixar para metade a proporção das pessoas afectadas pela fome. Contudo, reina um certo cepticismo em relação aos benefícios que estes projectos possam trazer para os moçambicanos.

Texto: Redacção • Foto: Miguel Manguze

Relativamente ao programa do G8, dos 20 países africanos previstos, seis, nomeadamente Burquina Faso, Costa do Marfim, Etiópia, Ghana, Moçambique e Tanzânia, já aderiram à iniciativa.

Para a Acção Académica para o Desenvolvimento das Comunidades Rurais (ADECRU), o Executivo, ao aderir à Nova Aliança, está, por um lado, a ignorar as anteriores políticas implementadas nos anos passados pelas mesmas agências multilaterais no país, mas que não trouxeram benefícios palpáveis. Por outro, acelera a emissão de Direitos de Uso e Aproveitamento de Terras (DUATs) sem, no entanto, consultar as comunidades porque quer promover o investimento de agronegócios. O porta-voz daquela agremiação, Jeremias Vunjanhe, disse ao @Verdade recear que em diferentes partes do território moçambicano aumente o número de camponeses que perdem as suas terras a favor das corporações estrangeiras. O nosso interlocutor referiu-se, como exemplo, ao caso da firma Wambao Agriculture, da China, no distrito de Chókwè, onde oito mil habitantes, entre camponeses e pastores de gado, foram desapossados de 20 mil hectares de campos agrícolas. As populações sem espaço para seguir avanti com a prática da agricultura são votadas a uma incerteza em relação à sua alimentação nos próximos tempos.

Vicente Adriano, gestor de programas da mesma associação, afirmou que antes de se avançar com qualquer tipo de programa deve haver um estudo, a partir do qual se faz o levantamento dos problemas do grupo-alvo, mas não é o que aconteceu em relação à Nova Aliança para a Segurança Alimentar e Nutricional em África. Esta está a ser imposta e vai concorrer para um maior empobrecimento da população e das comunidades rurais, uma vez que pode até realmente aumentar a produção agrícola, mas há uma inquietação neste aspecto: “a comida continua a não chegar à boca do povo.” As corporações internacionais criam condições para que haja um êxodo rural da população que antes praticava a agricultura, em consequência da expropriação das suas terras. Segundo a ADECRU, a abordagem do plano apresentado pelo G8 não tem nada a ver com as necessidades dos estados africanos ao partir de um pressuposto de que para se tirar milhões de pessoas da fome e da insegurança alimentar é preciso apostar em companhias estrangeiras com capacidade de ocupar extensas áreas de terra, infelizmente, na posse de camponeses, na sua maioria do sector familiar. Estas multinacionais não produzem para alimentar a população, antes pelo contrário, estão interessadas nas exportações de cereais para os mercados japonês e asiático. O país passa a ter quantidades enormes de alimentos, mas não satisfazem o mercado nacional. Em relação a pretensão de se tirar 50 milhões de africanos da fome nos próximos dez anos, Jeremias Vunjanhe disse que os números são estratégicos e têm sido usados para desviar as atenções do povo que sente na pele o problema da fome e da má nutrição.

Por sua vez, Vicente Adriano apontou que na década de 70, o Brasil implementou a mesma política baseada na apos-



ta em corporações estrangeiras nas regiões do Mato Grosso, por exemplo, mas os habitantes daquele país continuam a enfrentar a insegurança alimentar devido à exportação, não obstante, a produção ser maior.

Mais um plano para o sector agrário

O lançamento do Plano Nacional de Investimento do Sector Agrário (PNISA) coube ao Presidente da República, Armando Guebuza, para quem a agricultura constitui a base de renda de muitos moçambicanos e é o garante da segurança alimentar e nutricional, pelo que urge a necessidade de o Governo e todos os intervenientes no processo definirem uma cadeia de produção regada e com condições de mecanização para impulsionar o rápido crescimento do sector e melhorar a vida da população. Por isso, este programa vai transformar a lavoura de culturas de subsistência em comercial, através da introdução e massificação célere de novas tecnologias agrícolas, e aumentar os rendimentos agrários.

De acordo com o estadista moçambicano, a descoberta de recursos minerais, tais como carvão e gás natural não vai relegar a arte de cultivar a terra para segundo plano, uma vez que 88% dos agregados familiares praticam-na, emprega 81% da população activa e contribui em 25% para o Produto Interno Bruto (PIB), facto que obriga o Executivo a priorizá-la nos seus programas.

“É na agricultura que também se desenvolvem os outros sectores da economia nacional, pelo que continua a ser a base do desenvolvimento de Moçambique e tem estado no centro dos programas de desenvolvimento do país”, disse Guebuza. Refira-se que alguns economistas e políticos têm alertado para o facto de que a aposta excessiva nos recursos naturais é perniciosa para o país. Não obstante, a descoberta recente de enormes reservas dos mesmos, o sector agrário tem de continuar a ser o sustentáculo do progresso nacional, mas para tal é necessário que haja mais investimentos na mecanização.

Para a materialização do PNISA, o Governo moçambicano necessita de 119 mil milhões de meticais, dos quais somente 20% do montante serão por si disponibilizados e os restantes 80% pela União Europeia e alguns países membros, contribuintes do Orçamento Geral do Estado, nomeadamente Bélgica, Dinamarca, Alemanha, Irlanda, Itália, Países Baixos, Áustria, Suécia e Reino Unido.

A agricultura é a base de desenvolvimento nos discursos

Jeremias Vunjanhe considera que a produção agrícola em Moçambique deve ser assumida como uma questão de soberania alimentar e não somente económica e de segurança alimentar, até porque a Constituição da República diz que a agricultura é a base do desenvolvimento nacional. Contudo, na realidade isto não ocorre porque 70 a 80% da população praticam uma lavoura familiar que nem é de subsistência, mas as pessoas optam por ela por falta de alternativa. As políticas traçadas para este sector pelo Governo priorizam os camponeses.

Para Vunjanhe, a retórica e o discurso oficial demonstram que não se está a pensar no campesinato, mas num pequeno grupo de empresários, sobretudo nos investidores internacionais. “É por isso que em 38 anos da independência nacional ainda não conseguimos ultrapassar os problemas básicos da fome. Como é que se explica que a produção de Angónia não consegue chegar a Changara e fica deteriorada, apesar de se tratar do mesmo distrito?” Enquanto isso, alguns pequenos investidores, tais como António Fagilde e Samuel Chissico, que participaram no lançamento do PNISA, apontam que as dificuldades de acesso ao financiamento bancário elevadas taxas de juros, a burocracia excessiva na tramitação de processos, sobretudo os relacionados com o acesso à terra, a falta de alfaia agrícola e de mercado para a comercialização de produtos, a ineficiência na gestão das colheitas e a precariedade das vias de acesso nas zonas rurais são uma parte de inúmeras barreiras que retardam

a mecanização agrícola no país e, por conseguinte, o rendimento é baixo.

O gestor de programas da ADECRU disse que o Fundo para o Desenvolvimento Distrital (FDD), ao qual alguns agricultores de sector familiar recorrem por falta de alternativas, não funciona porque serve também para o cidadão comum que pretenda exercer outras actividades não agrárias. “Precisamos de um banco que esteja exclusivamente ao serviço dos camponeses, que responda pelas suas acções, da produção à comercialização. E não é uma comissão consultiva nem um conselho distrital que deve lidar com estas matérias.”

O nosso interlocutor indicou ainda que em 2012, segundo os dados da Direcção Nacional de Extensão Agrária, o país tinha apenas 968 extensionistas para cerca de sete milhões de produtores, o que mostra que este serviço público é deficiente.

Os insumos agrícolas também não são devidamente alocados, nem as sementes nativas capazes de resistir às mudanças climáticas.

Agricultura não é prioridade em Moçambique

Alguns economistas rebatem o argumento de que o sector agrário seja uma prioridade no país. João Mosca, por exemplo, tem defendido a ideia de que quase tudo corre mal na agricultura, alegadamente porque há falta de concordância entre o discurso e a política deste sector está-se perante um negócio não rentável, sem qualquer interesse económico e o campesinato é marginalizado.

O engenheiro João Ferreira, que a par de Mosca falava num dos encontros do “Observatório sobre o Meio Rural”, afirmou, sem evasivas, que uma das maiores fragilidades da agricultura é a falta de investigação científica.

Órfãos e chefes de família: Quatro irmãos à deriva em Nampula

Jéssica Rafael e Chica Rafael, de 4 e 8 anos de idade, respectivamente, Afonso Rafael, de 11, e Hermínio Rafael, de 15, são crianças mas dirigem a sua família desde o dia em que a morte as separou dos pais. Deixadas à sua sorte, sem qualquer orientação e ensinamentos para a vida, de alguém mais velho, vivem, permanentemente, o drama da incerteza do amanhã. A partir dessa altura, passaram a enfrentar inúmeras dificuldades caracterizadas pela ausência das mais elementares condições para a sua sobrevivência. São meninos de rostos franzinos, com a infância e os desejos ofuscados pelos embaraços, sonhos desfeitos pela amargura da vida e cujos direitos básicos, tais como a educação, saúde, alimentação e o vestuário constituem, para si, letra-morta.

Texto & Foto: Redacção/Sérgio Fernando

Segundo os petizes, que vivem no bairro de Namicopo, na Unidade Comunal Palmeiras 2, arredores da cidade de Nampula, a sua mãe perdeu a vida em 2011, no Hospital Central de Nampula, vítima de uma doença prolongada.

O pai, Rafael Custódio, morreu num acidente de viação, no qual outras nove pessoas faleceram e quatro contraíram ferimentos graves, no distrito de Meconta, na província de Nampula.

Os meninos, esfarrapados e esfomeados, não têm nenhuma fonte de renda, por isso, vivem quase de esmola.

As refeições têm sido irregulares e tudo quanto conseguem para comer é graças ao seu próprio esforço, uma vez que nenhum parente, materno ou paterno, lhes dá qualquer tipo de apoio.

Vivem numa habitação construída com base em material precário e em avançado estado de degradação. No ano passado, segundo nos narram, uma das paredes desabou devido à chuva intensa.

Foi reerguida com recurso a pau-a-pique e maticada, porém, não está segura porque o solo no qual a residência foi edificada é frágil.

Os quatro irmãos dizem que lutam arduamente para se alimentar, ter vestuário e suprir outras dificuldades.

A sua batalha pela sobrevivência tornou-os “adultos” precocemente, mas afirmam que, apesar de a vida ser um autêntico martírio, conseguem “fintar” os embaraços com que se debatem e seguir, sozinhos, avante.

Jéssica, Chica, Afonso e Hermínio são parte das mais vinte mil crianças órfãs que se assumem como chefes de agregados familiares em Moçambique e cuidam dos irmãos mais novos, não obstante as causas que levam a este problema serem diferentes, pois, segundo o Ministério da Mulher e da Acção Social, uma parte significativa dos menores de idade, forçosamente responsáveis pelos lares, viu os pais morrerem vítimas de VIH/SIDA.



Aliás, em todo o país, apontam dados oficiais, há 1,8 milhão de crianças órfãs e em situação de necessidade sem nenhuma ajuda.

Hermínio Rafael, pelo facto de ser o mais velho, bate-se incansavelmente para “não deixar faltar nada em casa”.

Todavia, tem sido frequente não haver sequer um grão de arroz para cozinhar e, por via disso, os restantes membros da família vagueiam pelos lares dos amigos na esperança de que lhes seja servida alguma refeição.

Caso contrário, passam fome, pois, como afirmam, “não temos ajuda de ninguém”. A sua mãe era uma vendeira de amendoim torrado, algures no bairro de Namicopo, e com os poucos rendimentos que obtinha da sua actividade garantia, pelo menos, uma refeição por dia.

Dos quatro irmãos, Chica, de 8 anos, que frequentava a Escola Primária de Namicopo 2, abandonou os estudos na 3ª classe alegadamente devido à fome. Ela recorda que antes de a sua progenitora perecer levava lanche para a escola, um privilégio do qual só ficaram memórias.

Entretanto, a partir de um certo momento, sobretudo quando a sua mãe ficou hospitalizada, as dificuldades cresceram a ponto de não conseguir um metical sequer para comprar uma folha de exercícios.

A falta de material escolar, alimentação, vestuário, sobretudo o amparo dos progenitores, são os problemas que mais inquietam a menina.

Afonso, de 11 anos, acrescentou desde que a mãe morreu a comida passou a ser uma autêntica dor de cabeça em sua casa.

Actualmente, o menu é constituído, sempre que conseguem algo para levar ao lume – salvo quando pessoas de boa vontade oferecem alguma coisa diferente –, por karacata (chima feita com base em farinha de mandioca seca) acompanhada com peixe seco.

“Há dias em que não temos nada para comer porque nos nossos reservatórios já não há comida. Ficamos a olhar uns para os outros ou para os vizinhos. Alguns, por pena, chamam-nos para comer com eles.”

A nossa Reportagem apurou que os ascendentes maternos destas quatro crianças encontram-se dispersos pelos diferentes distritos da província de Nampula. Aquando da morte da mãe de Jéssica, Chica, Afonso e Hermínio participaram nas cerimónias fúnebres, mas depois disso nunca mais procuraram saber dos meninos. Alguns familiares paternos residem na cidade da Beira, província de Sofala.

Todavia, há um parente paterno na cidade de Nampula, cujo nome não nos foi revelado, supostamente proprietário de alguns estabelecimentos comerciais, mas não mantinha boas relações com os pais dos petizes.

Pedidos de apoio ignorados

Hermínio Rafael disse ao @Verdade que desde que a sua mãe perdeu a vida, em 2011, escreveu inúmeras cartas dirigidas aos secretários da sua

zona de jurisdição a pedir apoio, principalmente para que as autoridades do Posto Administrativo de Namicopo incluam a sua família na lista dos beneficiários do fundo de apoio social.

Contudo, ainda não teve nenhuma resposta satisfatória, por isso o adolescente suspeita de que as pessoas a quem as missivas têm sido endereçadas para posteriormente encaminhá-las às outras entidades competentes estejam a engavetar os documentos.

O nosso interlocutor pretende contactar pessoalmente o chefe da referido posto com o intuito de lhe colocar a par da situação deplorável a que ele os irmãos estão sujeitos e reclamar da morosidade que se verifica na tramitação do seu expediente.

Em relação a esta inquietação, Júlio Nihempe, secretário do quarteirão 22, explicou-nos que a única carta que recebeu de Hermínio, em Setembro do ano passado, foi entregue às autoridades que lidam com o assunto e aguarda pela resposta para que as crianças passem a ter assistência social.

Entretanto, as afirmações de Hermínio, segundo as quais as suas cartas estão a ser deliberadamente arquivadas, são infundadas e descabidas, disse a fonte, para quem o sector da Mulher e da Acção Social é que tem a prerrogativa de se pronunciar se há ou não condições para os meninos terem auxílio.

Comunicado

Cidadão informado vale por dois tenha sempre
@Verdade perto de si facebook.com/JornalVerdade



Passageiro que caiu de um avião em Londres era moçambicano

A polícia britânica anunciou, na última sexta-feira, 12 de Abril, que o corpo encontrado em Mortlake, subúrbio residencial de Londres, a 07 de Setembro do ano passado, depois de ter caído de um avião, cuja identidade permaneceu um mistério por muito tempo, era de José Matada, de 30 anos de idade.

Texto & Foto: Redacção



Segundo a corporação daquele país, a vítima, inicialmente confundida com um angolano pelos investigadores, devido ao dinheiro encontrado em sua posse, não constava na lista de passageiros da aeronave da qual sofreu uma queda livre, o que levou à suspeita de que se tratava de um passageiro clandestino.

Entretanto, o Módulo de Identificação do Subscritor, vulgo cartão SIM, do telemóvel encontrado num dos bolsos das calças de Matada, permitiu que este fosse identificado como sendo moçambicano.

O seu corpo foi descoberto a 09 de Setembro de 2012 na periferia de Londres e a autópsia determinou que as causas da morte foram lesões múltiplas.

A Agência Francesa de Notícias (AFP) refere que a Polícia britânica acredita que o homem caiu do compartimento de um avião que se aproximava da pista de aterragem do Aeroporto londrino de Heathrow, um dos mais movimentados do mundo.

As autoridades moçambicana foram contactadas para que os familiares da vítima sejam informados.

Assaltantes confrontam a Polícia e matam um agente numa esquadra em Maputo

Um grupo de indivíduos, até aqui a monte, assaltou, por volta das 20 horas desta segunda-feira, 15 de Abril, o Posto Policial Volante 6, no bairro George Dimitrov, na capital moçambicana, tendo havido uma troca de tiros entre os assaltantes e a Polícia. Em consequência desta ocorrência, um agente de nome Leonardo João Mazul, que tinha sido escalado para trabalhar naquela noite, foi baleado mortalmente e outro contraiu ferimentos graves.

Texto: Redacção

Instalou-se um clima de terror no local, uma vez que muita gente ainda se movimentava de um lado para o outro. Felizmente, nenhum cidadão foi atingido pelos disparos.

A corporação aponta que os malfeitores se faziam transportar em duas viaturas de marca Toyota Prado, cuja chapa de matrícula não foi registada, suspeitando também que o móbil do crime era o roubo de armas de fogo.

Tratou-se de uma operação que durou pouco menos de 15 minutos, segundo a descrição de testemunhas oculares, os quais confirmaram igualmente que não foi a primeira vez que uma acção idêntica se dá na mesma unidade da Polícia.

Em relação a este assunto, o Comando-Geral da Polícia da República de Moçambique (PRM) emitiu um comunicado de imprensa, no qual refere que há averiguações em curso envolvendo diferentes forças da corporação. "Neste momento, decorrem diligências com vista ao esclarecimento da ocorrência e detenção dos criminosos de forma a responderem por este delito e, não só, como também

as circunstâncias vulneráveis que terão concorrido para a actuação da quadrilha", indica o documento.

Há agentes infiltrados na PRM em Inhambane

Enquanto o Comando-Geral da PRM investiga as "circunstâncias vulneráveis" que terão concorrido para o assalto ao Posto Policial Volante 6, em Maputo, o comandante da província de Inhambane, Raúl

Ossufo, afirma que no seio da corporação existem agentes infiltrados que supostamente colaboram com malfeitores, o que, na sua opinião, enfraquece as acções de combate ao crime.

Algumas informações operativas contra os malfeitores são disponibilizadas pelos membros da corporação nas barracas em momentos de consumo de bebidas alcoólicas, por isso há insucesso nas incursões de reposição da segurança e tranquilidade pública, disse Ossufo, citado pela Rádio Moçambique.

Caros leitores

Pergunta à Tina... Estou há cinco meses sem ver o período. O que será?

Olá leitores. Sabem, há algum tempo, eu tinha uma vergonha enorme de ser vista a comprar preservativos na farmácia (sorriso). É verdade! Hoje em dia, vejo cada vez mais homens e mulheres a comprar preservativos sem nenhum constrangimento. Para mim, isso sim, é uma vitória no combate às Infecções de Transmissão Sexual (ITS), pois o preservativo, tanto o feminino como o masculino, é o meio mais fiável de prevenir as infecções. Ainda tens dúvidas sobre isto ou sobre a saúde sexual e reprodutiva?

enviem-me uma mensagem através de um sms para **821115**
E-mail: **averdademz@gmail.com**

Estou há dois anos a querer fazer a circuncisão. Fui ao hospital e disseram que tenho hipospádia. Tenho que fazer uma cirurgia. Marquei a consulta e aguardei dois meses; quando fui ao médico ele disse que aquilo não era nada, podiam fazer. Marcaram o dia e quando voltei encontrei outro médico, que disse que tenho que fazer cirurgia, tendo marcado outro dia. Assim, até hoje não consigo fazer a circuncisão. Que eu tenho hipospádia eu não sabia, porque não sinto nenhum efeito, nenhuma dor, a única diferença que consegui constatar é que a parte donde sai a urina no pénis é muito grande. Peço ajuda, D. Tina. Boa tarde e obrigado.

Olá meu querido leitor. Até receber a tua mensagem, eu também não sabia e nunca tinha ouvido falar de hipospádia. É uma malformação congénita, caracterizada pela abertura anormal do orifício por onde sai a urina (meato urinário). Quando se diz uma malformação congénita isso significa todo o defeito na formação de um órgão (pode ser a cabeça, podem ser os membros, os órgãos sexuais, etc.) quando o bebé está ainda na barriga da mãe. Em muitos casos esta malformação pode ser tratada quando a criança nasce ou na infância e adolescência. Apesar de não sentires dores e nem desconforto, não quer dizer que não devas fazer uma cirurgia, até porque deve ser uma forma de evitar que tenhas outro tipo de complicações mais tarde. Acredito que os médicos estão certos em dizer que é possível operar. Por enquanto, não debes entrar em pânico, pois o atraso na cirurgia deve ser um processo normal dos nossos hospitais. As cirurgias que não são consideradas de "vida ou morte" geralmente levam algum tempo a ser realizadas. Aconselho-te a conversares com o médico sobre como podes evitar contrair infecções de todos os tipos, principalmente as de transmissão sexual. Boa saúde para ti.

Boa tarde Tina. Eu estou muito preocupada com a minha saúde. Estou há cinco meses sem ver o período. O que será? Já fiz o teste de gravidez e deu negativo. Beijinho.

Olá fofa. Se não estás grávida, então comecemos por reduzir o stress emocional que isso te está a causar. Era importante que me dissesse outras coisas, para me ajudar a investigar melhor, por exemplo, a tua idade e se usas algum tipo de contraceptivo. É que, na altura da puberdade ou adolescência, é normal que as meninas tenham irregularidades ou ausência de ciclos menstruais. Há várias causas, e estas só podem ser avaliadas por um/a médico/a ginecologista. Em muitos casos, os médicos recomendam um tratamento hormonal para "provocar" o regresso do ciclo menstrual regular. Eu aconselho-te a ir à consulta e, quando lá estiveres, conta tudo o que te aconteceu antes e durante a ausência da menstruação para que o/a médico/a possa diagnosticar as causas. Enquanto isso, por favor, usa sempre o preservativo se não pretendes engravidar ou contrair infecções de transmissão sexual. É que, apesar de não "veres" a menstruação, tu não sabes se podes ou não engravidar. Boa saúde para ti.

MozMed A plataforma virtual de saúde em Moçambique

Manda tuas questões através de SMS para **6640** ou Internet **http://mozmed.com/** e receba resposta dos especialistas de saúde e de outros cidadãos

Um casal seropositivo que luta para vencer a discriminação

Alberto Joaquim e Maria Samuli, ambos de 40 anos de idade, vivem maritalmente há 18 anos, no bairro de Natire, no Posto Administrativo de Namitória, distrito de Angoche, na província de Nampula. Este casal diz que está feliz, mas tem uma história de amor marcada por episódios tristes que vale a pena acompanhar porque servem de lição para os que, apesar de estarem contaminados, têm levado uma vida desregrada e, também, para aqueles que discriminam os doentes.

Texto & Foto: Nelson Miguel

Alberto e Maria descobriram que são seropositivos há sete anos e desde essa altura as suas vidas mudaram de rumo drasticamente. A falta de informação sobre a doença levou o marido a pensar no suicídio, uma vez que para ele estar infectado pelo vírus de VIH/SIDA era uma sentença de morte.

“Pensava que já tinha chegado o fim do mundo para mim e para a minha família, por isso consumia bebidas alcoólicas de forma desregrada e fazia tudo tendo em conta os escassos dias de vida que eu pensava que tinha”, contou a fonte. A dado momento, algumas pessoas de má-fé ameaçaram-no de morte alegadamente porque ele iria disseminar o vírus pelo bairro onde mora. Porém, para sua alegria, continua vivo graças ao apoio dos secretários da zona que sempre estiveram ao seu lado contra os malfeitores que acham que ser seropositivo é sinónimo de morte.

Doente e violentada pelo marido

Maria Samuli narrou que foi quem mais sofreu os efeitos perniciosos da degradação da relação conjugal porque, para além viver infectada por uma doença que não sabe como contraiu e cujos efeitos desconhecia, teve de enfrentar a discriminação, um problema que até hoje prevalece. Enquanto isso, o esposo violentava-a diariamente, uma vez que vivia frustrado por ser seropositivo. A nossa interlocutora, de rosto enrugado de tristeza, contou-nos ainda que o cônjuge era agressivo de tal sorte que ela



era obrigada a fugir de casa com as crianças para escaparem das acções violentas do marido bêbedo.

“Um dia, por exemplo, a minha filha quase dava parto na rua porque o pai não queria saber dela e nem dos seus irmãos. Ele não aceitava também que eu trabalhasse e nem que as crianças fossem à escola”, desabafou Maria, cujo marido já foi detido por causa das suas atitudes negativas “porque chegou uma altura em que me cansei de o denunciava à Polícia”.

O casal disse que a instabilidade que ameaçava desfazer o seu lar deveu-se à falta de conhecimentos e explicação sobre como encarar a seropositividade. “No princípio não nos foi fácil ter acesso a qualquer informação sobre a doença e isso fez com que passássemos todo o tempo a brigar”, recordaram. A senhora disse também que Alberto, um homem que no passado era viciado em álcool, já foi uma pessoa que constituía preocupação para as lideranças do bairro devido ao seu comportamento repreensível. Contudo, depois de passar por vários aconselhamentos até perceber que o vírus do VIH não era sinónimo de morte, mudou de vida. “Foram necessárias várias exortações por parte das autoridades de saúde e activistas de diversas organizações da sociedade civil para ele perceber que não estava condenado à morte”.

Hoje, Maria sente que algo se alterou no relacionamento com o seu marido. Este está a mudar, encara a doença e a vida de uma outra forma. Entretanto, neste momento, a maior preocupação do casal é a discriminação na sua comunidade. A senhora queixa-se de estar a ser mal vista pelas outras mulheres, sobretudo as jovens, por causa da doença que a apoquen-

ta. Mas, felizmente, disse a fonte suspirando, os filhos não passam pelo mesmo problema nem no estabelecimento de ensino que frequentam. “Os meus filhos nunca se queixaram desses problemas de discriminação, nem de desprezo de outras pessoas na comunidade ou mesmo na escola onde eles estudam”. A fonte assegura que é discriminada quando se dirige a vários lugares para fazer diferentes trabalhos e sente que algumas pessoas têm vontade de a ver escondida por causa da doença.

“Por vezes, as pessoas querem ser as primeiras a tirar água na fontanária, ou moerem em primeiro em lugar os seus cereais na fábrica porque têm medo de serem contaminadas pela minha pessoa. Esta situação acontece quase em todos os cantos por onde passo”, desabafou a nossa entrevistada. Por seu turno, Alberto reconheceu que foi difícil saber lidar com a doença, uma vez que não tinha informações sobre como viver positivamente. Aliás, segundo ele, no Posto Administrativo de Namitória falava-se muito pouco sobre o VIH/SIDA. Na altura em que foi infectado, não havia activistas a trabalhar com as comunidades nem a sensibilizá-las. Isto, fez com que, em parte, pensasse no suicídio quando o diagnóstico do VIH registou um resultado positivo.

Actualmente, o casal começou a participar em encontros levados a cabo pelos facilitadores do projecto de comunicação da N’weti, o que o tem ajudado a levar uma vida d alguma esperança.

Não sabem como contraíram a doença

Maria e Alberto não sabem como contraíram o vírus do VIH/Sida, facto que fez com que procurassem entre eles o culpado pela contaminação. Aventaram várias possibilidades que podem ter concorrido para o efeito, mas a dada altura acreditaram que esta doença não é diferente de tantas outras que têm infectado e afectado muitos humanos, desde que se saiba viver positivamente.

Os sonhos

Maria Samuli disse-nos que sonha ver os seus filhos singrarem na vida académica, o que lhes poderá garantir um futuro melhor. “Nada é melhor na vida do que ser uma pessoa útil na sociedade e ser visto como honesto e íntegro. Gostaria que as pessoas reflectissem e entendessem que do mesmo modo que a minha família foi infectada, outras podem também passar pela mesma situação.” A nossa interlocutora disse que, apesar da segregação de que tem sido vítima, ela é uma pessoa cheia de energia. Aceitou falar ao @Verdade porque sente que este não é tempo de manter segredos relativamente a uma doença como a que apoquenta o casal.

Publicidade



Brinda aos 80 anos da Laurentina com uma garrafa exclusiva

Descobre uma das garrafas Edição Limitada e faz parte da história da Laurentina que comemora 80 anos de muito sabor, prazer e diversão.

Cada vez melhor desde 1932



Livro de Reclamações d'Verdade



O acto de apresentar as suas inquietações no **Livro de Reclamações** constitui uma forma de participação dos cidadãos na defesa dos seus direitos de cidadania. Em Moçambique, assistimos de forma abusiva à recusa ou omissão, em muitos estabelecimentos comerciais e em instituições públicas, da apresentação do **LIVRO DE RECLAMAÇÕES** aos clientes, mesmo quando solicitado. Na ausência de uma autoridade fiscalizadora dos Direitos dos consumidores, tomámos a iniciativa de abrir um espaço para onde o povo possa enviar as suas preocupações e nós, o jornal **@Verdade**, tomámos a responsabilidade de acompanhar devidamente o tratamento que é dado às mesmas.

Reclamação

Boa tarde, Jornal @Verdade. Sou um morador do bairro Patrice Lumumba, município da Matola, província de Maputo. Estou preocupado com o destino das contribuições que os pais e encarregados de educação fazem supostamente para pagar o salário dos guardas da Escola Primária Completa Patrice Lumumba, uma vez que os montantes são depositados na conta bancária de um cidadão singular. Suspeitamos que o valor pode estar a ser usado indevidamente.

Sei que qualquer instituição pública deste país tem uma conta bancária na qual são depositados os montantes que servem para custear despesas internas e é gerida com o conhecimento de algum sector que tenha capacidade de fiscalizar.

Entretanto, o caricato é que os pais e encarregados de educação são obrigados, no acto da matrícula, a pagar um valor de 40 meticais por cada aluno daquele estabelecimento de ensino, alegadamente para garantir a segurança dos petizes.

Até aqui tudo bem, mas o problema surge quando não podemos ter a certeza de que, de facto, as nossas contribuições estão a ser aplicadas para os fins para os quais foram concebidas. Na Escola Primária Completa Patrice Lumumba, os valores que preten-

samente servem para pagar o guarda são canalizados para a conta bancária número 143153959, gerida pelo senhor Cardoso Hlhavangane, um indivíduo que não pertence àquele estabelecimento de ensino.

Para os contribuintes é estranho e inexplicável que uma pessoa alheia à escola esteja a receber esses montantes na sua conta. Nem se compreende qual é a intenção ao usar-se a conta de um cidadão singular para este tipo de procedimentos. Não estará a aplicar as nossas contribuições, feita com muito sacrifício, para outros fins pessoais? Como é que uma instituição pública de ensino não tem conta bancária própria? Parece que estamos a ser roubados.

Na minha opinião, o pagamento devia ser feito na secretaria da Escola Primária Completa Patrice Lumumba para evitar as desconfianças de que os montantes podem estar a beneficiar terceiros. Este procedimento iria conferir credibilidade ao processo. Como é que a direcção e a comunidade saberão quanto é que entrou e saiu em relação à conta bancária número 143153959?

Portanto, pedimos a quem de direito para averiguar este assunto porque pensamos que há irregularidades e isto está a tirar alento aos pais e encarregados de educação.

Resposta

Sobre este assunto, o @Verdade ouviu a directora da Escola Primária Completa Patrice Lumumba, Florência Manjate. Esta explicou que a conta referida pelo cidadão que nos endereçou esta reclamação pertence a um gestor que é, simultaneamente, membro do conselho da escola eleito pela comunidade.

A nossa interlocutora tranquiliza os pais e encarregados de educação e afirma que o desembolso das contribuições e os respectivos levantamentos para o pagamento dos guardas é transparente.

A escola está a monitorar o processo e ela é que dá o aval para as saídas e entradas de qualquer montante.

Segundo Florência Manjate, não há e nunca houve uma cobrança coerciva de nenhum valor no acto da matrícula, contribui quem achar conveniente, para além de que o conselho da es-

cola é quem mobiliza os pais e encarregados de educação para que estes dêem a sua ajuda no pagamento dos ordenados dos guardas.

Num outro desenvolvimento, a directora disse que, regra geral, as escolas primárias não têm guarda porque não existe, quer a nível da escola, quer a nível provincial, um orçamento criado especificamente para suportar os seus ordenados mensais.

Por isso, a garantia da segurança dos alunos é feita com o apoio dos pais e encarregados de educação.

Aliás, a fonte disse à nossa Reportagem que, apesar de existirem pais que dão o seu contributo, o montante arrecadado continua abaixo de metade do necessário, facto que fez com que a escola ficasse sem guarda e com uma dívida de dois meses de salários, referentes aos meses de Janeiro e Fevereiro.



As reclamações apresentadas neste espaço são publicadas sem edição prévia, e da exclusiva responsabilidade dos seus autores. O Jornal @VERDADE não controla ou gere as informações, produtos ou serviços dos conteúdos fornecidos por terceiros, logo não pode ser responsabilizado por erros de qualquer natureza, ou dados incorrectos, provenientes dos leitores, incluindo as suas políticas e práticas de privacidade.

Escreva a sua **Reclamação** de forma legível, concisa e objectiva, descrevendo com pormenor os factos. Envie: por carta – Av. Mártires da Machava 905 – Maputo; por Email – averdademz@gmail.com; por mensagem de texto SMS – para os números 8415152 ou 821115. A identificação correcta do remetente, assim como das partes envolvidas permitir-nos-á que possamos encaminhar melhor o assunto à entidade competente.



Mamparra of the week

Leopoldo da Costa

Luís Nhachote
laverdademz@gmail.com

Meninas e Meninos, Senhoras e Senhores, Avós e Avós

O Mamparra desta semana é o presidente da Comissão Nacional de Eleições (CNE), João Leopoldo da Costa, que anunciou a pretensão de concorrer à sua própria sucessão naquele órgão, que tem por atribuições velar pelos processos eleitorais no país. Mas porquê, Mamparra?

Porque durante o mandato que agora vai findar, João Leopoldo da Costa era obrigado por lei a estar em regime de exclusividade naquele órgão, mas porque, se calhar, não havia nenhuma lei de probidade pública, ele esteve simultaneamente revestido nas funções de Reitor do Instituto Superior de Ciências e Tecnologias de Moçambique (ISCTEM).

A propósito desta mamparrada, da Costa foi várias vezes chamado à consciência, mas ele preferiu trilhar esse caminho das trevas, para gáudio do seu bolso. Que país é este afinal, onde uma figura, mesmo depois de ter dados tantos pontapés à legislação, ainda quer manter-se num lugar tal como aquele?

Quem trava este tipo de impunidades de alguém que se vai recandidatar em nome da Organização Nacional de Professores, esta nobre classe de formadores de homens do amanhã?

Será que os professores, que dia-a-dia, faça sol ou faça chuva, estão de facto solidários com esta recandidatura de alguém que ignorou uma lei?

A ficha deste mamparra é rica e extensa. Na jovem história da democracia moçambicana, foi sob a sua “eloquente” direcção à frente aos destinos da CNE que, duma só assentada, o Movimento Democrático de Moçambique (MDM) viu oito das suas 12 listas serem deitadas no caixote de lixo por alegadas irregularidades. Apesar desta mamparrada, lá os “novatos” do MDM conseguiram ter alguns assentos na Assembleia da República.

Após ser eleito para o cargo que acumulava, apesar de proibido por lei, lá nós outros tivemos a oportunidade de o ver equipado com a camiseta do partido do “Batuque e da Maçaroca” no congresso dos camaradas em Quelimane.

Na função de Reitor, da Costa ainda foi agraciado com um prémio na Irlanda, país que de certeza não sabia que tinha diante de si o simultaneamente presidente da Comissão Nacional de Eleições de Moçambique! Basta deste tipo de mamparrices.

Mamparras, mamparras, mamparras.

Mamparra, Mamparra, Mamparra.

Até para a semana!

Jovem mata e esquarteja namorada na Ponta d' Ouro

Emerson é único pelo qual foi identificado o jovem de 18 anos de idade, residente na vila da Ponta d' Ouro, província de Maputo, acusado de ter matado e esquartejado, na madrugada de 11 de Abril em curso, a sua namorada de 17 anos, conhecida apenas por Didi, cujo corpo foi encontrado a menos de 30 metros da casa do suposto criminoso, já por volta das cinco horas do mesmo dia.

Texto: Redacção

Segundo relatos dos vizinhos, Emerson, neste momento, a contas com a Polícia, é uma pessoa que depende física e psicologicamente de drogas. Para além de ter cometido o acto macabro em apreço, é acusado de ter assassinado a sua própria avó, na Swazilândia, e uma outra jovem com quem tivera um filho, na cidade de Maputo. Aponta-se ainda que o visado trabalhava numa estância turística chamada “Florestinha do Índico” e a vítima era

empregada numa das barracas de Ponta d' Ouro. Os vizinhos narraram que quando eram duas horas de madrugada ouviram ruídos estranhos na residência de Emerson. Por isso, suspeitam que, provavelmente, foi nessa altura que o jovem tirou a vida de

Didi e dividiu o seu corpo em pedaços e os arrastou para uma mata próxima da sua residência. As primeiras pessoas que passaram pelo local onde o cadáver foi aban-

donado, incompleto, alertaram a corporação. Esta iniciou as buscas e encontrou, na casa de suposto assassino, os instrumentos ainda ensanguentados com os quais o crime foi cometido, nomeadamente uma faca e um pedaço de madeira.

A Polícia descobriu igualmente quatro fotografias de raparigas assinaladas com uma cruz, o que gerou suspeitas de que seriam as próximas vítimas.

Democracia

João Leopoldo recandidata-se à Comissão Nacional de Eleições

O actual presidente da Comissão Nacional de Eleições (CNE), João Leopoldo da Costa, é um dos 29 candidatos da sociedade civil à ocupação de um dos três lugares existentes na futura Comissão Nacional de Eleições. Com esta candidatura, proposta pelo Sindicato Nacional de Professores, João Leopoldo da Costa poderá concorrer à sua própria sucessão visto que, de acordo com a nova lei eleitoral, o dirigente deste órgão será eleito dentre os membros propostos pelas organizações da sociedade civil.

Texto: Redacção • Foto: Arquivo

Porém, o actual presidente da Comissão Nacional de Eleições e candidato à sua própria sucessão, como membro da chamada “sociedade civil”, pela Organização Nacional de Professores (ONP), João Leopoldo da Costa, está a deixar indignada parte da classe de professores que não o reconhece como membro daquela agremiação.

Pateguana, para os mais próximos, nos círculos familiares sobretudo, é medico de profissão. Simultaneamente, exerce a função de reitor do Instituto Superior de Ciências Técnicas de Moçambique (ISCTEM), facto que se configura anti-ético a vários níveis.

Efectivamente, a lei, naquela altura, especificava que nenhum membro da CNE poderia ter outro emprego e salário estranhos ao órgão. Leopoldo manteve, até hoje, o seu posto de trabalho académico e disse que outros membros da CNE também poderiam desempenhar outras funções remuneradas – em total violação da lei.

Leopoldo da Costa dirige os destinos da CNE desde o período que antecedeu os últimos pleitos eleitorais no país. Carrega um rol de controvérsias na sua folha de serviços, com destaque para as ultimas eleições nas quais excluiu mais de metade da lista de candidaturas do Movimento Democrático de Moçambique (MDM), um acto que ficou baptizado na opinião pública como um favor ao partido no poder.

O timoneiro da CNE foi figura destacável no IX Congresso do Partido no Poder, a Frelimo, realizado em Quelimane,



na Zambézia em Novembro de 2006, aonde foi flagrado vestido com uma camiseta daquela formação partidária.

Greve dos doadores

Fontes próximas ao processo indicam que a arrogância de Leopoldo da Costa despoletou, em 2009, a greve dos doadores. Efectivamente, foi um protesto contra a má conduta por parte da CNE e, especialmente, de Leopoldo.

Da Costa recusou-se a publicar informações sobre as decisões da CNE, as quais, diga-

-se, deveriam estar disponíveis pelo facto de estarem investidos de carácter público.

Sociedades

Pelo que consta do Boletim da República n 2, III Série de 14 de Janeiro de 2004, João Leopoldo da Costa está ligado à Clínica Listen and Smile, Limitada, aonde é sócio de um cidadão italiano de nome Maurizio Lacopo.

O seu parceiro de negócios na área da saúde foi objecto de extensas reportagens inquisitivas em 2005, as quais davam conta de que Maurizio Lacopo estava a ser procurado no Quênia, estando ele em Moçambique a trabalhar para o Estado e numa clínica privada (de que era sócio).

Na época dos factos constava que ele detinha um diploma de medicina, quando na verdade o mesmo era falso. As denúncias sobre o sócio do presidente da CNE tiveram seguimento da Procuradoria Geral da República (PGR), por parte da senhora Isabel Rupia. O referido “médico” acabou por fugir do país deixando o empreendimento nas mãos de João Leopoldo da Costa...

Outras candidaturas da sociedade civil

Ainda no processo de candidaturas da sociedade civil à Comissão Nacional de Eleições, a comissão ad hoc recebeu um total de 29 candidaturas, dentre as quais deverá seleccionar 16, que serão submetidas à Plenária da Assembleia da República para a escolha de seis nomes, sendo três efectivos e três suplentes.

Com o término do prazo de submissão de candidaturas e com o actual número, Moreira Vasco, presidente da comissão, diz estarem criadas as condições para que até o dia 25 do corrente mês, data em que termina o mandato da comissão, o processo esteja concluído e submetido à Presidente da AR, Verónica Macamo, incluindo o relatório dos trabalhos desenvolvidos e a lista dos candidatos.

Depois de receber as 16 propostas da comissão, segundo indicou Vasco Moreira, a Plenária terá que indicar seis nomes para membros da Comissão Nacional de Eleições, sendo três efectivos e três suplentes.

Concorrem a membros daquele órgão, à semelhança de João Leopoldo da Costa (**Sindicato Nacional dos Professores**), Delfim de Deus Júnior (**Associação Ordem dos Advogados**); Rabia Zauria Ibraimo Valigy (**Associação Luta Contra a Pobreza**); Mundefa Augusto Mundefa (**Associação dos Jovens Electricistas de Nampula**); Jeremias Duzenta Timana (**Confederação Nacional dos Sindicatos Independentes e Livres**); José Belmiro Eugénio Samuel (**Associação Instituto Martin Luther**);

King); Leonardo David Massango (**Conselho Cristão de Moçambique**); Januário Camilo (**Associação dos Naturais e Amigos do Gilé**); Benedito Marime (**Associação para a Conservação e Desenvolvimento da Natureza**); Abdul Carimo Nordine Sal (**Centro de Estudos de Democracia e Desenvolvimento**); Roque José Nhatitima Loforte (**Associação Fundação para a Cidadania**); Guimarães Mendes Lucas Júnior (**Associação para o Desenvolvimento**) e António Isaac Chiau (**Candidatura independente**).

Da lista do **Observatório Eleitoral**, uma coligação de organizações da sociedade civil, constam os nomes do jornalista e director do semanário Magazine Independente Salomão Azael Moyana, do jurista, constitucionista e docente da Faculdade de Direito da Universidade Eduardo Mondlane Gilles Cistac, do jurista e antigo conselheiro do Tribunal Supremo, João Carlos Trindade, da jurista e activista dos direitos humanos, Ivete Marlene Mafundza, do escritor e antigo secretário-geral da Associação dos Escritores de Moçambique, Jorge Frederico Borges de Oliveira, e os de Alfiado Laita Zunguza, Anastácio Diogo Chembeze, Eduardo Chiziane, Júlio Gonçalves Cunela, Benilde dos Santos Nhalivilo, Ana Cristina Monteiro, Paulo Isac Cuinica, Ângelo Francisco Amaro, Jacinta Jorge, Arlindo Muririua e Joaquim Rafael Machava.

De referir que, à luz da actual Lei Eleitoral, a Comissão

Nacional de Eleições é composta por 13 membros, sendo oito provenientes de partidos políticos com assento no Parlamento (sendo cinco da Frelimo, dois da Renamo e um dos MDM), três da sociedade civil, além de um juiz eleito entre os membros do Conselho Superior da Magistratura Judicial e um procurador indicado pelo Conselho Superior da Magistratura do Ministério Público.


Transparência garantida

Entretanto, o presidente da comissão *ad-hoc* para a eleição dos três membros da sociedade civil que vão integrar a Comissão Nacional de Eleições (CNE), Carlos Moreira Vasco, diz que está garantida a transparência no processo de selecção candidatos.

“O que me garante que haverá isenção é o facto de termos a Lei e a resolução nas mãos”, disse Vasco, juntando que “as condições estão criadas para que o processo decorra com transparência”, e que a idoneidade e a responsabilidade são elementos importantes que vão pesar para a escolha dos candidatos pela comissão que dirige.

Para além destes aspectos, apontou os requisitos exigidos para a candidatura como fortes elementos que serão tidos em conta. O presidente daquela comissão falava à imprensa no dia em que terminou o prazo para a entrega de candidaturas.


Comunicado



Onde quer que esteja seja um

Denuncie quando vir problemas na sua rua, bairro ou cidade!

Reporte por uma mensagem de SMS para 821111



CIDADÃO REPORTER

Democracia

“Os jovens vão-se revoltar contra o Governo”

Wilson Francisco Uanheque, coordenador da Associação de Jovens Apostados na Luta Contra os Males, baseada na província de Nampula, diz que os jovens moçambicanos têm sido muito fragilizados e estão abandonados à sua própria sorte pelo sistema governativo. Ele espera que a nova geração seja mais crítica e capaz de reivindicar os seus direitos. Por outro lado, afirma que a mendicância a que se assiste nas principais artérias das cidades tem a ver com a pobreza, como resultado da ausência de políticas públicas eficazes.

Texto & Foto: Nelson Miguel

@Verdade – O que é AJALCOM?

Wilson Uanheque (WU) – AJALCOM significa Associação de Jovens Apostados na Luta Contra os Males. É uma organização juvenil sem fins lucrativos que promove actividades de carácter voluntário e tem a sua sede na província de Nampula. Ela foi fundada a 19 de Fevereiro de 2002, por um grupo de jovens para dar resposta a alguns problemas que assolam a nossa sociedade, em particular os jovens, e é juridicamente reconhecida como pessoa colectiva de direito privado, com personalidade jurídica.

O nosso símbolo é um logótipo de forma circular com quatro setas indicando o nosso movimento multilateral e dois jovens erguendo bem alto a chama do combate contra todos os males.

Pode ser membro desta associação qualquer pessoa desde que manifeste o interesse de fazer parte desta. E ela surge por iniciativa de alguns jovens que pretendiam realizar alguma actividade em prol do bem-estar da sociedade, além de mudar o cenário da vida dos jovens.

@Verdade – Quais são as vossas visão e missão?

WU - Ser vista pela qualidade da sua actuação como órgão que presta e promove serviços de utilidade pública e para o bem da população mais carenciada, sobretudo a das comunidades mais distantes da zona urbana.

A nossa missão é contribuir para a inserção e permanência igualitária de homens e mulheres no processo de desenvolvimento da sociedade a partir de actividades que contribuam para a redução dos males que afectam a sociedade, bem como a melhoria das condições de vida.

@Verdade – Qual é o vosso principal objectivo?

WU - A AJALCOM tem como objectivo fundamental a promoção da luta contra os males nos jovens e na sociedade, promovendo a participação dos jovens na realização de actividades que contribuem para a redução dos males que afectam esta camada, assim como a melhoria de condições de vida dos mesmos. Além disso, pretendemos apoiar os jovens com vista a uma boa educação e exaltação da igualdade do género, promovendo a formação e educação dos jovens que contribuam para a elevação do seu estatuto na sociedade; apoiando o desenvolvimento de actividades culturais, recreativas e artísticas no seio da juventude; realizando acções de protecção e valorização do meio ambiente, educando os jovens através de campanhas de combate às doenças que afectam aos mesmos em especial as ITS e HIV/SIDA e drogas; apoiando as pessoas vulneráveis na mitigação do seu sofrimento; e criando projectos com vista ao combate à pobreza absoluta nos membros, em particular, e na sociedade em geral.



@Verdade – Em quantos distritos da província de Nampula a AJALCOM trabalha?

WU – Trabalhamos na cidade de Nampula onde está implantada a nossa sede e no distrito de Nampula- Rapale, onde já criamos um centro técnico-profissional, e pretendemos estender as nossas actividades a vários distritos e municípios da província de Nampula sendo que, neste momento, temos 22 membros e centenas de jovens que têm seguido os nossos movimentos e actividades como de limpeza dos locais públicos e palestras de sensibilização sobre os males.

@Verdade – A vossa aposta é a camada juvenil?

WU – Sim. Nós trabalhamos com os jovens porque notamos que é a camada social neste país mais sacrificada e muito complicada. A população moçambicana é maioritariamente constituída por jovens emas, em contrapartida, são desempregados e desocupados e, como forma de não deixá-los perderem-se nos vícios, optamos por criar a associação com o intuito de juntos procurarmos mecanismos de combate à desocupação.

No princípio, achávamos que os males estavam somente nos jovens, mas com o andar do tempo notamos que tínhamos que incorporar diversas componentes como o meio ambiente, a criminalidade, a área da saúde e a formação profissional.

@Verdade – Quais são as vossas actividades?

WU – Estamos apostados na capacitação de jovens na sua maioria alunos e estudantes, daí que já criámos alguns núcleos nas diversas escolas da cidade de Nampula, que designamos por Núcleos Escolares de Combate aos Males (NECOM's). Estes núcleos vão-se encarregar da promoção de palestras de sensibilização nas áreas de saneamento do meio escolar e não só, com destaque para o HIV/SIDA, A tuberculose, os efeitos nefastos do consumo de drogas e bebidas alcoólicas, a prostituição, entre outros.

Criámos estes núcleos tendo em conta que é nas escolas onde a maioria dos jovens vai buscar certos valores e queremos juntar o útil ao agradável não somente na busca de conhecimentos científicos, mas também a moral, como deve desenvolver certas actividades e como se deve posicionar perante a sociedade. Nós vamos promover debates e intercâmbios em que o ponto focal será o jovem.

Além destas actividades, temos trabalhado na componente de sensibilização da comunidade para que aderira aos processos eleitorais que têm acontecido desde o ano em que a nossa associação foi criada. Nesta componente

estamos preocupados com as abstenções e a falta de vontade da população.

@Verdade – A vossa preocupação em criar os NECOM's tem a ver com o consumo de álcool e outras drogas nas escolas?

WU – De princípio estamos preocupados com a degradação moral da sociedade, principalmente nos jovens. Veja que não há um crime que acontece no nosso país em que não esteja envolvido um jovem. Na cidade de Nampula, com destaque para as escolas secundárias, os alunos no tempo de recreio passam a vida a consumir bebidas alcoólicas.

Alguns alunos saem de casa com objectivo de assistir às aulas, mas são convencidos pelos colegas a abandonarem as aulas para se dedicarem a vícios como as bebidas alcoólicas, o tabaco e a prostituição. Nós queremos mudar este cenário. Queremos que muitos jovens deixem de ser influenciados por outros que vão à escola com dois ou três objectivos.

@Verdade – Os programas de apoio aos jovens têm atingido os das zonas rurais?

WU – Acredito que não, pois o que sei é que o Governo tem desenhado muitos programas com a intenção de promover os jovens, mas fala-se bastante no princípio e, posteriormente, não tem havido seguimento dos programas, acho que tem havido mais falácias do que concretização dos planos e isso acontece muitas vezes quando se está nas vésperas das eleições.

Presentemente, o jovem é o centro das atenções, e é o garante de todas as actividades de desenvolvimento do país. Quando os jovens estiverem unidos e decidirem promover campanhas de protesto contra alguma situação negativa provocada pelo Governo, poderão fazê-lo, pois são o potencial mais forte e seguro deste país, por isso é que o próprio Governo optou por criar educação com menos qualidade para não abrir os horizontes dos jovens. O Governo inventou as passagens automáticas e cria projectos que só promovem a pobreza e a intriga entre os moçambicanos.

Mas um dia, pese embora o próprio Governo tende a tapar o sol com a peneira, acredito que as coisas poderão ganhar novo rumo e trazer ao de cima vários confrontos étnicos, raciais e políticos que já começaram a dar sinais no caso de Muxúnguê,

continua Pag. 14 →

Comunicado



Onde quer que esteja seja um **CIDADÃO REPORTER**

Denuncie quando vir problemas na sua rua, bairro ou cidade!

Reporte através de um twit para @verdademz



Democracia

no centro do país. O que quero dizer é que o Governo moçambicano é aldrabão e não ajuda no crescimento da economia e no melhoramento do bem-estar de cada cidadão, sobretudo o da zona mais recôndita do país.

@Verdade – Será que os pais, encarregados de educação e os gestores das escolas perderam o controlo dos seus educandos?

WU – Acho que o grande problema tem a ver com a falta de acompanhamento por parte dos encarregados de educação. Eles matriculam os filhos e apenas se preocupam com os seus filhos nas duas últimas semanas do ano lectivo, quando pretendem saber o resultado final. No entanto, os pais e encarregados de educação são os principais culpados.

A outra opinião é que os jovens estão a perder-se devido à nova conjuntura política, a globalização, a dita civilização que muitas vezes é muito mal interpretada. Este problema não é de hoje, os nossos antepassados não nos prepararam para o mundo em que vivemos nos últimos anos.

@Verdade – Qual é a sua opinião em relação aos jovens de hoje em dia?

WU – Olho com muita preocupação. Um dos grandes problemas dos jovens hoje em dia é a falta de ocupação, ou mesmo desemprego. Temos muitos jovens formados e que não conseguem arranjar um emprego, e é por isso que um dos objectivos é formar os jovens na área de empreendedorismo, consciencializar os jovens para que quando estudam não pensem em ter um patrão, mas sim em criar o seu próprio emprego para que eles sejam empregadores. Por isso, estamos a apostar na formação profissional para os jovens do distrito de Nampula-Rapale.

@Verdade – O que motiva os jovens a enveredarem pelos caminhos do crime e dos vícios?

WU – É uma forma de manifestação dos jovens. Se houvesse oportunidades iguais, não haveria registo de crimes, roubos, assaltos e até linchamentos. Na minha óptica essas situações acontecem porque os jovens andam por todo o lado à procura de algo e no final do dia não têm o que comer, e a solução é cometer crimes. O Governo deve reflectir com muita urgência e procurar pensadores que possam ajudar a resolver o problema, porque isso é o começo e lá para a frente a coisa pode ficar complicada.



@Verdade – O custo de vida em Moçambique tem fortes implicações nas famílias moçambicanas. Como os jovens devem encarar essa realidade?

WU – Falar de custo de vida é falar do que se tem, do que se ganha ou do que se come. Se olharmos para a realidade dos moçambicanos, notamos que é muito triste. É difícil imaginar como vive uma família de pelo menos quatro pessoas com apenas 2.500 meticaís. Como é que esse agregado familiar vive durante 30 dias? É absurdo. Neste país há pessoas que morrem por não terem o que comer.

Na minha óptica, em Moçambique o sistema capitalista vive-se apenas nas capitais provinciais porque o resto da população vive ainda o socialismo, quem tem um pão dá ao outro e quem tem arroz oferece aos outros. E, como resultado disso, a mendicância está a ganhar terreno. Mas, mesmo assim, o Governo não está preocupado em lutar para pôr fim à mendicância.

@Verdade – A AJALCOM tem um centro de formação profissional. Quais são as áreas prioritárias de formação?

WU – Através dos fundos da Fundec, criámos um centro de formação técnico-profissional no distrito de Nampula, onde pretendemos formar 360 jovens em matérias de construção civil e carpintaria no distrito de Nampula-Rapale, dentro de 12 meses. Ou seja, queremos formar 180 técnicos de construção civil e os outros na área de carpintaria. Pretendemos com a iniciativa reduzir em 30 por cento o número de jovens identificados sem formação técnico-profissional naquele distrito.

@Verdade – Depois da formação, qual será o passo seguinte?

WU – Queremos apoiar na criação de pelo menos cinco movimentos associativos juvenis para a geração de rendimento em Rapale, o que quer dizer que o fundo que recebemos engloba o financiamento em ferramentas aos nossos formandos, e através desta ideia vamos fazer o seguimento das actividades a serem desenvolvidas pelos movimentos a criar.

A nossa visão com este trabalho é habilitar os formandos em conhecimentos técnico-práticos; aumentar o emprego e o auto-emprego; estimular o associativismo com a criação de projectos de geração de rendimento, com base na formação adquirida; e tornar disponível a mão-de-obra local qualificada.

E nesta componente queremos promover a equidade de género, e a prevenção e combate ao HIV-SIDA. Os referidos cursos contemplam jovens de ambos os sexos, e prevêem promover debates e palestras ligadas a diferentes áreas de interesse da comunidade.

@Verdade – Qual é a sua opinião em relação à juventude moçambicana, particularmente a da província de Nampula?

WU – Quando olho para os jovens, vejo que temos jovens não preparados devido ao actual sistema de educação. Por exemplo, as passagens automáticas poderão trazer consequências nefastas futuramente, teremos jovens com uma visão não crítica, uns simples dependentes, os “yes man”, como os que hoje temos que, apesar de formados, dependem de alguns partidos para se afirmarem.

As passagens automáticas não servem para esta sociedade que precisa de acabar com a pobreza e o analfabetismo que tanto enferma a sociedade moçambicana. Deveria haver mais rigidez no Sistema Nacional de Educação para que haja massa crítica capaz de, nos próximos tempos, transformar este país para o bem de todos.

Se olhar para a província de Nampula, a situação é de lamentar pois os que vivem fora da cidade não têm direitos, estão entregues aos casamentos prematuros, pastorícia e consumo de bebidas alcoólicas.

Oleiros reivindicam indemnização e bloqueiam acesso à mina da Vale em Moatize

Cerca de 500 cidadãos moçambicanos que habitavam uma região agora ocupada pela mineradora Vale Moçambique, em Moatize, na província central de Tete, manifestaram-se pacificamente, entre Terça-feira(16) e Quarta-feira (17), exigindo a parte restante da sua compensação devido a perda da suas terras de residência e de onde tiravam a sua principal fonte de rendimento: a fabricação de tijolos na base de argila.

Texto: Redacção

Os oleiros, que foram reassentados em Cateme, 25 de Setembro e no 4º bairro, dirigiram-se, no princípio da tarde desta terça-feira (16) para a mina da Vale onde pediram para falar com os responsáveis sobre a sua reivindicação. Ninguém da Vale se manifestou disposto a dialogar.

Os cidadãos decidiram enveredar pela força, bloqueando o acesso principal à mina da Vale, colocaram pedras na estrada e mantiveram-se no local. Entretanto, os manifestantes aperceberam-se de que os trabalhadores da Vale estavam a usar um ingresso alternativo e mobilizaram-se para impedir que tal acontecesse.

Os oleiros, que pernottaram no local, acabaram por ser dispersados pela Polícia e

agentes da Força de Intervenção Rápida, que usou gás lacrimogénico e balas de borracha no princípio da noite desta quarta-feira. Um dos manifestantes, Refo Agostinho Estanilau, foi detido.

Entretanto, em comunicado, a Vale afirmou já haver pago as indemnizações. “A Vale indemnizou até 2012, 785 olarias, no valor total de 47.100.000,00 Mt. Os pagamentos foram feitos directamente aos beneficiários cadastrados”, e reafirmou o seu compromisso de garantir o desenvolvimento sustentável das comunidades em que está inserida. “A Vale está a desenvolver iniciativas de incremento de produção e renda no nível micro-empresarial que permitirão a integração dos oleiros nessas actividades”.

Governo contribuiu para a redução do valor da indemnização


Este imbróglio surge na sequência da necessidade de ocupação da zona, onde os oleiros viviam e realizavam actividades visando o seu sustento, para a instalação da mina de carvão da Vale. Na altura foi negociada uma indemnização para cada um dos oleiros, que começou com uma proposta dos afectados de 1 milhão de meticaís, seguido de uma contraproposta da Vale Moçambique de 120 mil meticaís para cada um destes cidadãos que estavam a ser forçados a sair das suas terras em que não só residiam, mas também dela tiravam o alimento diário.

Entretanto, o Governo de Moçambique envolveu-se na negociação e decidiu que 120 mil meticaís era um valor exorbitante e baixou para 90 mil meticaís o montante da indemnização a ser paga pela Vale Moçambique.

Até o presente os oleiros receberam apenas 60 mil meticaís, estando a reivindicar os remanescentes 30 mil meticaís.

Segundo um oleiro, em condições favoráveis à prática do seu ofício, produzia, em média, 30 a 50 mil tijolos de argila por mês, que eram comercializados a 2 meticaís cada, o que lhe permitia ganhar, nos meses mais produtivos, 60 mil meticaís.

Comunicado




VOCÊ pode ajudar! Esteja seja um

CIDADÃO REPORTER

Denuncie quando vir problemas na sua rua, bairro ou cidade!

Reporte através de um e-mail para averdademz@gmail.com



Democracia

O (estranho) conceito de sociedade civil

Na semana passada, foram empossados em todo o país os membros das Comissões Provinciais de Eleições, compostas por onze elementos, sendo seis provenientes dos partidos políticos com assentos no Parlamento e cinco da sociedade civil. Mas, ao que tudo indica, parece que o partido no poder, a Frelimo, não se contenta com os três lugares a si reservados nestes órgãos.

Texto: Redacção

É que, para além dos três elementos que indicou em cada uma das onze Comissões Provinciais de Eleições, em cumprimento do princípio de representatividade, pessoas filiadas a este partido fizeram-se passar por membros da sociedade civil para poderem ocupar as restantes cinco vagas e, estranhamente, a maior parte delas foi aprovada, num processo pouco transparente e viciado.

Esta situação põe em causa a independência, idoneidade, imparcialidade, isenção e objectividade que se esperam de um membro destes órgãos, ao mesmo tempo que dá azo às suspeitas de partidarização dos órgãos eleitorais do país que têm sido levantadas pelos partidos da oposição e correntes de opinião.

Eis os perfis de alguns membros da sociedade pouco foi possível apurar:

Comissão eleitoral de Manica

Nesta província do centro do país foi empossado, entre outros, Januário Rocheque, proposto pela Associação Cultural Cabeça do Velho. Januário é membro activo do partido Frelimo e já ocupou o cargo de director de Trabalho da cidade de Chimoio.

Antonio Tomé Macilau Vilanculos, também da Associação Cultural Cabeça do Velho, lecciona Educação Física numa escola pública, o que não constitui violação às normas. Porém, ele é membro activo do partido Frelimo.

Comissão eleitoral de Cabo Delgado

Mais a norte André Jumamossi Malhembudi, proposto pela Associação a Luta contra a Pobreza, tomou posse mas é um ex-deputado da Assembleia da República pelo partido Frelimo, sendo um membro activo.

Consta também que os restantes elementos empossados nesta província, nomeadamente Leónico dos Santos Prisciliano Mera, proposto pela Associação a Luta contra a Pobreza, e Hipólito Rodrigues Sousa Francisco Anselmo Cocorea, Amândio Manuel e Laurinda Tina de Fátima Luciano, pela Associação dos Médicos Tradicionais de Moçambique, são todos membros da Frelimo.

Ainda em Cabo Delgado, o Observatório Eleitoral diz que vai impugnar os resultados da eleição dos membros da Comissão Provincial de Eleições porque todos pertencem ao partido Frelimo, para além de que o envelope que continha as suas candidaturas foi violado, o que fez com que nenhum dos candidatos por si propostos fosse aprovado.

“Tendo sido aberto o processo de recepção e selecção de candidaturas, todas as oito (por nós apresentadas) foram aprovadas por terem reunido os requisitos exigidos. Após terem sido devidamente verificadas, foram encaminhadas, como manda o procedimento, ao STAE provincial. (...) Os documentos foram verificados, envelope por envelope, na presença do chefe das Operações do STAE, senhor Santos, que recebeu e registou no livro de expediente, sob o número de ordem 01/2013 de 27 de Março. Nenhuma notificação dando a conhecer a existência de anomalias ou falta de documentos foi apresentada pelo STAE provincial aos nossos representantes”, refere uma nota do Observatório Eleitoral, a nível da província de Cabo Delgado.

E acrescenta: “Para nossa surpresa, tomámos conhecimento, através do pessoal do STAE em Maputo, que os processos das organizações da sociedade civil de Cabo Delgado estavam incompletos e desorganizados, não se sabendo como e por quem os envelopes tinham sido violados, retirados e desorganizados os

documentos neles contidos. Supomos que os envelopes foram violados para inviabilizar a nossa participação. (...) E tal como supúnhamos, a tomada de posse dos membros da sociedade civil foi realizada à revelia da FOCAD e do Observatório Eleitoral de Cabo Delgado. Os indivíduos ora empossados são soberaneamente conhecidos nos meandros da militância activa no partido Frelimo. Referimo-nos a ex-deputados, membros do Comité Provincial de Verificação”.

Diante desta situação, e a par da impugnação, o Observatório Eleitoral a nível de Cabo Delgado alerta para o facto de os “futuros pleitos eleitorais serem tendenciosos e os seus resultados não reflectirem o interesse e a escolha dos moçambicanos, mas sim de um grupo ou movimento partidário”.

Comissão eleitoral de Nampula

No maior círculo eleitoral do país foi possível apurar mais um frelimista disfarçado de sociedade civil: Daniel José Armando Ramos, que até 2011 foi administrador de Moma. Acabou destituído do cargo e acusado publicamente do desvio de Fundos de Desenvolvimento Local, existindo um processo-crime contra ele junto aos órgãos judiciais.

No ano passado, Daniel José Armando Ramos presidiu a comissão eleitoral nas eleições internas do partido Frelimo e até participou no 10º congresso do partido, realizado na capital de Cabo Delgado.

Outra irregularidade no curriculum de Daniel Ramos tem a ver com o facto de ele ter sido eleito presidente da Comissão Provincial de Eleições, o que constitui uma ilegalidade uma vez que a lei determina que “a presidência das Comissões Provinciais de Eleições deve ser ocupada por membros da sociedade civil”.

Entretanto, a plataforma da Sociedade Civil em Nampula, uma estrutura de coordenação das organizações não governamentais sediadas na província de Nampula e que engloba cerca de 50 associações, sente-se excluída do processo de participação na composição da Comissão Provincial de Eleições (CPE), alegadamente devido à falta de transparência e de divulgação.

Segundo António Muagerene, secretário-executivo desta agremiação, os que entraram na Comissão Provincial de Eleições (CPE) usando o nome da sociedade civil não passam de falsários e considera que os indivíduos que foram eleitos membros daquele órgão não representam efectivamente os interesses da sociedade civil, desconhecendo-se a existência da organização a que eles pertencem, como é o caso da Associação dos Amigos de Mecuburi (AMEC).

Aliás, Muagerene diz que a CPE a nível da província de Nampula não é composta por aqueles que defendem interesses da população local, mas sim por pessoas instruídas para cumprir agendas de determinados grupos políticos.

“A Organização Nacional de Professores (ONP) é uma organização democrática de massas agregada ao partido Frelimo, criada na época da Independência Nacional, à semelhança da Organização da Juventude Moçambicana, (OJM), Organização da Mulher Moçambicana (OMM), entre outras, com o objectivo claro de defender os interesses desta formação política, e não sabemos como é que estes vão arbitrar as eleições, um processo em que se exige a máxima transparência possível”.

Zambézia

Em relação à província da Zambézia, o segundo

maior círculo eleitoral do país, tal como tínhamos avançado na edição passada, que saiu à rua no dia 12 de Abril, há indicações de que os cinco elementos empossados são membros activos do partido no poder, o que constitui um flagrante atropelo à lei.

Entretanto, devido, em parte, à denúncia feita pela imprensa, duas figuram renunciaram na terça-feira ao cargo de membros da Comissão Provincial da Zambézia. Trata-se de Jone Dias e Constância Constantino, que se tinham candidatado através da Organização Nacional de Professores e da Associação de Naturais e Amigos de Namacurra, respectivamente.

Jone Dias é um professor de carreira e há dois anos foi director da Escola Secundária 25 de Setembro em Quelimane. Posteriormente, foi convidado para concorrer nas eleições internas no seio do partido Frelimo para o cargo de secretário do Comité da Cidade. Não foi eleito e mais tarde foi transferido para o distrito de Chinde. Nunca deixou de militar no partido Frelimo e, estranhamente, tinha concorrido a membro da CPE, através da Organização Nacional dos Professores.

Por seu turno, Constância Constantino é esposa de um deputado da Frelimo na Assembleia da República, e exerce, à semelhança de Jone Dias, a profissão de professora. A nível da cidade de Quelimane, pertence à bancada daquele partido na Assembleia Municipal de Quelimane. Curiosamente, tinha-se candidatado a membro da CPE como sendo da Associação de Naturais e Amigos de Namacurra.

Constância Constantino estava também em conflito com a lei uma vez que o regulamento da Comissão Nacional de Eleições refere que “a qualidade de membro da comissão provincial de eleições é incompatível com a de titular de órgãos das autarquias locais e das assembleias provinciais”.

Para preencher os lugares deixados por Jone Dias e Constância Constantino a Comissão Nacional de Eleições, segundo o jornal Diário da Zambézia, fará entrar dois “frelimistas”, um com capa de Sociedade Civil, usando a capa da Comunidade Muçulmana e enquanto que outro entra sem proponente. Trata-se de Egídio Rodrigues Moraes e Luísa Tomas Sozinho de Melo Consola.

Egídio Moraes já foi Presidente da Comissão Provincial de Eleições em pleitos passados e agora entra como vogal em nome da Sociedade Civil. Ele é funcionário da ANE e tem simpatias “fortes” com o partido no poder.

Por seu turno, Luísa Consola, esposa de um antigo administrador distrital, é membro da Frelimo e tem participado activamente em encontros públicos do partido.

Entretanto o processo de substituição voltou a ser foi pouco claro. Na última terça-feira, o Vogal da Comissão Nacional de Eleições, António Chipanga, num contacto com a Imprensa na cidade de Quelimane, havia afirmado que para a substituição destes dois membros que renunciaram, a CNE iria usar a lista dos suplentes existentes e assim iriam ser escolhidos os candidatos no topo dessa lista. Porém a lista tornada pública pela CNE não menciona candidatos suplentes.

Este processo decorrer, novamente, sem o envolvimento de todas organizações da Sociedade Civil zambesiana. Até esta Quarta-feira várias organizações, que estão envolvidas no processo eleitoral, não haviam sido informadas oficialmente sobre a renúncia de Jone Dias e Constância Constantino. A Sociedade Civil também não foi chamada para este processo de selecção de suplentes.

Comunicado

Cidadão informado vale por dois tenha sempre

@Verdade perto de si twitter.com/@verdademz



goste de nós no facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

EDITORIAL: Sonho inalcançável (...) No que diz respeito ao processo eleitoral, a lei estabelece que "para organizar e dirigir o processo eleitoral, o Governo constituirá uma Comissão Nacional de Eleições composta por pessoas que, pelas suas características profissionais e pessoais, dêem garantia de equilíbrio, objectividade e independência em relação a todos os partidos políticos". Mas que garantia de equidade pode ser assacada ao cidadão Leopoldo da Costa que apareceu nas páginas dos jornais com a camisola do partido Frelimo? É idóneo esse senhor?



Paulo Araujo
General Dhlakama
carrega no
acelerador. **Gosto · 7 ·**
Domingo às 16:37



Eridja Sanga
Obviamente,
concordo contigo
meu irmao.... Xtamos
cansados... Domingo às 17:30



**Nelson Nino
Gomes** cambada
de gatunos...
Domingo às 18:16



Grande Chefe
...ainda n é altura de
carregar no
acelerador, é preciso que
algumas pessoas abram os
olhos, pq ao contrário do q
muitas pessoas pensam
dhlakama é bom condutor e
não quer atropelar ninguém...
Domingo às 18:20



Momade Braimo
Ingles ver meus
irmaos. A freli é ki
fez, a freli é ki faz... **Gosto · 2 ·**
Domingo às 16:43



Harrison Harrior
general tinha razao.
o tipo e um
infiltrado na CNE, aperta os
tipos geral Dhlakama
Gosto · 3 · Domingo às 18:59



Gilberto Siteo E
espectaculo **Gosto · 1 ·** Domingo às
17:07



**Alex Pedro
Massingue** Que
belo palco teatral.
Gosto · 2 · Domingo às 16:55



**Nkuyengany
Producoes**
bandidos **Gosto · 2 ·**
Domingo às 16:46



Helder Bernardo
sinceramente Sr
Leopoldo!!!!!! **Gosto · 2 ·** Domingo às 16:46



Vasco Francisco
Dpois falam d
transparência...
Gosto · 3 · Domingo às 16:35



Jorge Carlos Cavele
fiquem sosegados,
democracia so
daqui a treis geracoes... **Gosto · 1 ·** Ontem às 11:24



Álvaro Xerinda
Será que nao existe
outro trabalho pra
esse senhor? **Gosto · 1 ·**
Ontem às 1:06



Anibal Neves e
dizemos que tio
Dlakha fala coisas
sem sentido!! **Gosto · 1 ·**
Domingo às 21:50



Izard Iacamura
Mas tudo depende
só de nos! Vamos
votar para a mudança, vamos
dar oportunidade aos outros,
chega dessa corja de ladrões
e corruptos! **Gosto · 1 ·**
Domingo às 19:27



Jorge Ferreira
Idonio, sim... ja
deve ter 50! uma
pouca vergonha! sabem
como se infiltram
legalmente. Vejam as
escolas... U.Sov, Cuba, Pide,
Mossad, Argelia, etc...
Atencao que sou Comuna,
mas... nao radical **Gosto · 1 ·**
Domingo às 17:03



Jeremias Lichive
Nao entendo
porque esse
governo continua brincando
com o povo, ja nao
aguentamos mais por favor
nos livrem desse jugo.
Imaginem se num jogo entre
Moçambique (Mambas) e
Africa do Sul (BAFANA) a
equipe arbitrária fosse toda
ela constituído por arbitros
moçambicanos e jogando no
ENZI, quem irria ganhar?
Mesmo com uma equipe
forte e com todos seus
internacionais os Bafanas nao
ganhariam. **Gosto · 2 ·**
Domingo às 17:00



Francisco Louzada
É uma vergonha,
estamos entregues
a mão da bicheza, Deus nos
acuda o povo Moçambicano
não merece isso, em quanto
o cenário não mudar eu e a
minha família não iremos
votar não terá sentido
nenhum porque já existe o
vencedor. **Gosto · 1 ·**
Domingo às 16:56



Mamudo Namuera
Cota Dlakama tem
razão pa!! Isso não
se explica!! Brincadeiras de
mais... **Gosto · 1 ·** Domingo às
16:45



**Jerry Revelador
Fonseca** Que fique
explicito quem é
quem, seja servida a justiça.
Gosto · 1 · Domingo às 16:35



Nando Conceicao
kakakaka este Pais
e uma anedota
Gosto · 1 · Domingo às 16:34



Ashrafaly Laher
Hipocrisia na
verdadeira acepcao
da palavra. **Gosto · 1 ·**
Domingo às 16:30



Cabral Nhampule
A idoneidade deste
senhor é posta em
causa que cidadão é este da
sociedade civil partidarizado?
Gosto · 1 · Domingo às 16:30

goste de nós no facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

@Verdade: Criou uma convicção nesta música ao afirmar que não "sou formado em direito, mas sei que manifestar neste país é meu direito". Acha (mesmo) que o povo moçambicano já tem esta consciência?



Azagaia: Não existe a consciência de direito. As pessoas ainda têm medo de intervir e de se manifestar contra procederes negativos. No assunto que se explora na música, eu percebi que a repressão da Policia intimida os desmobilizados de guerra. Foi como se fosse um aviso deixado para toda a gente. Com que diz que "quem quiser agir como o referido grupo social corre os mesmos riscos". É assim que o povo vive, com medo de exigir os seus direitos – sempre que forem violados – porque a Força de Intervenção Rápida irá actuar contra si. Nós não podemos viver com medo.



José Raúl Todos
concordam com o
Azagaia, mas na
hora da verdade nenhum de
nós tem coragem... Bando de
medrosos. **Gosto · 13 ·** há 3
horas



Jose Mateus Bone
F.I.R = Força de
Intervenção
Retardada... É o que eles são!
Gosto · 10 · há 3 horas



David Sebastião
Sebastião
precisamux max
azagaiax nexa pai **Gosto · 2 ·**
há 3 horas



Marcella Mariano
Concordo
plenamente
contigo Azagaia. **Gosto · 1 ·** há
4 horas



Lapson Lucky Sem
duvidas ele ta certo
há 3 horas



**Isaías Gonçalves
da Silva** Por isso se
os ricos roubam os
pobres ,entao vamos
combater a riqueza
abusluta.... e quando eu dizer
«aza-e-voces-dizem-gaia»
Forxa meu mano! **Gosto · 2 ·**
há 2 horas



Jerry Tembe Nos
bastidores, so se
houve
lamentações. Para muitos a
eminente guerra era uma
esperança de mudanças.
Gosto · 2 · há 3 horas



Ivan Homero
Chilusse Vivemos
rodeados e cercados
pelo medo e insegurança Se
abrimos a boca Contra esses
larápios já preparamos a nossa
força Mas é tempo de deixar o
medo de lado E agir como um
soldado Em prol da revolução
Mesmo sem armas na mão
LIBERDADE DE EXPRESSÃO SE
OS ACTUAIS LARÁPIOS JÁ
COMBATERAM SEM MEDO
QUEM NÓS SOMOS PRA TER
MEDO? COM MAIS AZAGAIAS
O CENÁRIO MUDARÁ FORÇA
AZAGAIA **Gosto · 2 ·** há 3
horas



Guleras Gouveia
Hu tiyisili mbavha
azagaia! **Gosto · 1 ·**
há 3 horas



Valton Victorino
quantos manos
Azagaia
inistem...? somos todos um
grupo povo de jovens
medrosos, quando vamos
perder o medo, sair das saís i
calxas deses combatentes da
Furtuna...? a mudanxa

comexa com migo i dpois
com tigo! mts de nós so vau
ficar nos Gosto, + comentar k
é bom nada, pq tem medo
de xpor suas ideias seus
pensamentos por causa das
represarias, tristo tou eu pq
fexo parte desta mesma
sociedade...! **Gosto · 2 ·** há 3
horas



Florindo Arlete
Imane Eu poxu
apenax dar u like e e
n comentar, max n pur
medo. Medo d ke? Aki nu fb?
A covardia dax pexoax xta nu
facto d n agir max falar e ter
conhexment d causa. Nao
baxta comentax tenx k agir
há cerca de uma hora



Fauzia Da Grasa
Fafa é axim k si
começa,um dia
ainda teremox d verdad os
ditos"direitos humanos" há
cerca de uma hora



Abudo Domingos
Mabasso ainda
xtamos a viver
numa pais dos colonos há 3
horas



Yasin Jumma
azagaia enquanto
nos nos
intimidamos com aqueles k
deviam nos proteger pk
usam capacete e levam uma
AKM,voce nos insentiva a n
ter medo,entao forca ai,es
um musico k se assemelha
ao ilustre Jeremias Nguenha.
os mocambicanos n irao
acordar do noite p o dia,mas
um dia acordaram e sem
duvidas estaras na fila nr 1
dessa revolucao.gostarias k
lesses essa msg se possivel n
ti intimidares e nunca
desistir.se nos n fizemos
ninguem fara por nos há
cerca de uma hora



Fernando Antonio
Bazo Povo tao
pobre os
governantes milionarios.
vamos viver assim mesmo?
há 2 horas



Cardoso Ventura
F.I.R na na na eu
acho que nao é o
nome que se deva dar a
esses homens F.I.F A forxa
de intervencao da frelimo
porque sao caes mandados
para defender interex de
poucos nao do povo porque
somos muitos há 2 horas



Julio Feliciano Não
é somente agir que
vai mudar esse País,
mas sim agir com inteligência.
Força Azagaia para ver se não
muda a mentalidade da nossa
geração medrosa! **Gosto · 1 ·**
há 2 horas

goste de nós no facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

CIDADÃ REPORTA: Erik Charas foi detido



Paulo Araujo Estao
na esquadra por
isso aguardemos
pelos detalhes quando de la
sairem. Uma coisa eh certa
nas sextas feiras a nossa
policia faz muitas detencoes
para depois ameaçar que
ficas ate segunda feira ou
pagas para sair. **Gosto · 15 ·**
12/4 às 22:30



Naja Karina
Ehehehehehe, eu
quero pra esses
tipolicias me tentarem, juro!
Gosto · 1 · 12/4 às 22:32



José Amor
Mudjadju Tovele
juro xikwembo eu
tambem ando com os nervos
a flor da pele esses canalhas
o dia que vao me tentar serei
morto por eles mas para
nunca mais deterem alguem
de qualquer maneira e com
intencoes de humilhar, filhos
de uma egua pa? **Gosto · 1 ·**
12/4 às 22:42



Joaquim João
Depois faras o que?
Usar os dentes!



Naja Karina Caro
Joaquim, se voce so
sabe usar dentes
para se defender nao pense
que somos todos assim.
Gosto · 1 · 12/4 às 23:33



Benildo Francisco
Nhabomba alguem
pode nos avançar
as alegações da policia. Nota:
no oficio é proibido por
algebras nas palavras (disse
Carlos Cardoso) **Gosto · 7 ·**
12/4 às 23:21



José Amor
Mudjadju Tovele 'e'
por isso que
mataram carlos cardoso e
depois de 12 anos estao soltos
Gosto · 3 · 12/4 às 23:35



Yussuf Adam
Sempre que ha
uma ilegalidade,
uma prisao, ou qualquer outra
coisa em vez de ragirem ha
uns que dizem como a minha
avo e prciso er bem o que
aconteceu, e preciso saber as
razoes, antes de tomar
qualquer decisao... Pois como
nao correu a tempo para o
hospital morreu com um
enfarte... Isso acontece com
os direitos dos cidadaos..
Estamos fartos e carecas de
saber o que se passa... **Gosto ·**
Domingo às 10:11



Agostinho
Chillaule Zelo mal
orientado... onde
devia prender solta, esses
agentes so são bons durante
o sono porque quando
acordados são um perigo...
Gosto · 6 · 12/4 às 22:44



Samito Casimiro
Mucavel Está claro
q ele é detido por
causa da verdade do jornal a
verdade... Força mano
Charas... Estamos contigo
Gosto · 13 · 12/4 às 22:26



Jordão Pereira As
vezes somos
penalizados e
detidos por falar e escrever
verdades! Mas a @verdade
sempre Venceu! **Gosto · 5 ·**
12/4 às 22:54



Luis Ah-Hoy Jr.
Ainda não sei qual
foi o motivo da
prisão. Mas conhecendo o
modus operandi da PRM, de
certeza que é mais uma
detenção ilegal, a juntar às
milhares que eles efectuam
anualmente. **Gosto · 2 ·**
Sábado às 0:10



Naja Karina Quem
eh esse!! Ehehehe
as pessoas fazem
like na pagina e nao sabem
que eh o Charas!? Parece que
a policia esta a querer muito
o Charas, ha dias foram tiros
sem motivo, hoje detencao!?
Ta cheirar muito mal isto
Gosto · 2 · 12/4 às 22:24



Abudo Domingos
Mabasso polic d
cidade d mapt pra
ti aprender n ha nescessade
d ter motivo **Gosto · 1 ·** 12/4
às 22:43



Eduardo Deor
Mzbq e' um pais q
a verdad nao t
salva o povo precisa ser
determinado! ou isso vai virar
Brazil!tem abuzo esses
policias **Gosto · 1 ·** Sábado às
6:52



Dan Uandela
Mensagem clara:
proibido pensar,
proibido falar. **Gosto · 1 ·**
Sábado às 0:07



Fernando White O
povo esta contigo
Erik Charas, tu es um
dos que esta dar continuidade
aos trabalhos de Carlos
Cardoso, a luta pela verdade.
Gosto · 1 · 12/4 às 23:02



Carlos Rebelo
aonde está a
democracia? Já
ninguém pode falar o que
sente? 12/4 às 22:56



D'lagos Sabão mas
que democracia é
esta? que quando
alguem fala verdade é
gradeado? afinal o que se
refere a liberdade de
expressão? o que é um
jornalista? hipócritas. **Gosto ·**
1 · 12/4 às 22:40

Reunião e manifestação: conheça os seus direitos

Texto: Rui Lamarques • Ilustração: Hermenegildo Como



O discurso oficial desqualifica a mais pacífica manifestação de protesto, apresentando-a como um expediente que não resolve os problemas do país. O coro oficial assume, muitas vezes, formas de violência física quando em nome de uma pretensa reposição da ordem e tranquilidade públicas a FIR é mobilizada a descarregar balas de borracha - mais recentemente -, gás lacrimogénico e jactos de água sobre cidadãos indefesos e desarmados que protestam contra as mais variadas injustiças. No fundo, a retórica securitária visa camuflar em delito colectivo um direito constitucional, cujo usufruto não carece da homologação política ou administrativa dos burocratas do regime. Um aviso a quem de direito e a necessária cautela para se evitar que os direitos de terceiros não sejam prejudicados são expedientes suficientes para uma manifestação de sucesso. As causas, essas, não parecem faltar num país onde a cada dia que passa vai nascendo mais um grupo de protestantes de direitos coarctados pelo Estado.

Os episódios de repressão protagonizados pela Força de Intervenção Rápida (FIR), sempre que cidadãos nacionais pretendem manifestar-se, sucedem-se. Os agentes da G4S sentiram, na pele, a brutalidade das acções da FIR quando questionavam a direcção da empresa por atropelos graves à lei laboral.

Recentemente, a FIR usou canhões de água para reprimir, no dia 12 de Março, mais uma manifestação pacífica.

Segundo o porta-voz do Fórum, Constantino William, falando ao @Verdade, os manifestantes tentaram reunir-se no recinto público do Circuito de Manutenção António Repinga onde pretendiam voltar a pressionar o Governo, que estaria reunido em mais uma sessão do Conselho de Ministros no Gabinete do Primeiro-Ministro, a satisfazer as suas exigências, que passam pela fixação de uma pensão mensal no valor de 20 mil meticais e pela revisão do Estatuto dos Combatentes, que segundo eles não é abrangente. Porém, foram confrontados com a forte presença de agentes da PRM e da FIR equipados com armas de guerra, bastões e carros anti-motim.

Perante a vontade dos Desmobilizados de entrarem no recinto, que é público, foram disparados jactos de água que dispersaram os manifestantes. Quatro membros do Fórum foram detidos pela polícia.

Aquela não foi a primeira vez que a FIR reprimiu uma manifestação pacífica dos Desmobilizados de Guerra e deteve os seus membros.

Um episódio mais recente ocorreu no Município de Dondo. Na semana passada, o presidente daquela urbe, na província de Sofala, suportado pelo partido Frelimo, Manuel Cambezo, impediu a realização de uma reunião do Movimento Democrático de Moçambique, MDM, naquela vila autárquica, com o seu presidente, Daviz Simango, com o intuito de preparar o partido para as eleições autárquicas marcadas para 20 de Novembro próximo. Cambezo justificou a sua atitude de recusa alegando que em nenhum bairro de Dondo existe uma delegação política do MDM.

Afinal o que diz a lei

A repressão à manifestação dos desmobilizados de guerra reacendeu o debate sobre o direito de manifestação e reunião em Moçambique. @Verdade ouviu advogados e consultou as leis no 9/91 de 18 de Julho e a 7/2001 de Julho. A primeira aborda os dois direitos. A segunda também, mas altera a redacção de alguns artigos da primeira.

Contudo, a legislação moçambicana aborda, de forma específica, o direito à manifestação e reunião. Ademais, as alterações ao corpo da lei limitam esse direito que a Constituição da República Moçambique (CRM) consagra expressamente.

Na verdade, a lei refere-se unicamente de forma clara ao Direito de reunião e de manifestação, afirmando, no número 1 do artigo 3, que “todo os cidadãos podem, de forma pacífica e livremente, exercer o seu direito de reunião e manifestação sem dependência de qualquer autorização nos termos da lei”.

As autoridades, por exemplo, “só podem interromper a realização de reunião ou manifestação realizada em lugares públicos ou abertos ao público, quando forem afastadas da sua finalidade ou objectivos e quando perturbem a ordem e

ARTIGO 16 (Outros crimes)

1. Todo aquele que interferir na reunião ou manifestação coagindo, impedindo ou tentando coagir ou impedir o livre exercício desses direitos, incorre no crime de desobediência qualificada previsto e punido nos termos do artigo 188.º, parágrafo 2.º, do Código Penal.

2. Todo aquele que desviar os objectivos da reunião ou manifestação e provocar danos materiais ou pessoais, é punido nos termos da lei geral.

ca, de cerca de uma centena de membros do Fórum dos Desmobilizados de Guerra de Moçambique, na baixa da capital de Moçambique. Quatro dos manifestantes foram detidos na ocasião.

Autorização?

O exercício de manifestação ou reunião, em locais privados, não carece de informação e nem de autorização. Quanto o mesmo acto é exercido em lugares públicos ou abertos ao público as pessoas ou entidades que a pretendam realizar deverão avisar por escrito, do seu propósito e com antecedência mínima de quatro dias úteis as autoridades civis e policiais da área. O aviso deve ser assinado por dez dos promotores devidamente identificados pelo nome, pro-

fissão e morada ou, tratando-se de pessoas colectivas, pelos respectivos órgãos de direcção.

Do aviso deverá constar a indicação da hora, local e objecto da reunião e se se tratar de cortejos, desfile e outras formas de manifestação a indicação do trajecto a seguir. A entidade que receber o aviso tem a obrigação de emitir o comprovativo da recepção.

As únicas restrições impostas ao exercício do direito estão relacionadas com a ofensa à CRM, às leis e à ocupação abusiva de espaços públicos. Também pode não ser permitida por razões de segurança a realização de manifestações a menos de 100 metros de órgãos de soberania e das instalações militares e militarizadas, dos estabelecimentos prisionais, das sedes das representações diplomáticas e consulares e ainda das sedes de partidos políticos.

Destaque

tranquilidade públicas”. Refira-se ainda que as autoridades que detêm competência nesta matéria não podem praticar actos administrativos que limitem a protecção conferida pelo artigo 51 da CRM. Um advogado ouvido pelo @Verdade, que não quis ser identificado, afirmou que “mesmo as normas restritivas de direito, liberdades e garantias, para além de terem de se revestir das características já assinaladas não podem diminuir a extensão e alcance do conteúdo essencial dos preceitos constitucionais”.

De acordo com o artigo 51 da CRM, “todos cidadãos têm direito à liberdade de reunião e manifestação nos termos da lei”. Isso, diz o advogado, engloba, por um lado, uma referência individual, na medida em que são os homens individuais os sujeitos do mesmo direito, sendo certo que tal direito se pode, também, estender às pessoas colectivas. Por outro, “congrega uma referência universal, já que é privilégio de todos, independentemente da sua ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas”.

Ou seja, “a liberdade que a todos se reconhece, é porém, única e exclusivamente, a de se manifestarem ‘pacificamente sem armas’, pelo que cessará logo que ou o indivíduo ou a manifestação perca o seu carácter pacífico”.

É preciso, contudo, esclarecer o que o legislador pretende dizer com “carácter pacífico”. A interpretação dos advogados ouvidos pelo @Verdade refere que se trata de um conceito indeterminado. No entanto, dizem, “podemos apelidar de pacífica aquela manifestação que congrega um conjunto de pessoas visando exprimir uma opinião, sentimento ou protesto sentidos em uníssono, através da presença e/ou palavra”. Nesse sentido, “manifestação pressupõe a observância da lei e da moral, o respeito pelos direitos das pessoas singulares ou colectivas e a não perturbação da ordem e tranquilidades públicas”.

ARTIGO 5 (Restrições)

1. Não é permitida a realização de reuniões ou manifestações com ocupação abusiva de edifícios públicos ou particulares.

2. Poderá não ser permitida, por razões estritamente de segurança, a realização de reuniões ou de manifestações em lugares públicos situados a menos de cem metros das sedes dos órgãos de soberania e das instalações militares e militarizadas, dos estabelecimentos prisionais, das sedes das representações diplomáticas e consulares e ainda das sedes dos partidos políticos.

Carácter violento

“Se a manifestação assumir um carácter violento ou tumultuoso não será considerada como pacífica”. Isto é,

ARTIGO 10 (Avisos)

1. As pessoas ou entidades que pretendam realizar reuniões ou manifestações em lugares públicos ou abertos ao público deverão avisar por escrito, do seu propósito e com a antecedência mínima de quatro dias úteis, as autoridades civis e policiais da área.

2. O aviso deve ser assinado por dez dos promotores devidamente identificados pelo nome, profissão e morada ou, tratando-se de pessoas colectivas, pelos respectivos órgãos de direcção.

3. Deste aviso constará a indicação da hora, local e objecto da reunião e se se tratar de cortejos, desfiles e outras formas de manifestação a indicação do trajecto a seguir.

4. A entidade que receber o aviso emitirá documento comprovativo da sua recepção nos devidos termos.

perderá, desse modo, a protecção constitucional. Salienta-se, porém, que tal violência deverá brotar da maioria ou globalidade dos respectivos participantes, pelo que a sua constitucionalidade será aferida pelo carácter não excepcional dos actos lesivos.

Quanto à proibição de armas, abrange os participantes e os promotores da manifestação. Os indivíduos armados não poderão beneficiar do exercício desse direito, “já que o porte de arma é interdito e objecto de sanção penal. Deve, portanto, entender-se por arma “todo o objecto susceptível de ser utilizado como meio de agressão física de pessoas ou bens, destituído de qualquer aptidão para servir de veículo de expressão ‘espiritual’ das ideias dos manifestantes”.

Importa salientar que a CRM não impõe qualquer limite substancial ao exercício da liberdade de manifestação, pelo que, por exemplo, não se poderá submeter a prévia ou posterior censura o teor da manifestação. É claro que como qualquer outro direito constitucionalmente protegido, a liberdade de manifestação encontra o seu limite naquela norma que garanta e discipline outro direito ou interesse com ele colida, tal como o direito de propriedade, a liberdade de circulação, o direito à integridade pessoal, o respeito pelos bons costumes e pela lei penal. Ou seja, “não existe qualquer privilégio ou imunidade de manifestações, pelo que as infracções ocorridas durante ou no decurso (número 2 do artigo 16) fica sujeito à competente responsabilidade. O que não podem é, só por si, determinar a dispersão da manifestação pela força.

O direito à manifestação comporta, digase, três componentes: a liberdade de manifestação, ou seja, o direito de se manifestar sem impedimento e, desde logo, sem necessidade de autorização prévia;

direito de não ser perturbado por outrem no exercício desse direito, incluindo o direito à protecção do Estado contra ataques ou ofensas de terceiros e, por último, o direito de utilização de locais e vias públicas, sem outras limitações que as decorrentes da salvaguarda de outros direitos fundamentais que com ela colidam.

Manual para uma manifestação de sucesso

1. Identificar a causa.
2. Definir a rota ou local público onde ela decorrerá
3. Garantir a assinatura de dez promotores
4. Informar das causas da manifestação
5. Avisar ou informar as autoridades civis e policiais da área
6. Entregar o aviso com quatro dias de antecedência
7. Exigir o documento comprovativo da entrega do aviso
8. Solicitar protecção do Estado contra eventuais sabotadores
9. Garantir que nenhum manifestante tenha armas ou objectos susceptíveis de ferir terceiros
10. Se houver necessidade de se aproximar de um espaço de soberania garantir que esteja, no máximo, a 110 metros de distância
11. Não colocar em causa a integridade de terceiros ou a propriedade privada
12. Informar os órgãos de informação social sobre o objectivo e espírito da manifestação

O delírio de Cambezo

Depois do espectáculo protagonizado pelo edil de Dondo, Manuel Cambezo, @Verdade ouviu, para além de procurar o enquadramento legal da decisão, dois juristas e constatou que o acto representa um atropelo grave à Lei no 12/92 que visava tornar executório o Acordo Geral de Paz. “A desculpa de Cambezo, para legitimar o acto, é ridícula”. Ou seja, a CRM consagra o direito de liberdade de associação, expressão e propaganda política”.

Nenhum edil e até o Presidente da República, defendem, pode impedir o gozo de tal exercício em toda a extensão do território nacional, salvo quando esses interesses coliderem com outros.

O Protocolo III, na sua alínea A é claro quando refere que “todos os cidadãos têm direito à liberdade de expressão, associação, reunião, manifestação e propaganda política. Regulamentos administrativos e fiscais não serão, em nenhum caso, aplicados de maneira a discriminar ou impedir o exercício destes direitos por razões de ordem política (...)”.

Ainda, contudo, que seja necessário enviar um pedido às autoridades da área, Cambezo não tem poder para impedir uma reunião que não fere nenhum preceito constitucional. “A questão relativa à sede é uma espécie de bóia de salvação para promover um delírio”.

Selo d'@Verdade

Abuso de Poder

Caríssimos,

Para além de o meu post no Facebook, indicador de que já estava em casa, na madrugada de sábado, este é efectivamente o meu primeiro *account* público sobre o assunto. Priorizei o fim-de-semana para esclarecer à minha família que não sou um criminoso e que as condições embaraçadoras e humilhantes em que fui forçado a acompanhar os agentes da Polícia de Investigação Criminal (PIC) e, posteriormente, a presença na esquadra não eram indicadores de nenhum comportamento criminal da minha parte!

Efectivamente, na sexta-feira, após ter sido interpelado no "road block" da Polícia, na zona do Marítimo, onde me identifiquei, conforme solicitado (BI, carta de condução, livrete, etc.), questionei certos comportamentos e atitudes dos polícias (de trânsito e segurança pública) tendo sido, forçosamente, convidado a passar umas 3 horas nos escritórios da PIC, e depois cerca de hora e meia na esquadra do Triunfo.

Ninguém conseguiu ainda me explicar, nem ao meu advogado, porque é que mesmo depois de os polícias que me detiveram terem comunicado, via rádio, a minha identificação, apareceu um veículo com três elementos da PIC que me informaram (e aos meus colegas do jornal já presentes no local e que testemunharam a situação) de que devia acompanhá-los porque, a partir daquele momento, estava sob custódia da PIC.

Conduzido pela cidade em velocidade alta, bem acima de qualquer limite e não parando em nenhum sinal de trânsito ou semáforo vermelho, transgredindo todas as regras trânsito que conheço, por esses agentes, fui levado à PIC, onde estive sentado durante muito tempo sem ser submetido a nenhum interrogatório especial. O mais caricato é que os agentes que me levaram àquele lugar desapareceram.

Obviamente, que, no fim da segunda hora, solicitei a presença do meu advogado. Este, ao chegar, também procurou saber porque é que estávamos lá sentados sem sequer ter sido aberto algum processo, ao que nos responderam que tinham optado pela minha transferência e já tinham solicitado uma viatura pela rádio para o efeito. O meu advogado, devidamen-

te identificado, ofereceu-se para nos levar, a mim e aos polícias, mas a oferta foi prontamente recusada. Fui transportado num veículo policial, na parte traseira e exibido pela cidade como se fosse um criminoso. Só não fui algemado porque o "cinzentinho" a quem deram as ordens para tal recusou-se a fazê-lo porque me conhecia e não queria perder o seu pão.

Na esquadra, já volvidas mais de quatro horas, o assunto não foi diferente: o oficial encarregue de "escrever" simplesmente cingiu-se a uma acareação sobre uma ocorrência – transgressão das normas de trânsito – e perante o agente da Polícia que disse ter testemunhado a infracção foi lavrado um auto (parece que assim é de lei) a que não tive acesso.

Foi-me aplicada uma multa de três mil meticais por transgredir o artigo 33 do Código da Estrada e deixaram-me em liberdade, mas com a indicação de regressar na terça-feira para saber do seguimento do processo.

Mais tarde recebi a informação de que não era necessária a minha presença no dia indicado, supostamente porque esta exigência foi feita somente ao polícia que esteve envolvido no assunto.

Ninguém, nem a PIC, nem a esquadra, nem as várias pessoas que posteriormente falaram comigo sobre este

assunto, me consegue explicar por que razão passar num "auto stop" no Marítimo tenha ditado a minha prisão e transferência para a PIC (em frente ao Comando da Cidade de Maputo) e, posteriormente, para a 13ª esquadra no bairro Triunfo, para além de ter sido privado de liberdade por um período de quatro horas sem nenhum processo instaurado. Segundo os polícias, foi uma coincidência o facto de ter vindo um carro que me levou à PIC. Pois, coincidência...

Entretanto, em todo o momento fui tratado como um detido e despido dos meus direitos, incluindo a passeata pública nocturna no carro da Polícia a que fui submetido. Ninguém sequer

se dignou pedir desculpas ou, no mínimo, esclarecer a mim e ao público em geral sobre o sucedido.

Sobre os comentários que ouvi, dirigidos a mim pelos polícias, nas várias fases do processo, há alguns que para mim não me fazem sentido num Estado democrático onde a Polícia, ao invés de proteger o cidadão, viola os seus direitos.

"Esse é da Renamo, imagino que tenha a ver com a capa do jornal que esta semana (referia-se à passada) tem o Dhlakama. Esse tem de aprender uma lição para não voltar a fazer... O cidadão não tem o direito de questionar nem exigir identificação do polícia. Eu recebo ordens que vêm de cima e não de baixo". Estas são algumas das várias coisas ditas pelos polícias, os mesmos que proferiram as seguintes palavras: "vamos levá-lo para ir moer". Aqui, reconheço que me assustei um pouco, pois a minha mente é criativa e associei isto à carne moída...

É minha opinião de que não há uma intenção de intimidar os *media* independentes neste momento em Moçambique. Não sei porquê, mas suspeito que seja para nos fazer distrair dos assuntos, de verdade, que estão em curso (por exemplo, a composição das comissões provinciais de eleições por membros da Frelimo disfarçados de sociedade civil, etc.). Havia, no meu caso, a intenção de me perderem no sistema, isto a avaliar pelas tantas transferências da minha pessoa de um lugar para o outro durante aquele fim-de-semana até segunda-feira. Ainda dentro do processo, de me darem uma lição, daquelas que sabemos que acontecem nas nossas prisões, haverá alguma intenção mas agora justificada com coisas "intangíveis", tais como difamação, desobediência, crítica excessiva, etc., etc. Assim, já me avisaram muitos amigos dos *media* que vivem em sistemas oprimidos, tais como o meu amigo Rafael Marques, que é a forma de operar dos sistemas, contra quem expõe a verdade tal como ela é.

Todavia, imagino o que acontecerá a um cidadão comum, ou a um jornalista que não tenha um advogado em situação semelhante àquela pela qual passei. É urgente que haja sistemas e mecanismos para a sua protecção. Em cinco horas, este incidente correu o mundo e quase que garantiu que o país tenha descido mais um ponto no que se refere à liberdade de imprensa. Parece que este tipo de excesso de zelo não ajuda o sistema, muito pelo contrário. Fiquei estupefacto com o "desconhecimento" que têm os nossos polícias dos direitos dos cidadãos, assim como do Código da Estrada.

Enfim, aqui fica a descrição do que se passou (segundo a minha perspectiva e reconhecendo que os polícias podem ter outra perspectiva para este tipo de situações).

Erik Charas

Sobre o "Fogo Cruzado" em Muxungue

A Frelimo alerta

Face aos confrontos de Muxungue, a Frelimo diz: "O nosso patrão, o patrão da Frelimo e do Governo de Moçambique é o maravilhoso povo moçambicano (...). A Frelimo apela ao maravilhoso povo moçambicano, o nosso patrão, para que mantenha a calma, a serenidade, a vigilância e denuncie, às autoridades, os actos e pronunciamentos que atentam contra a unidade nacional, a paz e harmonia".

O "povo" agradece e reage

Obrigado por a Frelimo "estar connosco" neste momento de tensão e prometemos denunciar qualquer atentado à paz e harmonia! Mas eu (como parte deste mesmo "povo patrão") gostaria de pedir à Frelimo para que não me chame de "PATRÃO", pois com isso sinto-me muito OFENDIDO, quando lembro que ainda hoje eu, "Patrão" da Frelimo, fui ao trabalho pendurado numa carrinha de caixa aberta, enquanto eles andam de Navaras "oferecidos" e até sirenam para que saíamos da estrada para que passem à vontade! Não estou a exigir um carro particular, muito menos um autocarro para me transportar de borla, mas sim falo de um autocarro que possa levar 50 pessoas do Zimpeto até à Baixa da cidade com segurança, sem estarem expostas ao sol, à chuva e ao frio!

Por favor, parem de nos insultar (ofender) e resolvam as vossas inquietações com a Renamo. Nós não queremos pagar a factura da arrogância com as nossas vidas. Será que aqueles irmãos que morreram em Muxungue estiveram em Roma a negociar os

Acordos Gerais de Paz e que não estão a cumprir com o acordo já estão a pagar por isso? Já diz o provérbio que "quando dois elefantes lutam, o capim é que sofre".

Aqui, para mim, a questão não é quem foi o primeiro a atacar o outro. Não vale a pena a Frelimo dizer que a Renamo nos atacou, ou a Renamo dizer a Frelimo atacou-nos, mas sim o que está em causa neste "fogo cruzado" são as vidas perdidas que jamais voltarão!

Os "patrões" da Frelimo que foram recentemente considerados os terceiros mais pobres do mundo apelam à Renamo e à Frelimo para que se reúnam e discutam as suas inquietações, e, através desse diálogo, gostariam de viver um silêncio total das armas, gostariam de comparar Muxungue a qualquer outro ponto do país, gostariam de viajar de sul, centro a norte e vice-versa a qualquer hora e sem medo de nada nem de ninguém tal como têm feito desde que terminou a guerra.

Se em Moçambique estamos há 20 anos sem guerra (em paz), e volvido esse todo tempo, somos considerados o terceiro país mais pobre do mundo, o que será de nós caso eclodir uma guerra civil?! Por favor, Frelimo e Renamo tratem dos vossos problemas sem armas, pois essas mesmas armas não atingirão nenhum de vocês mas sim a nós, civis indefesos.

A Frelimo diz que está aberta ao diálogo e isso faz-me pensar em questionar-me o seguinte: Afinal quando o Presidente Gue-

buza se encontrou com o presidente Dhlakama à porta fechada só se olharam um ao outro e não falaram nada? Será que não dialogaram? O Presidente do partido Frelimo e da República agora vai falar algo diferente do que falou naquele encontro? Porque acredito que as exigências da Renamo ainda são as mesmas, e se não foram satisfeitas naquele dia serão hoje?

Ainda num passado recente, o Governo reuniu-se com a Renamo para discutir as inquietações deste último. Este "diálogo" a que a Frelimo se refere acredito eu que nunca terminará com êxito porque estes dois partidos reúnem-se e juntam-se numa única sala para debater assuntos cujos títulos de agenda são totalmente diferentes; diferentes porquê? Porque a Frelimo entra na sala para "dialogar" com a Renamo e esta (a Renamo), por sua vez, entra na sala para "negociar". Penso que esses dois termos têm significados totalmente diferentes!

"Toda a pessoa tem direito de exprimir e de difundir as suas opiniões no quadro das leis e dos regulamentos". (Carta Africana dos Direitos do Homem e dos Povos, Artigo 9).

"Os membros detêm a mais ampla liberdade de expressar a sua crítica e opinião, sendo-lhes exigido o respeito pelas decisões tomadas democraticamente, nos termos dos Estatutos". (Estatuto do Partido Frelimo, Artigo 19)

Pedro Cossa

A diplomacia da construção de Angola e Brasil

O Brasil fez das grandes obras de infra-estrutura um caminho próprio para a expansão internacional da sua economia e da sua influência, com forte incidência no desenvolvimento de países pequenos, mas também com riscos.

Texto: Mario Osava / IPS • Foto: IPS

Em Angola, onde mais sobressai o papel das construtoras brasileiras, existem os riscos económicos de um país jovem, dependente de exportações petrolíferas e com alta corrupção, num ambiente sem fronteiras entre interesses públicos e privados.

A Companhia Bioenergética de Angola (Biocom) é um exemplo. Para o projecto, destinado a atender o consumo nacional de açúcar, etanol e electricidade, que manejará 32 mil hectares de cana, o grupo brasileiro Odebrecht associou-se à Sonangol, empresa estatal petrolífera angolana, e com a empresa Damer. Esta foi criada nas vésperas da constituição da Biocom, em 2007, pelo então presidente da Sonangol, Manuel Domingos Vicente, e por dois generais, Manuel Hélder Vieira Dias, chefe da Casa Militar da Presidência, e Leopoldino Fragoso, o seu principal conselheiro.

Vicente, agora vice-presidente de Angola, tem com esses dois generais investimentos em diversos sectores, do petróleo ao ramo imobiliário. São os exemplos mais visíveis da incubadora de empresários emanada do Estado e da consequente criação de uma “burguesia nacional”. Em Angola quase tudo depende do Governo. A terra é propriedade do Estado e qualquer empreendimento começa por uma concessão oficial do terreno ou local. A Sonangol é sócia de inúmeras empresas, onde investe os seus elevados ganhos obtidos do petróleo.

Nepotismo e favoritismo são evidentes, mas a sociedade, escassamente organizada, pouco reage. “Inclusive Deus, ao buscar um salvador da humanidade, escolheu o seu próprio filho”, diz uma anedota popular a respeito das fortunas de governantes, militares e seus familiares. O jornalista Rafael Marques de Moraes, líder de um grupo anticorrupção, publica denúncias graves no site www.makaangola.org, muitas documentadas, mas até agora sem provocar escândalos demolidores, como ocorreria noutros países.

Nesse terreno movediço insere-se a brasileira Odebrecht, com relações privilegiadas com o Governo por executar obras estratégicas, muito demandadas pela população, nas áreas viária, de electricidade e de água. Há 28 anos no país, também é uma grande investidora, nos sectores mais variados e com lucros milionários, cujo valor não é público. O presidente do Conselho de Administração do conglomerado brasileiro de construção e outros negócios, Emilio Odebrecht, visita Luanda todos os anos para reuniões com José Eduardo dos Santos, Presidente angolano desde 1979.



O grupo multiplicou a sua visibilidade por explorar a rede de supermercados Nosso Super, presente em todas as províncias, o Belas Shopping, jóia comercial de Luanda, e participar na reestruturação da capital com reformas de bairros lotados, abertura de avenidas e saneamento básico. O seu peso na construção multiplica-se pela disposição de empregar e capacitar mão-de-obra local. É sua estratégia nos quatro continentes em que opera, mas ganha maior relevância em Angola, onde a escassez de trabalhadores qualificados trava o desenvolvimento, apesar do auge da exploração petrolífera.

A Odebrecht é actualmente a maior empregadora privada do país, com cerca de 20 mil funcionários directos, 93% angolanos. A central hidroeléctrica de Capanda, a sua primeira obra no país, “foi a escola de uma elite” de técnicos, agora em importantes cargos no Governo e em empresas, disse Justino Amaro, o primeiro angolano que chegou a gerente na direcção central da Odebrecht Angola.

O agora responsável de Relações Internacionais quase abandonou a empresa, quando chegou à selva de Capanda, onde aceitou trabalhar em 1989, abandonando as comodidades de Luanda e assumindo os perigos da longa guerra civil (1975-2002), que por várias vezes interrompeu a construção e a prolongou por 17 anos. O seu chefe convenceu-o a ficar, por causa das possibilidades de subir dentro da empresa. Pôde seguir os seus estudos de economia à distância e fazer cursos no Brasil, numa apoiada dedicação que impulsionou a sua carreira.

A capacitação de trabalhadores é essencial nos projectos da Odebrecht, e até meados do ano passado 79 mil angolanos beneficiaram do processo. Estudantes universitários seleccionados recebem treino especial, como prováveis dirigentes da empresa. O grupo também oferece formação profissional às populações vizinhas nos seus grandes projectos, preparando jovens para trabalhos em construção, sem necessariamente contratá-los. Para isto, criou o Programa Acreditar, que já formou cerca de três mil trabalhadores nas suas três unidades em Angola.

José Simão, de 54 anos, tem sete filhos do seu casamento e mais seis em distantes províncias, onde participou na guerra. “A vida era combater e fazer filhos”, ironizou. Em Outubro formou-se como pedreiro no Acreditar de Luanda, com três salas de aula, laboratório e biblioteca no Zango, um bairro do Programa de Realojamento de Populações, iniciativa governamental executada pela Odebrecht para reassentar famílias deslocadas pela urbanização ou vulnerabilidade da sua moradia anterior.

Simão já construía casas por conta própria, mas no curso adquiriu novas técnicas. “Em 18 dias aprende-se muito, não só sobre a profissão, mas acerca de saúde, meio ambiente e segurança no trabalho”, ressaltou. Agora pede um emprego ao Governo. “Servimos por longo tempo o Estado como combatentes”, acrescentou, coincidindo com os seus colegas, dezenas de soldados desmobilizados que o Acreditar acolhe para melhorar a sua reinserção profissional.

Essa e outras acções de responsabilidade social, como levar água, escolas, luz e desporto a comunidades pobres, acentuam a imagem de cooperação para o desenvolvimento passada pela actividade construtora. Isto tem especial valor neste país ainda em construção, 37 anos depois da sua independência, e em

reconstrução pós-guerra. Contudo, Angola foi, sobretudo, um grande negócio e impulsionou a conversão da Odebrecht numa das maiores empresas brasileiras e a mais internacionalizada. Uma queixa comum entre angolanos bem informados é o alto custo das suas obras.

Outras construtoras brasileiras, com Andrade Gutierrez, Camargo Correa e Queiroz Galvão, também aproveitam o grande mercado angolano. Essa ampla presença não é uma operação claramente privada. Os seus grandes projectos contam com créditos do Banco Nacional de Desenvolvimento Económico e Social, que financia a exportação de insumos e serviços necessários às obras de empresas brasileiras.

Isso contribuiu para colocar Angola, em 2008, como o principal importador africano de produtos brasileiros, superando a África do Sul e a Nigéria, com populações e economias muito maiores. Mas, em 2010, essas compras caíram para metade, recuperando um pouco nos anos seguintes. São os riscos de operação numa economia dependente dos altos e baixos do preço do petróleo e com elevados custos de vida e de produção pela bonança energética. A sua moeda tende a sobrevalorizar e isto encarece os produtos nacionais e barateia os importados.

O Governo angolano fomenta a produção nacional para substituir as importações, que dominam o mercado interno. A Biocom é parte desse esforço, como a Zona Económica Especial, onde haverá 73 indústrias a 30 quilómetros de Luanda e cuja infra-estrutura inicial foi construída pela Odebrecht. Porém, uma abertura do mercado pode inviabilizar muitos empreendimentos agrícolas e industriais.

Por isso, Angola ignora o livre comércio proposto pela Comunidade de Desenvolvimento da África Austral, que integra com outros 13 países. O risco é de mudança na política económica e também do poder, especialmente para projectos vinculados a governantes cujas decisões podem ser questionadas no futuro. Nada parece ameaçar a estabilidade do regime de 33 anos de Santos, mas projectos industriais como o da Biocom são de longuíssimo prazo.

Pelo menos 20 mortos em ataques na capital da Somália

Pelo menos 20 pessoas morreram numa sucessão de ataques em Mogadíscio, a capital da Somália, reivindicados pela Al-Shabad, um grupo islamista com ligações à Al-Qaeda. Numa das investidas, homens armados entraram a disparar no tribunal central da cidade e mataram 12 pessoas.

Texto: Redacção/Agências

“Homens armados entraram no tribunal e ouvimos uma explosão. Depois começaram a disparar”, disse à Reuters uma testemunha, Hussein Ali. Tropas do Uganda em Mogadíscio chegaram rapidamente ao local e houve uma troca de tiros com os

atacantes. Pouco depois, estes estavam mortos. Eram nove, e seis deles fizeram explodir as bombas que tinham à volta do corpo.

O tribunal estava cheio e as agências noticiosas relatam que algumas pessoas partiram os vidros das janelas para escaparem do interior do edifício, que fica situado numa zona muito movimentada da capital somali.

Quase ao mesmo tempo, um carro armadilhado explodiu na estrada para o aeroporto matando quatro pessoas, duas delas funcionárias de organizações de ajuda humanitária turcas. Um

terceiro carro armadilhado terá rebentado noutra zona da cidade, não havendo ainda indicações sobre esta explosão.

Os ataques foram reivindicados pelo grupo islamista Al-Shabad, com ligações à Al-Qaeda, que tem sido responsabilizado pela violência no país desde há dois anos.

O Governo somali já admitira não ter armas para enfrentar este género de terrorismo com eficácia, limitando-se a enviar a polícia para as ruas em patrulha depois dos ataques.

Redacção/Agências

Advogado das vítimas de Marikana recebe alta

O advogado Dali Mpofu, que representa as vítimas de Marikana na actual Comissão de Inquérito Farlam, que procura respostas e responsabilização relacionadas com o massacre que vitimou mais de 30 mineiros em Rustenburg no ano passado, recebeu alta no último domingo depois de ter sido esfaqueado durante um assalto na praia de East London, província de Eastern Cape, no dia 11.

Texto: Milton Maluleque • Foto: SAPA

“Tive alta e estou bem, entretanto os médicos aconselharam-me a não voar devido a complicações com os pulmões”, afirmou Mpofu, que foi atacado por dois homens enquanto caminhava ao longo da praia. Ele foi esfaqueado na região do tórax, abdómen e braço, tendo-lhe sido roubado somente o celular.

O antigo presidente do conselho de administração da cadeia de rádios e televisões públicas da África do Sul, SABC, afirma que se encontrava em gozo de folgas, na véspera do fim dos trabalhos da Comissão de Inquérito Farlam, apazados para esta semana.

A porta-voz da polícia, a oficial Miranda Mills, assegurou que as investigações para o apuramento das causas e das circunstâncias já estão em curso, sendo que até ao presente momento não foi efectuada nenhuma detenção. No entanto, os trabalhos da comissão irão continuar como o planeado. “Estamos em contacto com a equipa de advogados com a qual o senhor Dali



Mpofu trabalha”, afirmou Tsepo Mahlangu, director da comissão. Outras opções estão a ser estudadas, incluindo a substituição de Mpofu por outro membro da sua equipa enquanto este recupera das lesões. Igualmente, aventa-se a hipótese de o juiz reformado Ian Farlam (o chefe da comissão de inquérito) e os responsáveis ligados às provas do crime se reunirem para que decidam a alteração da sequência do programa do inquérito. “O inquérito deve continuar. Não podemos continuar com os atrasos”, afirmou Mahlangu, para quem a comissão estava chocada e triste pelo esfaqueamento de Mpofu. “Ele é um membro importante da comissão, e tem um papel importante. Desejamos que ele recupere rapidamente.” Questionado pelos media sobre se existia uma ligação entre o ataque

e as actividades de advogado (defesa das vítimas) Mahlangu respondeu que “não existe nenhuma ligação. A polícia foi clara ao afirmar que se tratou de um assalto. Até aqui não temos informações que ditem outras motivações”.

Os trabalhos da comissão continuaram nesta terça-feira como o planeado, mesmo com a ausência de Mpofu.

O advogado Dali Mpofu representa as famílias dos massacrados em Marikana pela polícia e as dos mineiros detidos ao longo das greves do ano passado na mina de platina Lonmin em Rustenburg, onde 44 pessoas (entre mineiros, agentes da polícia e de segurança) teriam perdido a vida.

Refira-se que o curandeiro que teria fornecido medicamentos para que os mineiros aplicassem antes da ida à montanha nas vésperas e no dia do massacre alegando que não seriam mortos pelas balas policiais foi assassinado na sua residência em Março último, coincidentemente na província de Eastern Cape.

O curandeiro era uma das testemunhas chave deste inquérito, por ter estado com os mineiros na montanha durante o período em que se mantiveram amotinados.

África do Sul: Batalha judicial para a implementação das portagens virtuais chega à Cidade do Cabo

Depois da sua vitória na barra do tribunal, que se arrastou por um ano, para a implementação das portagens virtuais denominadas e-toll, na Província de Gauteng (que inclui as cidades de Pretória e Joanesburgo), a Agência Sul-africana de Estradas (Sanral) pretende regressar à justiça no próximo mês com o mesmo propósito, mas desta vez na Cidade do Cabo.

Texto: Milton Maluleque • Foto: Arquivo

Na sequência do aval do tribunal para passar a cobrar aos motoristas pelo uso das auto-estradas que fazem parte do projecto das e-toll em Gauteng a partir de Junho próximo, a Sanral regressa aos tribunais para conseguir a implementação do mesmo sistema nas rodovias N1 e N2, na Cidade do Cabo.

As autoridades locais submeteram uma petição ao Tribunal Supremo do Cabo Ocidental, opondo-se à implementação deste projecto, alegando que caso as e-toll avancem na província poderia ser injusto e discriminatório para os cidadãos pobres, particularmente os residentes negros.

O projecto, chamado Portagens da Auto-Estrada das Vinículas da N1/N2, iniciou há uma década e foi introduzido pelo Consórcio Protea Parkways, e, segundo a Sanral, os custos para a sua implementação ascendem aos 10 biliões de randes.

Objeções desde o início

Em 2011, o consórcio, formado pela firma de construções Basil Read, Group5 e Bouygues, ganhou o concurso para a implementação do projecto, que inclui a construção, manutenção e operacionalização das estradas, cujo pagamento seria feito mediante a cobrança das portagens num prazo de 30 anos antes de ser transferido para a Sanral.



Segundo o vereador Brett Herron, o município da Cidade do Cabo mostrou-se contra este projecto desde o início. Medidas para resolver este dilema, incluindo processos intergovernamentais envolvendo a Sanral, o município e os Ministérios dos Transportes e do Meio Ambiente, não surtiram nenhum efeito.

Segundo Herron, o município conseguiu junto do tribunal fazer com que o projecto iniciasse em 2011, aguardando pelo desfecho do processo de revisão da decisão que culminou com a autorização para a implementação das portagens.

Isto incluía ainda a revisão do aval para a implementação do projecto concedido pelo então Ministro do Meio Ambiente, Marthinus van Schalkwyk, que garantiu não existirem riscos para o meio ambiente em 2008, para a aprovação de algumas áreas específicas das auto-estradas para as portagens, dada pelo então Ministro dos Transportes, Jeff Radebe, e para a declaração da Sanral segundo a qual as auto-estradas eram adequadas às portagens.

A interdição foi, por entendimento, adiada a seis de Dezembro de 2011 depois de a Sanral ter dado ao município a garantia de não continuar com o projecto antes do fim da sua revisão e, caso desejasse prosseguir, deveria enviar uma carta às autoridades

locais 45 dias antes do arranque.

A seis de Março do corrente ano, a Sanral enviou um documento no qual demonstrava a intenção de querer avançar com a iniciativa, mesmo sabendo que o processo de revisão ainda está em curso. Como resultado, o município submeteu uma interdição urgente para que a Sanral não implemente o projecto antes do resultado da revisão. Este caso será ouvido pelo tribunal no próximo mês.

Questionamentos ao projecto

O facto de as receitas provenientes da Portagem de Huguenot terem contribuído para a manutenção do túnel na auto-estrada não foi suficiente para as renovações que o padrão europeu dita para a segurança da infra-estrutura.

“Os trabalhos no túnel não podem ser realizados sem que se observe o encerramento do mesmo num espaço de um ano”, havia adiantado a Sanral. Para Herron, o caso das portagens na Cidade do Cabo não é semelhante ao da província de Gauteng, porque, longe de beneficiar o projecto, iria prejudicar os residentes mais vulneráveis do Cabo e o tribunal foi chamado a intervir depois do fim da construção das portagens.

Herron acrescentou que as portagens acrescentariam gastos estimados em cerca de 200 milhões de randes ao orçamento do município e um valor acrescido de 100 milhões ao orçamento de manutenção resultante do aumento do tráfego causado pela fuga às portagens.

Outras organizações como a Câmara do Comércio e Indústria do Cabo, que se tinham oposto ao projecto desde 2003, disseram, na altura, que grande parte das economias rurais que dependem das rotas para o transporte dos bens agrícolas para o porto do Cabo iria ser a mais prejudicada.

Comunicado

Cidadão informado vale por dois tenha sempre
@Verdade perto de si www.verdade.co.mz



Dupla explosão deixa pelo menos 3 mortos e mais de 100 feridos na Maratona de Boston

Duas explosões deixaram nesta segunda-feira pelo menos três mortos e dezenas de feridos, afirmou a polícia local, no momento em que atletas cruzavam a linha de chegada da Maratona de Boston, nos Estados Unidos da América. Uma autoridade da Casa Branca disse que o incidente será tratado como um “ato de terror”.

Texto: Redação/Agências • Foto: REUTERS

Os corredores estavam a chegar ao fim da prova quando uma bola de fogo e fumaça subiram atrás dos adeptos e de uma fileira de bandeiras que representam os países participantes, segundo um vídeo do local do incidente.

Outras imagens mostraram manchas de sangue no chão e várias pessoas caídas.

Uma hora depois das explosões, a polícia disse ter registrado um incêndio na Biblioteca Presidencial John F. Kennedy, a cerca de 5 quilômetros da linha de chegada da maratona, mas ninguém ficou ferido.

O comissário de polícia Ed Davis afirmou em entrevista coletiva que autoridades não estavam certas se o incêndio, possivelmente iniciado por um artefato incendiário, estava relacionado com as explosões na maratona, que é disputada desde 1897.

O canadiano Mike Mitchell, que havia acabado de concluir a corrida, disse que olhou para trás ao cruzar a linha e viu uma “enorme explosão”, provocando uma coluna de fumaça que ergueu-se a 15 metros. Segundo ele, as pessoas começaram a correr e gritar. “Todo mundo enlouqueceu”, afirmou ele.

Entre os mortos está um menino de 8 anos, informou o jornal Boston Globe, citando duas fontes de segurança.

Ambulâncias chegaram ao local em poucos minutos, e o trânsito na região foi interditado. Atletas e espectadores eram vistos chorando e se consolando.



“Sangue em todo lugar, vítimas retiradas em maca. Vi alguém que perdeu a perna, as pessoas estão a chorar”, relatou pelo Twitter Steve Silva, repórter do jornal Boston Globe.

O governador de Massachusetts, Deval Patrick, disse que mais de 100 pessoas ficaram feridas, algumas delas gravemente.

“Ato de terror”

O presidente norte-americano, Barack Obama, determinou que as autoridades federais ofereçam toda a assistência necessária e disse em declaração televisada que os Estados Unidos vão descobrir quem realizou as explosões nesta tarde e irão responsabilizá-los.

“Nós ainda não sabemos quem fez isso ou por que, e as pessoas não devem tirar conclusões precipitadas antes que nós tenhamos todos os fatos”, disse Obama. “Mas não se enganem, vamos chegar ao fundo da questão, e vamos descobrir quem fez isso, nós vamos descobrir por que fizeram isso.”

Obama afirmou ter determinado ao governo federal que aumente a segurança no país, caso necessário. A segurança foi reforçada em Nova York e Washington.

A Casa Branca informou que está a considerar o incidente um “ato de terror”. “Qualquer evento com artefactos explosivos múltiplos, como esse parece ser, é claramente um ato de terror e será tratado como um ato de terror”, disse uma autoridade da Casa Branca. “Porém, nós ainda não sabemos quem realizou esse ataque, e uma investigação completa terá que determinar se foi planejado e feito por um grupo terrorista, estrangeiro ou doméstico”, afirmou a autoridade.

O presidente foi informado pelo diretor da polícia federal (FBI), Bob Mueller, e pela secretária do Interior, Janet Napolitano, sobre a investigação em andamento das explosões que atingiram Boston, que agora ficará a cargo do FBI.

Todos os anos, centenas de milhares de pessoas acompanham ao vivo a Maratona de Boston, e a maior concentração acontece perto da linha de chegada. As explosões ocorreram mais de cinco horas depois do início da prova, quando os principais atletas já a haviam concluído, mas muitos amadores continuavam correndo.

Dos 23.326 corredores que começaram a prova, 17.584 a terminaram antes das explosões, de acordo com autoridades da corrida.

A Maratona de Boston é tradicionalmente realizada no Dia dos Patriotas, a terceira segunda-feira de abril. A corrida começa na localidade de Hopkinton, Massachusetts, e termina na praça Copley, em Boston. Anualmente, estima-se que a corrida atraia cerca de 20 mil participantes e 500 mil espectadores.

Antes das explosões, o etíope Lelisa Desisa e a queniana Rita Jeptoo venceram as provas masculina e feminina, respectivamente, mantendo o domínio africano nessa distância.

Terremoto no Irão deixa 35 mortos no vizinho Paquistão

Um sismo de magnitude 7,8 na escala de Richter abalou nesta terça-feira (16) o sudeste do Irão, tendo sido sentido em todo o Golfo Pérsico e até na capital da Índia, Nova Deli. O epicentro localizou-se numa zona remota junto à fronteira com o Paquistão, que ficou sem electricidade nem comunicações. Teerão diz não ter notícia de vítimas mortais, mas do outro lado da fronteira pelo menos 34 paquistaneses foram apanhados pelo desabamento das suas casas.

Texto: Redação/Agências • Foto: REUTERS

“É o abalo mais forte no Irão desde 1957”, disse à agência Isna o director do Centro de Sismologia do Irão. Segundo o Instituto Geológico dos Estados Unidos, referência na área sísmológica, o abalo aconteceu às 15h14 (11h44 em Portugal continental), com epicentro a 200 quilómetros de Zahedan, a capital da província do Balochistão. Segundo a mesma fonte, o sismo teve origem a 82 quilómetros de profundidade, o que ajudará a explicar porque não foram os danos tão grandes como inicialmente se suspeitou.

Um responsável governamental, que falou sob condição de anonimato, disse à Reuters que se temia existirem “centenas de mortos” e a televisão estatal chegou a noticiar que 40 pessoas tinham morrido na região, mas a informação foi depois retirada. “O epicentro do sismo situou-se numa zona desértica. As cidades mais próximas, Saravan e Khash, registaram poucos danos”, contou à AFP o director do centro nacional de gestão de crises, Morteza Akbar-Pour.

Daquelas cidades partiram equipas do Crescente Vermelho para avaliar a destruição que o sismo possa ter causado nas dezenas de aldeias situadas próximas do epicentro. O terramoto deixou a região sem electricidade e sem comunicações, o que dificulta a confirmação das informações. Ao final do dia, porém, o governador do Balochistão, Ha-



tam Narouyi, disse à agência Isna que “felizmente o sismo não provocou vítimas mortais”.

Terá sido no vizinho Paquistão que se registaram as piores consequências do sismo. A televisão pública noticiou que perto de um milhar de casas, a maioria construções toscas de adobe, não terão resistido à força do abalo, desmoronando-se sobre os seus habitantes. Um responsável dos serviços de emergência contou que só na cidade de Mashkel, situada junto à fronteira com o Irão, há confirmação de 34 mortos e mais de 200 feridos. Islambad enviou o Exército para ajudar a população de uma das zonas

mais remotas do país.


O sismo foi sentido nas principais cidades do Paquistão, mas também na vizinha Índia. De um lado e do outro da fronteira, centenas de pessoas que estavam nos edifícios mais altos saíram à rua em pânico ao sentirem o abalo. “Estava a trabalhar e a minha secretária começou a abanar”, contou à Reuters um funcionário de uma empresa de seguros instalada num arranha-céus de Deli.

O mesmo cenário repetiu-se nos países do Golfo Pérsico, em particular nas zonas costeiras, onde muita gente procurou refúgio na rua.

Na semana passada, um outro sismo, com magnitude 6,3 na escala de Richter, matou 37 pessoas e feriu mais de 800 no sudoeste do Irão. O terramoto aconteceu na região onde está localizada a única central nuclear iraniana, mas Teerão garantiu que as instalações não sofreram danos.

Situado sobre uma importante falha geológica, o Irão é palco frequente de abalos sísmicos de forte e média intensidade. Em 2003, um terramoto de magnitude 6,6 arrasou a cidade de Bam, no sudeste do país, matando cerca de 25 mil pessoas.


Comunicado



Onde quer que esteja seja um **CIDADÃO REPORTER**

Denuncie quando vir problemas na sua rua, bairro ou cidade!

Reporte por uma mensagem de SMS para **821111**



Vilankulo FC: A vítima de costume da “lisura” insti- tucional

O Vilankulo FC, clube representante da província de Inhambane no Moçambola, é o único dos 14 em competição sem direito a passagens aéreas. Os jogadores e a equipa técnica são obrigados, todas as semanas, a percorrer o país de lés-a-lés num autocarro de 32 lugares, pago pela Liga Moçambicana de Futebol (LMF), enquanto os restantes clubes fazem-no de avião. Se no passado as deslocações eram quinzenais, neste ano passaram a ser semanais, obrigando o clube a ter de viajar de Vilankulos para Nampula e de lá para a Matola de estrada, só para citar um exemplo.

Texto: David Nhassengo • Foto: Miguel Manguze

Nesta semana, o @Verdade foi ao encontro de Yassin Amuji, proprietário daquele clube, e do seu treinador principal, Chiquinho Conde, que desabafaram sem colocar algemas nas palavras. Ficou-se a saber destas duas fontes que a equipa nem sequer chega a preparar-se para os jogos, visto que passa a maior parte do tempo a viajar.

Yassin Amuji, presidente do Vilankulo FC

@Verdade – Qual é a sua opinião a respeito do nosso Campeonato Nacional de Futebol?

Yassin Amuji – Vou basear-me somente no que diz respeito ao profissionalismo do mesmo. Eu acho que estamos a caminhar, ainda que a passo de camaleão. A verdade é que há muita coisa que tem de mudar neste futebol. Nós precisamos de gerir o futebol moçambicano como desportistas e não como políticos amadores.

@V – Qual é a diferença entre os nossos gestores desportistas e os políticos?

YA – Gerido por desportistas, o nosso futebol pode estar estável de modo a estabilizar muita coisa no país. Mas enquanto for gerido por políticos, todo o trabalho feito poderá ser destruído, porque as pessoas querem aparecer como santos para serem promovidos a anjos, tudo para estarem à esquerda de Deus.

@V – Significa que esta não é a competição que Amuji quis para o seu clube?

YA – Ainda bem que tocou neste assunto. Afinal porque é que estamos a jogar a meio de semana? Qual é a necessidade de terminar este campeonato tão cedo? Em todos os cantos do mundo os campeonatos ficam paralisados por 45 dias, porém, aqui o período de defeso é de quatro meses, sendo que, agora com os jogos a meio de semana, vai subir para seis meses. Este calendário não se enquadra na realidade do nosso país, por mais que tentemos trazer o continente europeu para Moçambique.

@V – Tem denunciado sempre que há pessoas que querem acabar com o Vilankulo FC. Pode explicar isso?

YA – Já éramos um clube prejudicado com as deslocações terrestres, só mudou porque reduziram o período



das viagens de 15 para 7 em 7 dias, para não termos direito a descanso, recuperação e dias para treinar.

O culpado por tudo isto é quem traça o calendário. Mostra efectivamente que não percebe nada de futebol e quer acabar com o Vilankulo FC.

Eu até prefiro pensar que querem acabar com o clube, porque me custa acreditar que há gente que não percebe que esta decisão de jogar às quartas é impossível para qualquer atleta. Será que andamos esquecidos de que a FIFA recomenda 72 horas de descanso para qualquer clube?

@V – Tem nomes das pessoas que querem acabar com Vilankulo FC?

YA – Ainda não confirmei as minhas suspeitas. Porém, é um facto que essas pessoas vão conseguir duas coisas: Ou aniquilar o clube ou nós iremos escrever o nosso nome na história do desporto moçambicano, mesmo na adversidade.

@V – Sente que por o Vilankulo FC ser privado há quem não esteja satisfeito com isso?

YA – Disso não há duvida. Há muita gente que não está feliz com o nosso projecto. Mas para mim o que mais importa é o facto de ver as pessoas que se sentem felizes connosco e orgulhar os que nos assistem desde o primeiro dia de existência. Estamos a evoluir a olhos vistos.

@V – Que conflito há entre Yassin Amuji e a Liga Moçambicana de Futebol?

YA – Não há conflito nenhum. As pessoas podem estar a confundir o facto de o Yassin Amuji estar a reclamar os direitos do seu clube junto àquele organismo. Em qualquer competição os intervenientes devem partir em pé de igualdade. Neste caso, se Vilankulos tem um aeroporto internacional com voos diários para Maputo e para Joanesburgo, por que razão só se pode fazer turismo em detrimento do desporto?

Entretanto, temos uma Liga Moçambicana de Futebol que nada faz para solucionar o problema e dar direitos iguais a todos. Não acredito que o meu país tenha escassez de recursos para um único clube em quatro anos consecutivos.

@V – O que diz a Liga quando o Vilankulo FC apresenta essas queixas?

YA – Houve alguém da Liga Moçambicana de Futebol que apareceu publicamente a dizer que o Vilankulo

FC não se pode fazer de vítima, que só tem de comer um pouco mais. Porém, acredito que essa pessoa não se apercebeu de que ao dizer que temos de “comer um pouco mais” estava a insultar toda a província de Inhambane.

@V – Mas já receberam uma resposta institucional?

YA – Este assunto vem de há anos. As respostas são sempre as mesmas de que estamos a solucionar, de que estamos a trabalhar para melhorar, mas que no fim a realidade tende a piorar. A Liga Moçambicana de Futebol, a Federação Moçambicana de Futebol e o Ministério da Juventude e Desportos têm conhecimento disto.

@V – Ameaçou desistir do Moçambola. Será por falta de solução para o impasse?

YA – Claramente. Temos tentado dialogar com a Liga Moçambicana de Futebol mas parece que não há mesmo solução. E como não há, nada melhor do que retirar o meu clube para evitar que amanhã alguém morra em campo ou aconteça algum acidente.

A saúde e a vida dos nossos atletas são muito mais importante do que qualquer competição, como também defendem os regulamentos da FIFA, que priorizam a saúde, a recuperação e o nível psíquico dos atletas. Ninguém deve entrar nas quatro linhas sem condições para jogar.

@V – Acha que a Liga Moçambicana de Futebol vai ceder?

YA – Isso já não cabe a nós. Nós remetemos uma carta à Liga e agora estamos à espera da decisão dela, a que achar correcta. Se quiserem mesmo o fim do Vilankulo FC, aqui está uma oportunidade de ouro. Contudo, sei que mesmo a competir seremos um alvo a abater depois de todo este escândalo.

@V – E se a Liga não ceder à pressão, vai voltar ao futebol dos quarteirões, olhando para todas as implicações à volta desta decisão?

YA – A decisão será irreversível pelos fundamentos apresentados acima.

@V – Vai um dia querer voltar ao Moçambola?

YA – Se sairmos por causa da incompetência e falta de capacidade dos outros, não regressaremos nunca mais ao Moçambola. Existiremos como um clube amador para felicidade deles.

Comunicado



Onde quer que esteja seja um **CIDADÃO REPORTER**

Denuncie quando vir problemas na sua rua, bairro ou cidade!

Reporte através de um twit para @verdademz



Desporto

Chiquinho Conde, treinador principal

@Verdade – Na qualidade de treinador, quais são as implicações das viagens terrestres para a equipa?

Chiquinho Conde – O desgaste físico e psicológico são as maiores consequências das viagens terrestres na equipa. Parece que não, mas isto afecta o psíquico e o físico dos nossos atletas até da própria equipa técnica.

@V – E como é que tenta gerir esta situação?

CC – Da melhor maneira possível. É necessário que logo após um jogo haja um tempo de recuperação, para logo depois se entrar numa fase de preparação do jogo seguinte. Mas, infelizmente, nestes moldes sou obrigado a colocar os jogadores em estágio logo após cada jogo, mesmo sabendo que o desgaste físico, psíquico e mental é muito grande.

Temos de ter em mente que depois de uma partida de futebol, um jogador tem sempre um semblante, seja de felicidade, seja de tristeza, precisando, porém, de um tempo para digerir isso.

@V – Mas em termos concretos, o que acontece?

CC – Vamos pegar o caso de um jogo numa quarta-feira em Maputo, que a meu ver é absolutamente anormal. Um atleta joga duas horas nesse dia e, normalmente, o corpo sai cansado. Isto no intervalo entre as 15 horas e as 17 horas.

Depois disso, o atleta tem de repousar até às 19h30, a hora do jantar. A seguir ele é obrigado a dormir até ao máximo 22 horas, ciente de que terá de acordar às 04 horas na quinta-feira para seguir viagem de 800 quilómetros de volta à vila de Vilankulos.

A chegada está prevista para o fim da tarde, onde praticamente a quinta-feira é um dia perdido para nós. O descanso é obrigatório, quer pela viagem feita, quer pelo jogo realizado.

O dia de sexta-feira é reservado aos treinos, mas porque os atletas já vêm com fadiga fazemos exercícios de recuperação, de corrida contínua, de lances de bola parada e de toques na bola. Não existe nenhum trabalho a fazer que diz respeito à técnica e à respectiva táctica.

Na última segunda-feira (15), em pleno campo, diante do Chingale de Tete após percorrermos cerca de 100 quilómetros de estrada, um jogador nosso caiu inconsciente. Muitos dizem que se deveu à temperatura. Mas quem nos garante que não foi também pelo cansaço da viagem?

@V – Mas se não sistematiza os treinos, significa então que os jogos não são antecidos de uma preparação?

CC – Absolutamente que não. Jogaremos apenas para defender, uma atitude que deixa muitos colegas meus irritados, por não contribuir para a verdade desportiva. Mas, infelizmente, poucos percebem isso e tenho o dever de agradecer ao treinador Arnaldo Salvado, um homem que teve a coragem de sair publicamente em defesa do Vilankulo FC.

As pessoas precisam de perceber que o Moçambola é diferente da Taça de Moçambique em que as equipas são obrigadas a percorrer longas distâncias de autocarros, ainda que num longo intervalo de tempo entre um jogo e outro.

No campeonato tem de reinar o princípio de igualdade. Em nenhum canto do mundo uma equipa de futebol percorre entre 800 e 1000 quilómetros de estrada para cumprir com o calendário de uma competição que se queira nacional.

@V – Mas muito recentemente apareceu um dirigente da Liga Moçambicana de Futebol a dizer que o Vilankulo FC não precisa de se fazer passar por



vítima, mas que devia esforçar-se um pouco mais, visto que quer estar na competição.

CC – É incrível esse comentário. Só pode ser de alguém que nunca jogou futebol, ou seja, de um dirigente que não está informado. Eu já estive na roda dos melhores campeonatos da Europa e tenho toda a legitimidade para ensinar a quem precisa: os jogos a meio de semana não são para campeonatos ou, se pretendermos, uma jornada inteira de um Campeonato Nacional de Futebol. São, sim, para jogos da Taça Nacional, da Taça da Liga e das Ligas intercontinentais.

Uma partida para o campeonato nacional só se for um jogo de acerto de calendário como aconteceu recentemente entre a Liga Muçulmana e o Ferroviário da Beira.

@V – Mas há quem chegue a defender a realização dos jogos a meio de semana, usando como exemplo

a Primeira Liga Inglesa.

CC – É mentira. Essa comparação roça o ridículo de quão falsa que é. É muito grave comparar o Moçambola com o campeonato inglês. Repito: eu já estive na Europa e sei do que falo, aliás, até hoje acompanho esses campeonatos porque sou uma pessoa ligada ao futebol. É preciso mudar a mentalidade dos que estão a dirigir o nosso futebol.

@V – O que há com a mentalidade dos que dirigem o nosso futebol?

CC – Não vamos generalizar mas, neste caso concreto, as pessoas no lugar de trabalharem para beneficiar o futebol, usam o futebol para seu próprio benefício. As pessoas que gerem o futebol moçambicano querem acabar com o Vilankulo FC alimentando esta situação calamitosa.

@V – Refere-se aos dirigentes da Liga Moçambicana de Futebol?

CC – Quem é que admite que esta barbaridade toda contra o Vilankulo FC continue? Quem define o calendário de jogos? Quem dita que a nossa equipa tenha de sair de Tete de autocarro depois de um jogo numa segunda-feira para chegar a Maputo e jogar no sábado, ainda ter de voltar a Vilankulo para jogar na quarta seguinte antes de regressar a Maputo para efectuar outro jogo no sábado?

Mais, porque é que o presidente da Liga Moçambicana de Futebol quando viaja até Vilankulos não o faz por estrada, para sentir aquilo que nós sentimos?

@V – Está de acordo com a desistência do Moçambola anunciada pelo proprietário do clube, o Yas-sin Amuji?

CC – Eu entendo perfeitamente a decisão do presidente e estou solidário. O clube está a competir profissionalmente há sensivelmente quatro anos, tendo chegado a uma final da Taça de Moçambique; tendo conseguido posições variáveis na tabela classificativa final, com uma tendência ascendente; tendo alcançado um registo único no mundo de 13 jogos caseiros, ou seja, todos da competição sem sofrer golos.

Isto, em condições normais, aliado ao facto de algumas pessoas quererem tirar proveito do futebol moçambicano, incomoda muita gente. Repare que antigamente jogávamos fora de casa num intervalo de 15 em 15 dias e hoje as coisas mudaram bruscamente, para de 7 em 7 dias.

Eu e o presidente Amuji arquitectámos um projecto de desenvolvimento do clube a longo prazo. Mas nestas condições não vamos a lugar nenhum, nem no próprio Moçambola iremos garantir a manutenção.

@V – Mas o clube não sai a perder?

CC – Eu devolvo a pergunta. A quem interessa este cenário todo contra o Vilankulo FC?

O pensamento que reina no seio de quem dirige o Moçambola é o de que nós somos provincianos e não merecemos crescer por esse motivo, que nós somos um parente pobre dos restantes clubes.

Obviamente que o clube sai a perder, mas temos de continuar a sacrificar os jogadores porque alguém quer que seja assim? Será que alguém se recorda como é que terminou a destemida equipa do One Pouné?

@V – Qual é a solução que propõe?

CC – Que haja bom senso por parte da Liga Moçambicana de Futebol. Como disse atrás, que prevaleça a igualdade entre os clubes do Moçambola ou, caso isso seja difícil, que se volte ao calendário anterior em que tínhamos jogos fora de 15 em 15 dias.

Somos desportistas e precisamos de repouso.



VOCÊ pode ajudar! Esteja seja um **CIDADÃO REPORTER**

Denuncie quando vir problemas na sua rua, bairro ou cidade!

Reporte através de um e-mail para **averdademz@gmail.com**



Comunicado

Desporto

Moçambola: Liga Muçulmana assalta a liderança do campeonato

Decorreu, no pretérito fim-de-semana, a quarta jornada do Moçambola, edição 2013, marcada pela subida da Liga Muçulmana ao topo da tabela classificativa após derrotar o Ferroviário de Maputo no derby da ronda. Já o clube campeão nacional, o Maxaquene, conquistou os três pontos e aproximou-se do pelotão de comando.

Texto: David Nhassengo/Redacção • Foto: Miguel Manguzeu

Depois de resolvido o conflito que opunha o Ministério do Trabalho aos clubes moçambicanos de futebol, no qual estes últimos chegaram a anunciar a paralisação do Campeonato Nacional de Futebol por tempo indeterminado, jogou-se no último fim-de-semana a quarta jornada do Moçambola. O destaque foi para o jogo entre a Liga Muçulmana e o Ferroviário de Maputo no Estádio da Machava no passado sábado (13).

Foi uma partida entre duas equipas totalmente diferentes, quer na abordagem, quer na própria disposição táctica. Por um lado um Ferroviário de Maputo mais directo com lançamentos longos da bola a partir da zona defensiva e, por outro, uma Liga Muçulmana que mantinha a bola em sua posse.

Logo no início, as duas equipas mostraram-se bastante prudentes e encostadas nas suas zonas recuadas, como quem esperava pela iniciativa do adversário. A disposição táctica do Ferroviário de Maputo no início foi de um 4 - 4 - 2, com Luís e Eurico a fazerem a dupla de atacantes, contra um 4 - 5 - 1 por vezes 4 - 4 - 2 sempre que Liberty fosse ao encontro de Sonito, a unidade mais avançada dos muçulmanos.

Desta atitude recuada das duas equipas, resultou que o Ferroviário de Maputo fosse o primeiro a dar indicações de querer sair da Machava vitorioso, até porque jogando em casa tinha essa responsabilidade. O primeiro lance de perigo deu-se à passagem do minuto 24, quando David obrigou o guarda-redes Caio a fazer a primeira defesa da tarde.

Ainda durante a primeira parte, por três vezes Caio viu a bola a circular perto da sua baliza, tendo faltado apenas frieza para os lances resultarem em golo. Um dos momentos mais destacados foi quando, à passagem do trigésimo segundo minuto do jogo, Luís, com a baliza totalmente escancarada, tocou levemente o esférico para fora das quatro linhas.

Nesta etapa inicial da partida, a Liga não foi capaz de criar um lance sequer de verdadeiro perigo. Contudo, a equipa orientada por Litos entrou endiabrada nos segundos 45 minutos ao colocar o Ferroviário de Maputo atrás da linha defensiva.

Volvidos 62 minutos do jogo, o lateral esquerdo da Liga Muçulmana, Miro, na cobrança de um livre perigoso à entrada da grande área locomotiva, forçou o guarda-redes Pinto a uma defesa espectacular, tirando o esférico da linha do golo. Os muçulmanos ganharam um canto e, na sequência do pontapé de bola parada, Hélder Pelembe, um avançado de estatura ligeiramente baixa, voou mais alto do que os centrais do Ferroviário de Maputo para introduzir a bola no fundo das malhas.

O silêncio tomou conta do Estádio da Machava que, enquanto os adeptos da equipa da casa tentavam digerir o primeiro golo, viu Josimar fazer um passe vertical que isolou Hélder Pelembe. Com Pinto adiantado do seu reduto e com os centrais Zabula e Chico “batidos”, o avançado deu-se ao luxo de escolher o ângulo para bisar na partida, quando estavam transcorridos 65 minutos.

O Ferroviário não se conformou, mas também não fez nada que demonstrasse vontade de inverter o cenário. O técnico Victor Urbano ainda colocou no jogo, de uma só vez, diga-se, Tchitcho e Buramo para os lugares de Whisky e Inocent, respectivamente, tudo para dar realce ao meio-campo. Debalde. O golo da locomotiva só surgiu em lance de bola parada por intermédio de Diogo, a seis minutos dos 90.

A verdade dos intervenientes

Vítor Urbano, treinador do Ferroviário de Maputo

Fomos superiores durante a primeira parte e tivemos o jogo controlado. Podíamos ter marcado muitos golos se não fosse a falta de concentração dos meus jogadores.



Perdemo-nos quando permitimos o equilíbrio, onde em dois erros defensivos crassos sofremos golos. Isto é alta competição e temos de ter em mente que se paga caro pelos erros.

Litos Carvalho, treinador da Liga Muçulmana

Foi uma vitória sofrida e dou os parabéns aos meus jogadores. Mas temos de ser francos ao afirmar que o empate seria um resultado justo por aquilo que foi o Ferroviário nos primeiros 45 minutos. Estivemos inseguros e também ressentidos do jogo de quarta-feira e da viagem que fizemos.



Campeão Nacional “masoquista”

No domingo (14), a vez foi de o Maxaquene, clube campeão nacional, entrar em campo para mais uma vez mostrar que quer revalidar o título, após derrotar o Vilankulo FC na terceira jornada. No entanto, para o jogo desta quarta jornada, Arnaldo Salvado recorreu “aos serviços mínimos” colocando no banco as suas pedras basilares, nomeadamente: Kito, Macamito, Acácio, Payo, Jair e Campira.

Na primeira parte a partida não teve momentos dignos de realce, com o Maxaquene a jogar praticamente no reduto adversário.

rio diante de um Estrela Vermelha da Beira recuado e bastante defensivo, que se limitou a jogar apenas ao contra-ataque. Aliás, diga-se, em abono da verdade, que Betinho e Carlos, os homens encarregues por Abdul Omar de comandar as jogadas ofensivas, chegaram a incomodar a defesa montada por Arnaldo Salvado nas jogadas rápidas de ataque.

A primeira oportunidade de golo pertenceu ao Maxaquene quando, transcorridos 27 minutos, o Estrela Vermelha viu Gabito dentro da grande área cabecear a bola para fora na sequência de um cruzamento de Dário Chissano.

Dois minutos mais tarde, a vez foi de Filipe que recuperou o esférico na zona divisória e, aproveitando-se da ligeira subida da equipa adversária, rompeu pelo flanco esquerdo, galgou terreno e fez um centro rasteiro, faltando quem pudesse desviar o esférico para o fundo das malhas.

Na segunda parte o jogo ganhou mais interesse. Por um lado, a equipa visitante acreditou que podia surpreender o adversário, pelos acontecimentos da etapa inicial e, por outro, um Maxaquene algo perturbado por falta de golo.

O primeiro lance deu-se ao minuto 46 quando Eboh cometeu o maior falhanço do jogo. O atleta, diante do guarda-redes Dawudo, permitiu que este fizesse uma defesa involuntária. Em resposta, o Estrela Vermelha da Beira partiu rapidamente para o ataque, com Betinho a atirar o esférico para uma defesa complicada de Samito.

O Maxaquene continuava a dominar mas os seus jogadores não demonstravam calma suficiente na hora de invadir a muralha contrária. E o golo tardou mas chegou ao minuto 78 por intermédio de Maurício, que respondeu a um belo passe de Gabito.

Mas, quatro minutos mais tarde, a vez foi do Estrela Vermelha igualar o marcador, numa jogada de ataque em que Gabito, na tentativa de aliviar a pressão dos alaranjados, entregou a bola ao seu oponente, Dário, que só se deu ao trabalho de empurrar o esférico para o fundo da baliza de Samito. E quando o relógio marcava o minuto 85, a equipa tricolor bombeou a bola para a área adversária, com Dawudo a fazer uma saída em falso, tendo a bola sobrado para Maurício, que devolveu a felicidade aos tricolores.

A verdade dos intervenientes

Arnaldo Salvado, treinador do Maxaquene



Foi uma vitória difícil. Suámos, mas ao fim do minuto 90 tivemos os três pontos. O nosso adversário criou-nos dificuldades e tenho de dar os meus parabéns ao Estrela Vermelha que mostrou a todos que, apesar de ser uma equipa jovem, está a trabalhar.

Abdul Omar, treinador do Estrela Vermelha da Beira



Não foi fácil. Mas estou feliz pela produção dos meus jogadores que tentaram dar o seu máximo. Infelizmente, sofremos um golo perto do fim e é preciso que todos saibam que perdemo-nos diante do campeão nacional.

Quadro de resultados

4ª Jornada				
Fer. Maputo	1	x	2	Liga Muçulmana
Fer. Beira	1	x	0	Matchedje
Clube de Chibuto	1	x	2	Costa do Sol
Têxtil de Púnguè	2	x	0	HCB de Songo
Fer. de Nampula	0	x	0	Desp. Nacala
Maxaquene	2	x	1	Estrela Vermelha
Chingale	0	x	0	Vilankulo FC
*Liga Muçulmana	3	x	1	Fer. Nampula

* Jogo em atraso 3ª jornada

PRÓXIMA JORNADA - 5ª				
Clube de Chibuto		x		Têxtil de Púnguè
HCB de Songo		x		Fer. Beira
Matchedje		x		Fer. Nampula
Desp. Nacala		x		Fer. Maputo
Liga Muçulmana		x		Maxaquene
Estrela Vermelha		x		Chingale
Costa do Sol		x		Vilankulo FC

L	Clubes	J	V	E	D	GM	GS	DG	P
1º	Liga Muçulmana	4	4	0	0	11	2	8	12
2º	HCB de Songo	4	3	0	1	6	2	4	9
3º	Maxaquene	4	3	0	1	5	3	2	9
4º	Chingale	4	2	1	1	4	3	1	7
5º	Têxtil de Púnguè	4	2	1	1	4	4	0	7
6º	Desp. de Nacala	4	1	3	0	2	1	1	6
7º	Estrela Vermelha	4	1	1	2	4	5	-1	4
8º	Vilankulo FC	4	1	1	2	1	2	-2	4
9º	Fer. Maputo	4	1	1	2	1	3	-1	4
10º	Costa do Sol	4	1	1	2	2	4	-1	4
11º	Fer. Beira	4	1	1	2	3	5	-2	4
12º	Fer. Nampula	4	1	1	2	2	4	-2	4
13º	Clube de Chibuto	4	1	1	2	4	8	-4	4
14º	Matchedje	4	0	0	4	1	6	-5	0

Desporto

Fórmula 1: Vermelho predomina na vitória de Alonso no GP da China

Fernando Alonso venceu de forma incontestável o GP da China, no passado domingo (14), com uma ótima estratégia que proporcionou à Ferrari a primeira vitória na temporada de Fórmula1 e pressionou a actual campeã Red Bull.

Texto: Redacção/Agências • Foto: LUSA

Numa corrida em pista seca, ditada pelas escolhas de pneus e por paragens frequentes nas boxes, Alonso terminou 10 segundos e um décimo à frente da Lotus de Kimi Raikkonen e recuperou do choque na corrida anterior, na Malásia.

Lewis Hamilton completou o trio de campeões mundiais que subiu ao pódio com o terceiro lugar pela Mercedes, apesar de ter largado na pole position.

“A equipa fez um trabalho perfeito no acerto do carro”, disse Alonso, agora terceiro no Mundial de Pilotos com 43 pontos após três corridas – a seis de Raikkonen e a nove do tricampeão Sebastian Vettel, da Red Bull.

A Ferrari diminuiu a diferença para a Red Bull no Mundial de Construtores para cinco pontos. Foi a segunda vitória de Alonso na China, onde o vermelho é considerado a cor da boa sorte, e a primeira dele desde o GP da Alemanha, em Julho do ano passado. Ele chegou a 31 vitórias na carreira, o mesmo número do britânico Nigel Mansell, campeão de 1992.

“Foi uma corrida fantástica desde o começo. Não houve grandes problemas e a degradação dos pneus foi melhor que a esperada. Foi ótimo”, disse o bicampeão depois de uma batalha com quatro líderes diferentes nas primeiras sete voltas. “Nas duas corridas que terminamos, conseguimos um segundo lugar e uma vitória, então o nosso começo de 2013 é muito bom”.

Raikkonen conseguiu o segundo lugar do grid, mas largou muito mal e foi imediatamente ultrapassado pela duas Ferraris. O finlandês caiu para quarto antes de recuperar as posições a par de vários pitstops e apesar de quebrar o bico do carro quando foi forçado a ir para fora da pista pela McLaren de Sergio Pérez. “O que diabo ele está a fazer?”, gritou o “Homem de Gelo” pelo rádio num momento pouco característico de irritação.

Vettel quarto

Vettel terminou em quarto lugar, a apenas 0s2 de Hamilton. A sua emocionante perseguição até a bandeirada final foi o ponto



alto de uma tarde em que os pilotos procuraram administrar o ritmo dos carros. O alemão começou com pneus médios, diferente dos líderes, que usaram os macios, os quais deixou para colocar os compostos mais rápidos a cinco voltas do final. Essa estratégia permitiu a perseguição a Hamilton. “Ainda não estamos lá, mas não estamos tão longe”, disse o chefe da Mercedes, Ross Brawn, a Hamilton pelo rádio.

A equipa viu Nico Rosberg vencer de ponta a ponta na China ano passado. O britânico pode contentar-se com o segundo pódio seguido para o seu novo grupo, depois de deixar a McLaren ano passado, enquanto Rosberg não conseguiu terminar a prova.

A McLaren de Jenson Button, que terminou em quinto, garantindo cinco campeões mundiais nas primeiras posições, chegou a perguntar à equipa se deveria lutar ou simplesmente conservar os pneus. Houve mais agonia para a Red Bull de Mark Webber, que largou dos boxes, pois ficou sem gasolina no treino classificativo. Ele parou ainda na primeira volta para colocar pneus macios.

O australiano resistiu 18 das 56 voltas, parou duas vezes e quebrou a asa dianteira numa colisão com Jean-Eric Vergne, da Toro Rosso, filial italiana da Red Bull. Webber assumiu a culpa e recebeu uma penalidade de três posições no grid do GP do Bahrein, que será realizado no próximo fim-de-semana.

Teoria da Conspiração

A tarde dele contrastou com o GP da Malásia, na semana passada, o qual ele liderou até Vettel ignorar instruções da equipa e ultrapassá-lo. O relacionamento entre os

companheiros foi o principal assunto no paddock de Xangai antes da corrida, mas eles não chegaram a cruzar-se durante a prova, e Webber nunca teve a oportunidade de realizar algum plano de vingança.

A situação em que isso esteve mais próximo de acontecer foi quando Vettel quase acertou no pneu traseiro direito que se desprende do carro de Webber na volta 14. “A estratégia dele estava a funcionar muito bem e ele estava a recuperar”, afirmou o chefe da equipa Christian Horner sobre a corrida de Webber. “O toque foi um infortúnio, e abandonar a corrida foi mais ainda”.

Com raiva, ele afastou qualquer teoria da conspiração contra o australiano, dizendo que esse tipo de sugestão é “um lixo completo”. A nossa principal missão é fazer os dois carros terminarem na melhor posição possível. Qualquer um que acredite que há uma conspiração com qualquer um dos pilotos não sabe o que está a dizer”, respondeu o britânico.

A Ferrari de Felipe Massa, que também ultrapassou Raikkonen na largada, terminou em sexto, com o australiano Daniel Ricciardo, da Toro Rosso, em sétimo, e Paul Di Resta, da Force India, em oitavo.

O francês Romain Grosjean foi o nono, com a Lotus, e o alemão Nico Hulkenberg assegurou o último ponto da corrida para a Sauber e compensou o choque do companheiro Esteban Gutiérrez na traseira da Force India de Adrian Sutil. Gutiérrez recebeu uma punição de cinco posições no grid do GP do Bahrein.

PSG, Barça e United continuam marcha rumo ao título

Os líderes não vacilaram nos principais campeonatos europeus no passado fim-de-semana, já que Paris Saint-Germain FC, Manchester United FC e FC Barcelona ganharam e reforçaram as aspirações à conquista do título. O PSG aumentou para nove pontos a vantagem em França, enquanto em Inglaterra o United voltou a manter os 15 pontos de diferença, pois o rival Manchester City FC esteve em acção na Taça de Inglaterra, prova na qual garantiu o apuramento para a final, frente ao Wigan Athletic. Na Itália, o principal encontro da ronda, entre o AC Milan e o Napoli, registou-se um empate a 1 gol.

Texto: Redacção/UEFA • Foto: LUSA

Na França o PSG deu mais um enorme passo rumo à glória na Ligue 1, pois uma vitória suada sobre o ES Troyes, por 1-0, deixou-o com nove pontos de vantagem no lugar da frente da classificação. O Olympique de Marseille, segundo classificado, revelou-se incapaz de acompanhar o ritmo do líder e empatou a 0 no terreno do Lille, enquanto o Olympique Lyonnais, terceiro da tabela, regressou finalmente às vitórias, após cinco jogos sem ganhar, ao bater o Toulouse FC por 3-1.

Na Inglaterra, o Manchester City vai defrontar o Wigan na final da Taça de Inglaterra, a 11 de Maio, depois de ambos se terem mantido nas meias-finais. O Wigan bateu o Millwall, do segundo escalão, por 2-0, antes de Samir Nasri e Sergio Agüero terem ajudado o City a derrotar o Chelsea FC, por 2-1. Este foi também um bom fim-de-semana para o Manchester United, rival local do City, já que repôs a vantagem de 15 pontos na liderança da Premier League graças à vitória, por 2-0, em casa do Stoke City. Entretanto, o Arsenal ascendeu ao terceiro lugar ao deixar para os últimos minutos a reviravolta frente ao Norwich City, o qual derrotou por 3-1.



Na Espanha, o Barcelona ficou uma vitória mais perto de reconquistar o título da Liga espanhola, graças ao triunfo por 3-0 no terreno do afilto Real Zaragoza, num encontro em que Cristian Tello bisou no triunfo confortável da renovada equipa do Barça. O Real Madrid, segundo classificado, também ganhou por 3-0 no reduto do Athletic Club e Radamel Falcao facturou dois golos na goleada de 5-0 aplicada pelo Club Atlético de Madrid, terceiro, ao Granada. A Real Sociedad de Fútbol, quarta classificada, também ganhou, por 2-0, ao Rayo Vallecano de Madrid por 2-0.

Na Itália o Nápoles não foi capaz de encurtar para seis pontos a distância que o separa da líder Juventus, depois de empatar em San Siro com o Milan, terceiro classificado. Com o campeão a deslocar-se a Roma para defrontar a S.S. Lazio, na segunda-feira, os pupilos de Walter Mazzarri perderam a oportunidade de pressionar os “bianconeri”, por culpa do empate a 1, mas mantêm os quatro pontos de vantagem sobre o Milan. Os “viola” derrotaram a Atalanta BC por 2-0, ao passo que a AS Roma teve dificuldades para vencer o Torino FC por 2-1 e o Cagliari Calcio bateu o FC Internazionale Milano, por 2-0.

Comunicado

Cidadão informado vale por dois tenha sempre

@Verdade perto de si twitter.com/@verdademz



Em Virgem
Margarida disse-se:

“O camarada
foi pior que o
colono”

Em toda a sua extensão, o filme de Licínio Azevedo expõe argumentos que, dez anos depois da libertação de Moçambique da colonização, nos conduzem a uma tese: “O camarada passou para o lado do inimigo”. No seu todo, estes filmes “irão provocar o status quo das pessoas” – havia-se dito antes do início da Semana de Cinema Africano de Maputo, no dia 11. O evento terminou ontem, 18 de Abril. Agora, repensemos sobre esta tragédia humana – Virgem Margarida...

Texto: Inocêncio Albino • Foto: Arquivo

Quem não viveu naquele Moçambique do período pós-independência ainda fresco e, por essa via, não teve a oportunidade (ou o azar) de ser reencaminhado para os Centros de Reeducação, a impressão que fica – depois de assistir ao filme Virgem Margarida – é de que o referido instrumento pouco, ou quase não, respondeu aos objectivos para os quais foi concebido – criar um novo moçambicano. Houve muita opressão, tortura e sofrimento.

Em parte, quem assim pensa não estaria de todo enganado. Mas, a ser verdade que as mulheres que foram encaminhadas para o Centro de Reeducação – com excepção da personagem Margarida – eram prostitutas e não sabiam cuidar das tarefas domésticas, então, a feramenta em alusão teve o seu mérito.

É como a personagem Luísa referiu no seu discurso de recepção ao camarada comandante Felisberto: “Queremos saudar o nosso comandante e, através dele, os nossos dirigentes máximos que lutaram para nos libertar da dominação colonial. Queremos agradecer por nos terem trazido aqui, para conhecermos a maneira de viver do nosso povo”.

“Chegámos aqui como mulheres que não sabiam cuidar de um lar e que não podiam contribuir na luta contra o subdesenvolvimento. Hoje, podemos dizer que estamos transformadas. Assumimos colectivamente o compromisso – diante do camarada comandante – de sair daqui, mulheres novas, com as cabeças bem lavadas”. Mas o que se sabe sobre o filme?

A Virgem Margarida não é um filme sobre a prostituição – como se pode pensar. É uma história de uma adolescente camponesa que é levada, por engano, para o Centro de Reeducação de prostitutas. Decorre numa época específica da crónica oficial moçambicana. Talvez seja

por essa razão que se usam e abusam bastante determinados termos – camarada e comandante, por exemplo.

Como tudo começou?

No início da construção do novo Estado-nação moçambicano havia, em Moçambique, por parte dos governantes, a conceção de que no país existia o obscurantismo, o regionalismo e o tribalismo. Por isso, de uma ou de outra forma, tinha de se eliminar essa estrutura de uma forma radical.

No que se refere à reeducação das prostitutas, as razões não eram poucas. “Vocês aqui são do sul. As demais são do centro do país. Todas possuem mentes colonizadas. Devem aprender que são mulheres da mesma pátria. Vão aprender a comportar-se como mulheres novas. Ou eu não me chamo Maria João”, dizia a camarada comandante que se impunha como uma estrutura de mudança.

Desestruturar para reestruturar

No Moçambique pós-independência – com todas as características de um país recém-descolonizado – havia uma necessidade de se criar uma nova mentalidade. Ao que tudo indica, na leitura que se pode fazer do filme, tal processo passava também por desestruturar o que o sistema anterior havia edificado.

Em resultado disso, depois de ter combatido dez anos (1964 – 1974), a camarada comandante Maria João viu-se obrigada a protelar o seu casamento, o seu plano de constituir uma família, para reeducar prostitutas e transformá-las a fim de torná-las mulheres úteis para aquele Moçambique novo. Ou seja, devia dar prosseguimento à segunda etapa da luta de libertação do povo moçambicano – a libertação cultural.

A dançarina Susana foi forçada a interromper a sua actividade artística, a dança, e a abandonar os seus filhos recém-nascidos como se fosse uma prevaricadora. Aliás, como ela afirma, “sou inocente, sim senhora. Dançar nunca foi crime e jamais será”. A própria Rosa, uma prostituta assumida, foi obrigada a abandonar a sua actividade.

O pior é que o que confere a dimensão de uma tragédia humana ao filme é a presença – entre as prostitutas desterradas – da personagem Margarida que nunca antes se havia envolvido com homem nenhum, acabando por ser abusada,



da, sexualmente, pelo camarada comandante Felisberto.

Desestruturou mesmo

A verdade é que, no Centro de Reeducação, como se viu em Virgem Margarida, os motivos para a punição não faltavam. Por exemplo, revoltar-se contra uma injustiça perpetrada contra si era motivo para que os camaradas castigassem a pessoa. Tal foi o caso da personagem Luísa que se rebelou contra o facto de lhe terem roubado a sua comida. Ela passou a noite dentro de um tambor cheio de água.

Susana, que havia deixado, na cidade, dois filhos menores, não resistiu à notícia de que as suas crianças haviam perdido a vida algum tempo depois. Ela ficou traumatizada. À noite, abandonou o centro e foi devorada por leões, encontrando, assim, a morte. Menos mal, a camarada comandante Maria João também não recebeu com agrado a informação de que o seu noivo se havia comprometido com outra mulher.

“O camarada foi pior que o colono”

Cansadas do sofrimento no Centro de Reeducação, as mulheres traçaram um plano a fim de convencer o comandante de que haviam sido transformadas. Nele enquadra-se o discurso da sua recepção proferida pela camarada Luísa.

O camarada comandante Felisberto manifestou-se de forma corrupta. Ele condicionou a liberdade da camarada Rosa a uma relação sexual – facto que esta comunicou à comandante Maria João.

Depois de se ter provado que se havia cometido uma injustiça contra Margarida, que não era prostituta, quando o comandante Felisberto a devolveu ao convívio social, no meio do caminho, abusou-a sexualmente, tendo contado ao seu amigo camarada administrador que “ela era mesmo uma virgem”. Deixou-a fugir desprotegida na crença de que – antes de chegar ao campo de reeducação – seria devorada pelos leões, o que não aconteceu.

É a par de todos estes argumentos que a camarada Rosa – uma das personagens mais dinâmicas do filme –, revoltada, refere que “o camarada foi pior que o colono”.

Todos os actores que participam no filme são moçambicanos. Dentre eles podemos citar Sumeia Maculuva, Ana Maria, Iva Mugalela, Hermelinda Cimela, Rosa Mário, Ilda Gonzales e Odília Cossa.

Comunicado

Cidadão informado vale por dois tenha sempre
@Verdade perto de si www.verdade.co.mz





Noel Langa, “Qual é a importância dessa ignorância?”

Para além das Artes Plásticas, conversámos com Noel Langa – um dos craques da pintura que o país possui – sobre dinheiro. No entanto, não conseguimos sair da sua esfera de acção e representação. A boa notícia é que, ao que tudo indica, para Noel, o défice de conhecimento que se tem sobre a importância económica das artes possui vantagens: “Ninguém rouba obras de arte em Moçambique. E é bom que assim continue”.

Texto: Inocêncio Albino • Foto: Arquivo

Para muitos leitores – o título desta matéria pode(rá) ser estranho. A verdade, porém, é que é como se no final da conversa com o mestre Noel Langa a nossa preocupação fosse encontrar uma resposta para uma pergunta: “quando o assunto é o consumo das obras de arte no país, Noel, qual é a importância da ignorância que se tem em relação à relevância dessa produção, sobretudo no campo das artes plásticas?”

Com quase toda a sua vida dedica às artes visuais, uma carreira reconhecida no mundo, Noel Langa dispensa qualquer apresentação. Por isso, desta vez, coloquemos o dinheiro no centro e vamos à conversa.

“... é muito mais importante que o dinheiro esteja fora do meu bolso, mas que se configure num bem que me irá estimular, transmitindo-me mensagens – a obra de arte.”

@Verdade: Sei que, como pessoas, no dia-a-dia, somos influenciados pelo dinheiro. Qual é o seu conceito sobre o dinheiro?

NL: O dinheiro é um veículo que nos ajuda a viver, mas não nos conduz à felicidade. Quando se tem muito dinheiro não se dorme. Não há descanso. Como se tem dinheiro, quando chega o fim-de-semana, no lugar de se conviver em casa com a família, engendram-se mecanismos de consumi-lo realizando-se passeios e viagens. Mas também se podia ficar em casa e confraternizar com a família e a vizinhança.

@Verdade: Numa economia monetária, o dinheiro é a condição básica para a obtenção de bens e serviços. Para si, entre os bens e o dinheiro o que tem mais valor?

NL: Eu valorizo mais os bens adquiridos porque eles pressupõem riqueza acumulada noutro formato. Ou seja, se eu tiver os bens não precisarei do dinheiro.

@Verdade: Em que circunstâncias o mestre Noel valoriza o dinheiro?

NL: Sempre que preciso de adquirir os bens de que necessito. Por exemplo, eu não tenho a obra do Mankew em casa. Visito uma galeria de arte onde as criações estão expostas. Uma das obras custa 50 mil dólares. Se eu tiver dinheiro, prefiro comprar a referida obra. Para mim, é muito mais importante que o dinheiro esteja fora do meu bolso, mas que se configure num bem que me irá estimular, transmitindo-me mensagens – a obra de arte.

Eu senti a terapia das obras de arte quando fiz uma exposição na Alemanha Democrática. Sucedeu que todas as minhas criações artísticas, incluindo as que pertencem à minha família, foram enviadas para a Europa. A minha casa ficou nua, desprovida de telas de arte. A pessoa que me havia convidado fazia questão que eu levasse algumas obras da colecção familiar. Ele apreciava muito disso.

Quando retornei ao país, fiquei um mês a aguardar que se me enviassem os objectos. As crianças começaram a sentir a sua falta. O mais novo dizia “pai, onde está a minha ‘pinta?’” Porque é que não a trouxe contigo? Expliquei-lhe que vim de avião e as obras seriam enviadas por navio. O miúdo ficou preocupado, reclamando o facto de que elas se iriam molhar. Ou seja, o aspecto importante nisso é que as crianças cresceram com o sentido de valorização das nossas coisas.

@Verdade: A vida em sociedade, sobretudo na cidade, condiciona a nossa maneira de ser e estar. Olhando mesmo para a questão do dinheiro, somos impelidos a criar contas bancárias. Quando é que Noel tem a ideia clara sobre o dinheiro que possui no banco?

NL: A tecnologia ensina-nos isso. Há vezes que eu preciso de comprar material para a minha produção artística e percebo que, de facto, não tenho saldo suficiente. A partir daí começa o jogo do dinheiro. As preocupações inundam a minha cabeça. Já tenho muitas limitações – há uma série de coisas que não posso fazer. Penso que o dinheiro não é para ser controlado. É um meio que nos apoia a fazer as coisas funcionarem.

Nunca tive um momento de solidão

@Verdade: Quando o homem “abandona” a casa dos seus pais para criar o seu próprio lar, as complicações financeiras são mais evidentes. Como é que foi no seu caso?

NL: Não foi muito complicado para mim, porque quando me separei dos meus pais vim para a cidade de Lourenço Marques a fim de trabalhar. Eu tinha a certeza de que, no local de destino, iria desenvolver uma actividade concreta. Nunca tive um momento de solidão. Acordava de manhã, ia ao trabalho e no fim do mês tinha o meu salário. O meu irmão dava-me orientações sobre como aplicar ou utilizar o dinheiro partindo da necessidade de fazer o rancho.

@Verdade: Na sua opinião, porque é que algumas pessoas – ainda que não tenham problemas financeiros – vigiam a variação do seu saldo nas contas bancárias?

NL: Não sabem investir o dinheiro. Por exemplo, no meu caso, o dinheiro que consegui acumular do meu trabalho nas Europas investi na reestruturação deste edifício. Esta obra já está feita. A minha ambição não é saber que tenho tantos milhões de dólares, mas é gerar obras.

Por exemplo, diferentemente de algumas pessoas, eu, Noel Langa, faço colecção de obras de arte (algo que não apodrece) e não de bebidas alcoólicas. Quando estou aflito vou a um banco pedir um empréstimo. Naturalmente que a primeira pergunta que os banqueiros me colocam está relacionada com as garantias que possuo. A partir daí explico que tenho obras de arte deste e daquele artista. Eles vêm ver, avaliam-nas e cedem-me o dinheiro.

Em parte, esta ignorância é vantajosa

@Verdade: Estará a dizer que os moçambicanos ainda não despertaram em relação ao facto de que as obras de arte constituem uma fortuna?

NL: De facto! Ainda não sabemos que as obras de arte valem dinheiro – e é bom que assim seja porque no dia em que algumas pessoas descobrirem passaremos mal com o problema de roubo. Já se ouviu dizer que em Maputo se roubaram obras de arte? Para se vender a quem?

Devíamos ter a cultura de coleccionar obras de arte. Mesmo eu que sou fazedor de arte tenho criações de outros artistas. No meu acervo, há criações que têm a

ver comigo, como homem, e outras que são fruto da minha relação com a sociedade e o com o mundo.

Se eu for a uma exposição de arte de um colega meu e aprecio uma obra, arranjo mecanismos para adquiri-la. Se a obra não tiver sido vendida, nós trocamos. Mas quando sinto que há muitos concorrentes eu compro a criação – o que se discute é o preço.

@Verdade: Nos dias actuais, há sublimação do conceito de empreendedorismo – olhando-se mais para a questão da geração de dinheiro. Será que existe um perigo latente em relação ao facto de se caminhar para a edificação de uma sociedade cujas relações humanas são baseadas, essencialmente, nesse meio?

NL: Depende do tipo de investimentos que se fazem. Por exemplo, agora, está-se a descobrir as nossas riquezas. Mas nós não sabemos como ir buscá-las. Se vem uma companhia estrangeira com a tecnologia, nós podemos associar isso à nossa terra para gerar esta riqueza. Nisso não há nenhum perigo.

Será perigoso quando, depois de tudo, faltar dinheiro aos moçambicanos. Se os detentores do dinheiro migrarem com os meios de investimento para outros lugares, porque – ainda que do mesmo país – o espaço inicial ficará afectado de forma negativa gerando-se a falência de complexos económicos. Isso é um problema. Ou seja, muitas vezes, é muito melhor desenvolvermos actividades por iniciativa própria para que possamos saber como geri-las em tempos de crise. Temos de educar as nossas crianças a dominar as tecnologias.

Publicidade

Procura-se

Uma empresa multinacional está a procura de propriedade em diferentes locais.

1. A propriedade tem que estar localizada em qualquer uma das seguintes cidades: Maputo, Tete, Chimoio, Nacala, Nampula, Beira.
2. A propriedade deve estar localizada 12 quilómetros do centro da cidade de Maputo, ou a 3 quilómetros do centro da cidade de outras cidades acima mencionadas.
3. A área da propriedade é nada menos do que sete hectares (quanto maior, melhor).
4. Você precisa ser o proprietário de propriedade. Não aceitamos intermediários.
5. Entre em contacto de Segunda a Sexta feira das 08:00 as 16:30

contactos

Ms. Kátia

Tel.: +258 21901990

Cell.: +258 820850925

Email: chinahopemz@hotmail.com

Este anúncio é efectivo a longo prazo.

A promessa de Níria Fire:

“Nhamso- ro wa buya!”



Na noite da quarta-feira, 17 de Abril, a Associação Núcleo de Arte, em Maputo, acolheu a exposição de 22 obras de arte criadas por igual número de artistas, a partir de bicicletas. “Nhamso-ro wa buya” – uma criação de Níria Fire – além de traduzir parte dos problemas que a Mozambikes, a mentora da iniciativa, se propõe suavizar, pode ser um ponto de partida para se perceber outros aspectos.

Texto: **Inocência Albino** • Foto: **Miguel Manguzeu**

A última fase do projecto filantrópico Mozambikes – cujo ponto mais alto será a realização do leilão das obras de arte – está em curso. Neste sentido, na noite da passada quarta-feira, 17 de Abril, a galeria do Núcleo de Arte acolheu a exposição das obras criadas em Agosto do ano passado. A mostra irá durar um mês.

A par do evento, na semana passada, @Verdade manteve uma conversa com a artista plástica Níria Fire cuja participação na iniciativa resultou na criação da obra “Nhamso-ro wa buya” – ou, simplesmente, “O Curandeiro está a caminho” – a fim de perceber não só os contornos da iniciativa, mas também a discussão que a ela pretende gerar com a sua criação.

“Como o pessoal da Mozambikes – os mentores da iniciativa – considerou que, no âmbito deste projecto, havia uma necessidade de transformar um determinado número de bicicletas em obras de arte que, mais adiante, seriam leiloadas a fim de que, com o dinheiro resultante, se adquirissem outras para apoiar as comunidades desfavorecidas das zonas rurais, resolvi criar uma obra que reflectisse esta realidade”, começa por dizer Níria Fire.

Dependendo do ponto em que se analisa o objecto, a obra “Nhamso-ro wa buya” pode ter inúmeras leituras. Mas Níria acha que um aspecto relevante é que quando se pensa na realidade rural percebe-se que, grosso modo, “os meios de transporte são escassos, sendo por isso que, invariavelmente, para o efeito, as pessoas utilizam a bicicleta – um instrumento que para alguns é de luxo”.

É nessa altura que, para a criadora, a bicicleta se torna um elo entre pessoas e lugares distintos, encurtando distâncias. Como, então, explicar a participação do curandeiro nisso? E porque é que esta obra deve ser chamada “Nhamso-ro wa buya?”

A verdade é uma. Muitas vezes, no seu trabalho, o curandeiro precisa de se deslocar para colher plantas e raízes com as quais produz os seus medicamentos. Ele tem de visitar comunidades distantes da sua para curar enfermos. Nisso, a bicicleta joga um papel relevante, encurtando distâncias que, se fossem percorridas a pé, originariam atrasos reiterados no serviço de salvar vidas.

Reconhece-se, então, na criação “Nhamso-ro wa buya”, em virtude de vários factores, a presença de dois actores importantes – o curandeiro e a bicicleta. Por isso, instala-se uma pergunta: quem entre eles assume maior protagonismo?

Não há uma resposta axiomática, ou exacta. A verdade é que num momento um é protagonista e outro é comparsa – o sentido inverso é válido. Mas se considerarmos que o curandeiro é uma figura muito antiga – que confunde ícones – da cultura africana não seria um trabalho incómodo perceber a sua lógica, não obstante as transformações que se operaram com o decorrer do tempo.

Níria Fire que realizou uma mostra com o título “Ilusão de Óptica”, em 2012 em Maputo, considera que “para compreender a essência do ‘nhamso-ro’ na vida das comunidades rurais, é mesmo ignorar (por algum tempo) a realidade das relações sociais num meio urbano”. E não lhe faltam argumentos: “enquanto, aqui, na cidade as pessoas têm ao seu dispor, nas suas proximidades, os serviços de saúde, de educação, de transporte, entre outros, no campo a situação é diferente e, até certo ponto, oposta. Lá ainda faltam postos de saúde, hospitais e escolas”.

É em decorrência disso que, no meio rural, as pessoas “são impelidas a percorrer 20/30 quilómetros ou mais a fim de ter acesso a alguns serviços em referência”. Orientados para minorar a situação, sim, há acções realizadas. Mas a realidade impele Níria Fire a constatar que “o acesso às unidades sanitárias é muito mais complicado devido não somente às distâncias que separam as comunidades das casas de saúde, mas também à quase total inexistência de meios de transporte”.

Ele está entre o bem e o mal

Por exemplo, “há, inclusive, mulheres que chegam a morrer pelo caminho enquanto procuram os postos de saúde distritais a fim de encontrar serviços que lhes garantam um parto seguro”. Então, “à medida em que eu ia trabalhando com a bicicleta, surgiram-me todos estes problemas, até que criei o “Nhamso-ro wa buya”. Na verdade, penso que esta obra é uma maneira de dizer que (parecendo que não) o curandeiro ainda está muito presente na vida de muitos moçambicanos”.

O outro elemento abordado por Níria Fire, que evidencia o poder dos médicos tradicionais no país, é que “pessoas existem que mesmo estando próximas das unidades sanitárias preferem ir, primeiro, ao curandeiro e só depois, caso este as aconselhe neste sentido, é que recorrem à medicina convencional. Ainda nas zonas rurais, há gente que mesmo vivendo nas proximidades dos postos de saúde nunca demandou os seus serviços. Então, aqui, os aspectos culturais – dentre os quais o curandeiro – não só possuem um forte domínio como também orientam a vida dos moçambicanos”.

De acordo com Níria, “é preciso convir, então, que o curandeiro é muito respeitado porque é a pessoa que faz advinhas, dá conselhos, cura doentes, mas também é a pessoa que nos ‘trama’. É verdade, o curandeiro não só cura as pessoas. A par disso, ele faz maldades”.

Quem é Níria Fire?

Originária da província de Nampula, Níria Fire, quanto às artes plásticas, é autodidacta mas também (desde a infância) explora diversas áreas de produção artística como, por exemplo, a poesia, o teatro e a música. Como artesã, a pintora produz instrumentos de música tradicional africana.

Desde os princípios dos anos 2000 a esta parte, participou em mais de 10 exposições colectivas no país. A sua primeira mostra individual de arte – “Cada Ponto de Vista é a Vista de Um Ponto” – decorreu em 2009, na Associação Moçambicana de Fotografia.

Em 2012 realizou a sua segunda exposição individual no Centro Cultural Franco-Moçambique. “Ilusão de Óptica” foi o seu título.

Actualmente é presidente da Assembleia Geral do Núcleo de Arte. Uma parte das suas criações está na posse de colecionadores particulares de obras de arte na Alemanha, Estados Unidos da América, Holanda, Itália e Japão.



Isto é

Inocência Albino
www.verdade.co.mz

Porque é que os governantes não entendem o povo?

Quando é que não comunicamos? Esta questão intriga-me. Será que em algum momento, nós, os Homens, conseguimos não comunicar? Se a resposta for afirmativa, então, volto à pergunta: quando é que nós não comunicamos? Será que não comunicamos quando estivermos calados? A dormir? Ou quando estivermos sozinhos?

Será que não comunicamos quando – diante de uma orientação absurda e incoerente dos nossos superiores hierárquicos – não nos rebelamos? Será que a passividade equivale à ausência da comunicação?

Se eu, nessa lógica de considerar que a passividade equivale a inexistência da comunicação, associar o segundo termo ao conceito de cidadania – que pode ser desenvolvido noutro fórum –, então, seria correcto afirmar que onde não há comunicação, não há exercício da cidadania?

Talvez, esta comparação – que nos sugere a ideia de uma mistura explosiva – não seja adequada. Ela leva-nos a uma nova pergunta: O que é cidadania? É como se estivéssemos a dizer que onde há silêncio não há comunicação. Não havendo comunicação não há cidadania, mas, será que essa lógica é correcta?

Então, como é que se explicam aqueles casos em que (no contexto moçambicano, na cidade de Maputo, por exemplo) mesmo protestando-se, fazendo-se barricadas para encerrar as vias de comunicação – outro termo passível de desenvolvimento noutro espaço – assaltam-se os mercados, as multidões, no seu exercício de cidadania, manifestam-se nas instituições do Governo e, invariavelmente, além da destruição, essa comunicação não gera resultados favoráveis?

Nos últimos tempos tenho percebido que a comunicação é acção – algo que nos remete a comportamentos reactivos e/ou proactivos – mas será que é apenas isso? Será que alguém para estar a comunicar – e ser compreendido – precisa, necessariamente, de utilizar a palavra, a exemplo de todos os instrumentos comunicativos tradicionais? Será que a palavra – já que a tomei como exemplo – é a única ferramenta que condiciona o êxito da comunicação?

Será que só a palavra gera a cultura – mais um conceito que pode ser desenvolvido noutro lugar – dos Homens, modificando o rumo da história?

Uma comunicação, para ser eficaz, deve ser capaz de gerar sentido entre os envolvidos. Movê-los a ganhar a consciência das razões e dos objectivos que lhes levam a comunicar. A comunicação não deve terrorizar as pessoas, muito menos amedrontá-las – como tem acontecido aqui.

Antes de mais, a comunicação deve envolver as pessoas no processo do saber e da geração desse conhecimento. Para ser eficaz, a comunicação não precisa e nem deve ser densa, o que não desvaloriza elaborações complexas. Consideremos o exemplo do nosso contexto, Moçambique, ou, para ser mais preciso, a cidade de Maputo.

Conhecemos os nossos políticos. Sobre eles, todos os dias, os jornais reportam actos de corrupção por si perpetrados. Mas a corrupção é um desvio-padrão. Não é (ou não devia ser) a norma, o seu *modus vivendi*. Os governantes deviam ser honestos. Pessoas exemplares para a sociedade. Mas não o têm sido. Levando a sua falta de carácter ao extremo – nesse desvio da norma de que os *mass media* nos falam, uma espécie de falsidade – dizem que orientam o povo.

Mas, na verdade, os nossos políticos governam o povo como se de infra-estruturas – coisas sem vontade própria, sentimentos, expectativas, idiosincrasias e emoções – se tratasse.

Os políticos precisam da comunicação. Eles necessitam que ela lhes sensibilize e os consciencialize sobre o (nobre) papel que têm perante a sociedade. Só assim, todas as mensagens, faladas ou não, emitidas pelo povo serão percebidas. É que, ao que tudo indica, neste país – quando o assunto é usar a comunicação em benefício do povo – os políticos revelam-se pobres. (Re) Conhecem a sua importância, mas não a implementam devidamente.

Por essa razão, para mim, enquanto não conseguirmos sensibilizar e consciencializar os governantes – através da comunicação – sobre a importância que eles têm para o povo, neste país, continuaremos tramados. Eles nunca irão compreender-nos. Além de continuarem a ignorar as mensagens emitidas por nós e pelo ambiente, eles irão – fazer como acusam a juventude – vender o país.

OBSERVAÇÃO: Sei que não escrevi só para comunicadores. Sei que fiz misturas explosivas. Sei que para muitos leitores ficou a impressão de que a comunicação é tudo – o que não é verdade. Ela é uma área de interfaces em que nós, os recentemente ingressados, somos aconselhados a fazer o nosso recorte de estudo. Sei também que coloquei mais questões do que respostas. Sei que não citei nenhum autor embora exista, no texto, uma influência de vários. Mas é isso o que eu pretendia fazer – provocar o debate. Talvez, a uma hora dessas, as perguntas certas e mais importantes sejam: *Qual é o contributo da comunicação nos processos de governação em Moçambique? Será que os governantes entendem o povo? Porquê?*

Inocência Albino, 07 de Abril de 2013

Era uma vez, Um show dos Ronin em Maputo

No concerto realizado em Maputo – no âmbito da sua digressão pela África Austral – a banda suíça, Nik Bärtsch's Ronin, realizou um concerto cheio de motivos cinematográficos. O jogo de luzes, combinado com um conjunto de sonoridades exóticas, marcou a diferença num espectáculo que podia ter sido assistido por muita gente...

Texto: Inocêncio Albino • Foto: Martin Möll



Para quem não esteve no Centro Cultural Franco-Moçambicano no sábado passado, 13 de Abril, pode dizer-se que perdeu. No entanto, tal posição não é assumida por todas as pessoas que se deslocaram ao local – afinal, algumas ficaram de fora. Não puderam assistir ao concerto dos Nik Bärtsch's Ronin, na sua primeira presença em Maputo, depois de terem realizado vários concertos em algumas cidades da África do Sul e Suazilândia.

A razão para a exclusão dos espectadores é uma: nos últimos tempos, a equipa do Centro Cultural Franco-Moçambicano tem privilegiado a realização de concertos no auditório. Mas a demanda dos mesmos tem sido grande. O espaço não responde de forma favorável à quantidade de pessoas que afluem ao local. Há amantes de música que – mesmo tendo abdicado das suas actividades a fim de se divertirem no fim-de-semana – não puderam fazê-lo estando no lugar apropriado.

Depois do concerto das Likute, realizado a oito de Março, na semana passada, o show dos Ronin tornou-se o exemplo mais actual.

Na verdade, ao que tudo indica, o referido espectáculo já estava a ser esperado há uma semana. Afinal, muitos moçambicanos que não puderam deslocar-se à Cidade de Cabo, na África do Sul, onde (no contexto do Festival de Jazz), os Ronin actuaram, só podiam fazê-lo em Maputo. Cabo, Joanesburgo, Durban – na África do Sul – e Malkeres, na Suazilândia, são as cidades por onde a banda suíça passou.

O show

Vários adjectivos – dentre os quais intimista, cinematográfico, iluminista – podem ser utilizados para descrever o concerto dos Ronin. A primeira característica é apontada pelo simples facto de este conjunto ter a capacidade de – através da música e do cenário iluminado-técnico gerado no palco – prender os espectadores entre si, chamando a sua atenção para que participassem no evento. Cria-se uma intimidade, e, se quisermos, uma cumplicidade, no seio da plateia que é convidada para o seio dos músicos.

Nessa produção não se sabe, ou pouco se sabe, sobre o destino da música e dos assistentes. Basta que se refira que, em qualquer momento, no referido curso do tempo e da produção artístico-musical, a luz pode desaparecer e as sonoridades aparecerem com uma grande vibração. Em parte, para as pessoas distraídas, a sensação é de surpresa, mas para as atentas gera-se um convite para uma acção ou reacção.

Houve, por exemplo, pessoas que – comprovando que a música é uma linguagem – ao procurar criar sentido nas sonoridades produzidas, bem como encontrar a sua identidade, introduziram signos do seu mundo, da sua cultura no concerto. Disso alguns gritos, tipicamente africanos, incluindo assobios, foram um exemplo.

O valor cinematográfico do evento será, então, traduzido pelo facto de os espectadores – ainda que tendo a convicção de que serão transportados, musicalmente, para um bom porto – não saberem ao certo qual é o seu destino. A qualquer momento pode haver luz, mas também ela pode desaparecer. Pode haver um ritmo, agradável, familiar, contínuo que (de súbito) pode ser trocado por outro, mais vibrante ainda. Ou seja, está-se numa viagem em que os capitães são os quatro elementos que actuam em palco. E os instrumentos, equiparados a ferramentas de remar, são o piano (Nik Bärtsch Ronin), o baixo (Thomy Jordi), o clarinete e o baixo (Kaspar Rast), incluindo um saxofone tocado por Sha.

Por fim, o jogo da luz modifica o cenário mas também propõe um tempo de uma iluminação tênue para os espectadores, criando oportunidades para que os espectadores busquem a luz, ampliando a pupila, ou, em sentido metafórico, se consciencializarem da importância do referido elemento para a vida.

O quarteto Nik Bärtsch's Ronin surge em 2001. É liderado pelo compositor e pianista Nik Bärtsch que é natural de Zurique. Os outros integrantes são o baterista Kaspar Rast, Sha (no clarinete e baixo/contrabaixo e sax alto) e Thomy Jordi no baixo.

KPMG MOÇAMBIQUE

Acima de tudo, agimos com integridade
Above all, we act with integrity

- Lideramos pelo exemplo
We lead by example
- Privilegiamos o trabalho em equipa
We work together
- Respeitamos as características individuais
We respect the individual
- Analizamos os factos antes de formarmos a nossa opinião
We seek facts and provide insight
- Somos transparentes e honestos na comunicação
We are open and honest in our communication
- Dedicamo-nos às nossas comunidades
We are committed to our communities

www.kpmg.co.mz



Segunda a Sábado às 20h45 – FLOR DO CARIBE

Ciro, Amadeu e Rodrigo se oferecem para ajudar Cassiano a denunciar Dom Rafael. Yvete conta a Duque que a mina de tungstênio do Grupo Albuquerque está à venda. Duque tenta convencer Cassiano a esquecer tudo o que aconteceu no Caribe. Hélio orienta Yvete a não contar para Alberto que Duque mostrou interesse em comprar a mina. Guiomar se sente magoada com o desprezo de Alberto. Alberto pede para Guiomar ir embora de sua casa. Ester tenta conter Alberto, que demonstra a revolta que sente pela mãe. Guiomar decide oferecer um jantar para os pais de



Ester. Samuel aceita o convite de Guiomar, prevendo uma oportunidade de descobrir os segredos de Dionísio. Lino se interessa por Carol. Tais conta para Hélio sobre a intenção de Cassiano em denunciar Dom Rafael e Alberto. Ciro pede Mila em namoro. Alberto surpreende Samuel na suíte de Dionísio procurando por uma pista que o incrimine.

Segunda a Sábado às 21h45 – GUERRA DOS SEXOS

Ulisses leva Vânia até uma igreja. Roberta pede para Felipe sair para dançar com ela. Semíramis se desespera ao ver Frô fazendo um feitiço em seu quintal. Lucilene fala para Kiko que acredita que a alergia acabará quando Frô der uma prova de amor para ele. Nando vê Roberta e Felipe se beijando e acaba discutindo com Juliana. Analú recebe um beijo de Zenon. Felipe se declara para Roberta. Juliana atira o vaso de planta de Analú contra Nando, mas não vê a boneca russa cair no chão. Veruska finge ainda ser aliada de Otávio. Roberta pede para Nando não procurá-la mais, e ele vai embora triste. Frô fica com medo do próximo adversário de Ulisses. Carolina recebe uma intimação para ir novamente à delegacia. Charlô se enfurece com Dominginhos.

Carolina rasga a intimação. Vânia conta para Roberta que Juliana brigou com Nando por sua causa. Nando conta para Ulisses que também gosta de Roberta. Juliana encontra a boneca russa em sua casa. Kiko resolve doar todas as roupas que comprou para conquistar Frô. A boneca russa cai da bolsa de Juliana, e Felipe e Nando disputam para pegá-la. Otávio avisa a Veruska sobre os diamantes. Carolina foge de casa. Olivia e Juliana seguem Nando e Felipe. Veruska invade o apartamento de Roberta, rouba os diamantes e foge com Nenê. Otávio tenta falar com Veruska, e Charlô escuta. Roberta, Felipe, Nando, Juliana, Vânia, Ulisses, Olivia, Kiko e Analú seguem os bandidos até o aeroporto. Veruska e Nenê se encaminham ao balcão da companhia aérea.

Quem quer tako vai ao BCI.

O Cartão de Crédito de todos os moçambicanos tem uma nova imagem.

Adira já ao Cartão tako e ganhe a oferta da primeira anuidade*. Saiba como numa Agência perto de si e ande sempre com tako no bolso.

BCI É daqui.

Entradas: 200 paus

Café Jazz Spoon, Apresenta sexta-feira 19 de Abril às 22h.

Av. das Indústrias, Matola - Matlhampene a 550m da N4

Roberto Clemente & Amigos

f Café Jazz Spoon +258 82 009 8548 +25884 509 5718 @cafejazzspoon@gmail.com

A alma do Jazz, vive no Café Jazz Spoon e toca jazz mas que momentos especiais aqui partilhados com pessoas especiais. A J&B

Segunda a Sábado às 22h15 – SALVE JORGE

Wanda não se emociona ao falar com Aisha. Helô explica o que Lucimar deve fazer quando Jéssica estiver em sua casa. Mustafa implora que Helô encontre Berna. Zoe acredita que Wanda quer extorquir Aisha. Diva vai à casa de Lucimar, assim que ela chega com a policial disfarçada. Helô encontra Berna. Wanda pede dinheiro para Aisha. Vanúbia se surpreende ao saber que Delzuite não deixou Pescoço entrar em sua casa. Junior fica feliz com Jéssica. Aisha conta para Mustafa quem é sua mãe biológica e Berna fica nervosa. Haroldo pede para Lena conseguir o telefone de Rosângela. Berna teme ser presa se falar o que sabe para Helô. Wanda se enfurece com Rosângela. Carlos fala para Antonia que seguirá o conselho de Leonor. Amanda promete fazer uma declaração durante o jantar. Nunes avisa que Théo competirá individualmente em um campeonato na Turquia. Helô explica para Morena o que ela fará quando voltar para a Turquia. Wanda fala para Livia que a delegada sabia que ela estava presa e a vilã fica apreensiva. Aisha conta para Lurdinha que encontrou sua

mãe biológica. Théo e Morena se encontram. Morena e Théo têm uma conversa decisiva. Berna marca um encontro com Wanda. Stenio tenta descobrir com Mustafa o motivo da desconfiança de Helô. Aisha pede para o pai não fazer nada contra sua mãe. Delzuite e Diva falam mal de Neuma. Sheila avisa a Lucimar que viu Wanda. Livia manda Wanda trazer Rosângela ao seu encontro. Haroldo marca de sair com Rosângela, que dispensa Garcez. Livia orienta Wanda a ter prudência quando falar com Berna. Lucimar espera Wanda na frente do hotel. Théo e Morena terminam. Nunes sugere que Érica vá com Théo para a Turquia. Neuma não deixa Lucimar se aproximar de Wanda. Pescoço lamenta com todos os vizinhos por ter sido injustiçado. Delzuite manda Samantha entregar remédio para Pescoço. Rosângela fica apreensiva ao saber que a chefe quer falar com ela. João fala para Russo que Morena voltou para a Turquia. Ayla e Farid estranham o comportamento de Ekran. Amanda revela que Carlos não é filho de Gustavo. Berna se encontra com Wanda.



ENTRETENIMENTO

PARECE MENTIRA...



Em Lincol, nos Estados Unidos, Lewis Merrey foi condenado por agressão apenas na multa suave de dez dólares. O juiz teve em alta consideração o facto de o agressor, antes de atacar o agredido, lhe ter pedido, delicadamente, que tirasse os óculos. Logo, não havia intenção de ferir gravemente – e o réu provava, assim, a sua elevada educação.

M. Clay Benfield, cego de nascença, ia apagar o “metro” em Londres, na estação de Victoria, quando ao descer as escadas lhe faltou um degrau, tendo rolado por elas abaixo. Bateu com cabeça violentamente no chão, mas quando as testemunhas desta cena se precipitaram para o ajudarem a levantar-se, M. Benfield sorria apesar do seu sofrimento: o choque curara-o da cegueira.

Logo que se completou o primeiro caminho-de-ferro, na Rússia, entre Moscovo e S. Petersburgo em 1851, o imperador Nicolau I contemplou a obra e considerou-a um milagre. Assim, por alguns anos, ele obrigou o seu povo, sempre que entrava nas estações ou tomava os comboios, a mostrar a sua reverência: os homens descobriam-se e as mulheres cobriam as cabeças como se entrassem numa igreja...

Na ilha Formosa existe a pitoresca crença de que quando uma pessoa morre, o defunto caminha sobre o arco-íris para a “terra de depois da morte”.

PENSAMENTOS...



- É bom ser importante, porém o importante é ser bom.
- Quem tem medo de sofrer, sofre de medo.
- Prefiro amar quem me odeia do que odiar quem me ama.
- Se te portares com dignidade não alteras o mundo, mas ficas com a certeza de que o mundo mau tem um canalha a menos.
- A palavras loucas, orelhas moucas.
- Não chores levado pelo barulho da manhã.
- O louvor em boca própria é vitupério.
- Bom gabador, mau fazedor.
- Quem segue mochos vai ter a ruínas.
- A quem hás-de rogar não hás-de assanhar.
- O que não custa não lustra.
- Ao ingrato todas as portas se fecham.
- O que é nosso à mão nos há-de vir ter.

SAIBA QUE...



Democracia significa governo pelo povo, geralmente através de representantes eleitos. No mundo moderno, a democracia desenvolveu-se a partir das revoluções americana e francesa.

Para os defensores mais radicais, os, digamos, ortodoxos, dum poder genuinamente popular, a democracia directa seria um instrumento do povo em que este se reuniria para fazer as leis ou dar instruções aos que exercem funções executivas, como acontecia, por exemplo, em Atenas, no século V a. C.

Hoje em dia, a democracia directa é representada, sobretudo, pela utilização do referendo.

A homeopatia foi introduzida como prática médica em 1796 pelo médico alemão Christian Friedrich Samuel Hahnemann (1755-1843), sendo um método de tratamento terapêutico que consiste em atacar a doença com o seu agente causador, diferenciando-se da alopatia, que combate o mal com os seus contrários.

O princípio homeopata fundamenta-se na Lei das Semelhanças, e os medicamentos funcionam como vacinas. Para o médico homeopata existem doentes e não doenças; cada ser humano constitui uma individualidade, não só quanto à composição morfológica, mas também fisiológica e, principalmente, patológica.

Apesar de bastante desenvolvido na Índia, França, Rússia, Venezuela, Argentina e no México – onde existem faculdades de medicina homeopática e vários hospitais –, na maior parte do mundo esse método de cura ainda é um ramo da medicina que se desenvolve à margem da ciência oficial.

Uma grande vantagem da terapia homeopática é não apresentar efeitos colaterais, porque a medicação é ministrada em doses mínimas, que actuam directamente sobre o foco causador do mal. Por outro lado, as pílulas e líquidos homeopáticos têm muito menos agentes químicos do que um remédio de laboratório, e, perdendo as reacções químicas e físicas, ganharam em propriedades radioactivas, evitando os efeitos secundários dos medicamentos alopatas.

O tratamento deve ser feito, rigorosamente, obedecendo a horários e prescrições, e os efeitos da cura são demorados.

Existem, actualmente, duas correntes na medicina homeopática: uma que é radicalmente contrária à alopatia, pois considera-a mais preocupada com os lucros do que com os doentes; e outra que defende a associação desse método de cura à medicina oficial.

RIR É SAÚDE



Um amigo a outro:

– Sabes que o Mabande se casa amanhã?
– Ai sim? Pois tenho muito gosto nisso... – responde o outro.

Mas, depois de um momento de reflexão, acrescentou:
– Muito gosto porquê?! O Mabande nunca me fez mal nenhum.

– Aqui está uma carta do nosso agente do Deserto do Saara que diz continuar ali a falta de água.
– No deserto há sempre falta de água!
– Pois sim, mas desta vez é pior. O selo do envelope que continha a carta vinha fixado com um alfinete...

Diz a mulher, apologista da violência doméstica, para o marido farrista:

– Ora bem. Com que então o polícia viu-te ontem abraçado a um poste de iluminação!
– Pronto! Se calhar também tens ciúmes do poste.

Entre vizinhas:

– O Alberto tem realmente uma grande variedade de roupas. Que eu saiba, tem 14 sobretudos, 10 gabardines, 12 chapéus... mas só tem um par de calças...

– Não vês que as pessoas nunca põem as calças nos cabides dos cafés ou restaurantes...

HORÓSCOPO - Previsão de 19.04 a 25.04



carneiro

21 de Março a 20 de Abril

Finanças; Algumas dificuldades, não deverão ser motivo para grande preocupação; tente ser frio na forma como analisa este aspecto e encontrará a melhor maneira de o ultrapassar. Será recomendável prudência nas despesas.

Sentimental; A compreensão do seu par será uma grande ajuda, no sentido de o auxiliar a resolver alguns problemas do seu foro íntimo. Os que não têm par encontrarão, durante este período, condições favorecidas para verem a situação alterar-se.



caranguejo

21 de Junho a 21 de Julho

Finanças; No aspecto financeiro poderá surgir um contratempo, inesperado. Seja objetivo na forma como soluciona as questões que envolvam dinheiro. Poderá entrar numa fase delicada que convém, desde já, ficar atento.

Sentimental; Período um pouco conturbado em que a palavra-chave será a tolerância. O diálogo e a entrega poderão ser a terapia certa para este aspeto, desde que não exagere no seu desejo de saber mais do que será necessário e aconselhável.



balança

23 de Setembro a 22 de Outubro

Finanças; A área financeira não conhecerá, neste período, o melhor momento. Tome algumas precauções e evite despesas desnecessárias. Será aconselhável que seja moderado em tudo o que se relacionar com dinheiro.

Sentimental; Semana muito positiva com os seus níveis de entendimento amoroso a atingirem um momento alto. Aproveite este período para esclarecer algumas dúvidas passadas.



capricórnio

22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Finanças; Algumas dificuldades momentâneas não serão suficientes para o fazer desanimar. A sua determinação será grande e, rapidamente, ultrapassará esta fase, menos boa; no entanto, até lá seja prudente e evite os gastos desnecessários.

Sentimental; Toda a atenção será pouca, neste aspeto. O seu coração encontra-se dividido, e com alguma dificuldade em aceitar alguns factos que o entristecem. Talvez tenha chegado o momento de se assumir, a indecisão poderá transformar a sua vida, pela negativa.



touro

21 de Abril a 20 de Maio

Finanças; Alguma estabilidade no aspeto financeiro não significa que gaste em excesso. Irá iniciar um período em que terá de efetuar algumas despesas e, se não gerir bem as questões de ordem financeira, poderá ter alguns problemas.

Sentimental; Caso tenha par, este será um período, bastante, agradável. Esta semana poderá criar condições para uma conversa que, poderá ter uma grande influência, num futuro próximo.



leão

22 de Julho a 22 de Agosto

Finanças; Algumas dificuldades poderão perturbar o seu equilíbrio emocional. Despesas, já esperadas, serão motivo de alguma preocupação. Esteja muito atento a tudo que se encontre relacionado com dinheiro.

Amor; A sua sexualidade estará em alta e deverá tirar partido dessa circunstância. As noites convidam ao romance; acarinhe e aproxime-se mais do seu relacionamento sentimental.



escorpião

23 de Outubro a 21 de Novembro

Finanças; Alguns obstáculos que possam surgir serão ultrapassados. Para o fim da semana, a situação tenderá a melhorar; no entanto, tendo em conta o período que se atravessa, seja prudente em tudo que se relacione com dinheiro.

Sentimental; Caso não tenha encontrado, ainda a sua alma gêmea, poderá ter esta semana a oportunidade porque tanto esperava. Não permita que a sua habitual franqueza lhe crie problemas, desnecessários.



aquário

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Finanças; Cuidado com alguns excessos, em matéria de despesas. Embora a semana se preveja positiva, não se deverá exceder em gastos, especialmente, se não se justificarem. De qualquer forma, seja cauteloso na área financeira.

Sentimental; O seu par deverá merecer mais atenção da sua parte. Um pouco mais de intimidade poderá contribuir, de uma forma muito positiva para equilibrar este aspeto.



gémeos

21 de Maio a 20 de Junho

Finanças; O dinheiro poderá-se considerar um problema que terá alguma dificuldade em ultrapassar; dependerá de si, das suas capacidades e da sua força interior ultrapassar, pela positiva, esta fase; no entanto, tenha presente que este aspeto requer muita atenção.

Sentimental; Neste campo, não poderá esperar muito, durante este período. As suas relações sentimentais deverão ser bem avaliadas e não tome atitudes precipitadas. Seja dialogante e compreensivo.



virgem

23 de Agosto a 22 de Setembro

Finanças; Semana a revelar uma fase marcada por algumas dificuldades. Será aconselhável que tome as suas precauções; no entanto, não dramatize a situação. A objetividade e a lucidez poderão ser uma grande ajuda.

Amor; Semana um pouco conturbada, com algumas interferências de terceiros na sua vida sentimental. Seja forte e não se deixe conduzir por tentativas externas de complicarem a sua vida naquilo que ela tem de mais íntimo.



sagitário

22 de Novembro a 21 de Dezembro

Finanças; Não se deverão verificar grandes alterações a nível financeiro; no entanto, algumas despesas que se aproximam aconselham a que vá tomando as medidas adequadas, no sentido de tudo se resolver.

Sentimental; Não coloque o seu relacionamento sentimental num plano secundário, mantenha um diálogo atento com o seu par e não se deixe afastar do que é essencial, numa relação amorosa.

Cartoon





todos os dias

www.verdade.co.mz

twitter.com/verdademz
facebook.com/JornalVerdade



Seja o primeiro a saber. Receba as notícias **d'Verdade** no telemóvel.
Envie um **SMS** para o número **8440404** com o texto
Siga verdademz

(Para deixar de receber envie **PARAR verdademz** para o mesmo número)

